

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS
Visão de Professores do Ensino Fundamental
Sobre esta Questão

Maria Auxiliadora Pereira

Ribeirão Preto
2003

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: Visão de professores do Ensino Fundamental
sobre esta questão**

Maria Auxiliadora Pereira

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, inserida à linha de pesquisa: Educação em Saúde e Formação de Recursos Humanos.

**Ribeirão Preto
2003**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: Visão de professores do Ensino Fundamental
sobre esta questão**

Maria Auxiliadora Pereira

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica, do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, inserida à linha de pesquisa: Educação em Saúde e Formação de Recursos Humanos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia
Maria Villela Bueno

**Ribeirão Preto
2003**

FICHA CATALOGRÁFICA

PEREIRA, Maria Auxiliadora.

Violência nas escolas: Visão de professores do Ensino Fundamental sobre esta questão.

Ribeirão Preto, 2003. 114 p; 30 cm.

Dissertação (Mestrado), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Villela Bueno.

Violência. 2. Violência na Escola. 3. Educação para Saúde. Temas Transversais. I. Título.

**“Só a sabedoria pode darão
homem uma resposta de Paz.”**

(M.C.Porto)

DATA DE DEFESA: 24/11/2003

BANCA EXAMINADORA

- Efetivos
 - Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Villela Bueno
 - Prof.^a Dr.^a Maria Alice Ornellas Pereira
 - Prof.^a Dr.^a Maria Madalena Januário Leite
- Suplentes
 - Prof.^a Dr.^a Fátima Neves do Amaral Costa
 - Prof.^a Dr.^a Renata Curi Labate

DEDICATÓRIA

- Aos meus inesquecíveis pais Paulo e Maria (*in memoriam*), que possibilitaram a minha existência mostrando os primeiros caminhos de uma longa jornada para a minha auto-realização.
- Ao prof. Aluisio Farias de Melo, educador e amigo querido, hoje afastado de suas atividades profissionais, mas sempre presente em minha memória, a quem devo o meu “*debut*” na carreira acadêmica.

AGRADECIMENTOS

- À DEUS, meu Senhor por ter me iluminado com sua sabedoria e grandiosidade em todos os momentos dessa árdua caminhada.
- Às minhas irmãs, Graça, Nazaré, Lourdes, sobrinhos e cunhados pelo apoio e solidariedade, sem o que certamente não teria sido possível manter-me firme em meus propósitos.
- À Socorro e Evelyn por terem quebrado, por vezes, os meus momentos de solidão e torcido sempre pela minha vitória.
- À minha sobrinha Cynthia de Paula pelo apoio e colaboração durante o levantamento de dados em Belém.
- Ao magnífico reitor da Universidade do Estado do Pará, por ter facilitado a minha liberação para a realização do mestrado.
- À SEDUC (Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará) e às diretoras das escolas pela autorização à realização da pesquisa junto às escolas.
- À CIPOE (Companhia de Policiamento Escolar de Belém) pelo fornecimento de dados.
- Ao corpo docente e administrativo da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, especialmente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas pelos conhecimentos adquiridos, atenção e solidariedade recebidas.

- À Lourdes e Deolinda, funcionarias da sala de leitura, pela amizade e atendimento às minhas necessidades de consulta bibliográfica.
- À amiga e conterrânea Prof^a. Ms. Mary Elizabeth de Santana pelo encorajamento e acolhida durante a seleção para o mestrado e por ter compartilhado experiências e ansiedades durante esse período de curso em Ribeirão Preto.
- Aos amigos Sr. Pedro Rodrigues Villela (*in memoriam*) e sua esposa Sr^a. Quitéria Pereira Baptista Villela pais de minha orientadora e demais familiares pela acolhida e afetos mútuos.
- Ao Walkirio Fernandes Rosa Júnior pela amizade, paciência, apoio espiritual e profissional.
- Aos amigos Lucimira, Sérgio Renato e Larinha pela amizade, colaboração e mensagens positivas.
- À Eliane Cristina pelo incentivo, colaboração e por se fazer presente mesmo distante.
- Ao Sr. Manoel Palheta, funcionário do Curso de Enfermagem da UEPA, pelos telefonemas amigos.
- Às colegas da Pós-Graduação Rozemere, Celmira, Bárbara, Clícia, Regiane, Ruth, Luís e Marisa pela amizade e pelos momentos de descontração compartilhados.
- A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

- À Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Villela Bueno, minha orientadora que me acolheu com carinho desde o nosso primeiro contato, acreditando em meu potencial, orientando serenamente meus estudos, compartilhando o seu saber, estimulando-me sempre e confortando-me nos momentos difíceis.
- Aos professores que participaram deste estudo, me permitindo o privilégio de conhecer um pouco de suas vivências docentes.

Sumário

Resumo	
Abstract	
Resumen	
APRESENTAÇÃO	02
CAPÍTULO I	03
INTRODUÇÃO	04
OBJETIVOS	11
CAPÍTULO II	12
REFERENCIAL TEÓRICO	13
CAPÍTULO III	40
CAMINHO METODOLÓGICO	41
CAPÍTULO IV	50
RESULTADOS E DISCUSSÕES	51
CAPÍTULO V	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
ANEXOS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

RESUMO

PEREIRA, Maria Auxiliadora. VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: Visão de Professores do Ensino Fundamental Sobre esta Questão. Ribeirão Preto, 2003. (Dissertação de Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

No presente estudo, investigamos a questão da violência que vem permeando, de forma significativa, as relações no espaço escolar. Especificamente, objetivamos levantar qual a visão que os docentes têm sobre o fenômeno, bem como, as formas como este ocorre e as estratégias que são utilizadas para sua superação. Metodologicamente, optamos pela abordagem qualitativa, sendo esta uma pesquisa descritiva-exploratória, de cunho humanista. Para o levantamento de dados, utilizamos a entrevista individual norteada por um roteiro semi-estruturado. Pesquisamos vinte professores de ambos os sexos, sendo a maioria constituída de mulheres com mais de 40 anos, de quatro escolas da rede pública de ensino de um município paraense. Organizamos os dados em quadros e o conteúdo foi analisado por categorização, possibilitando melhor compreensão e interpretação das falas expressas pelos professores pesquisados. Pudemos constatar que os professores percebem a violência como um fenômeno em expansão, reforçado, principalmente, pelas desigualdades sociais, pela influência da mídia e pela desestruturação familiar, contribuindo para muitas conseqüências no cotidiano escolar. As formas explícitas foram as mais evidenciadas, principalmente, através das brincadeiras, palavras, dos empurrões, provocações, brigas e outros. Percebem a violência implícita nas relações interpessoais aluno/aluno, aluno/professor, funcionário/aluno e nas condições de trabalho. As estratégias tomadas frente a violência objetivam impor limites e facilitar a convivência, situando o diálogo e a resolução dos conflitos em sala de aula, como as formas mais indicadas para o seu alcance, além disso, consideram importante a atuação conjunta com os pais, com a comunidade e demais componentes da escola. Sentimentos de preocupação, medo, revolta, insegurança, foram reconhecidos como decorrentes do convívio com a violência. Parece poder depreender-se que um dos maiores problemas das escolas é a falta de humanização nas relações entre seus elementos constitutivos e a falta de projeto político-pedagógico. Reage-se muito à ofensa com ofensa, à agressão com agressão, à indiferença com indiferença, e isto parece constituir o paradigma do comportamento na escola. Isto sugere, a necessidade de reverter-se à situação fazendo da escola um espaço de superação da violência.

Palavras-chaves: violência; violência na escola; educação para a saúde; temas transversais.

ABSTRACT

PEREIRA, Maria Auxiliadora. VIOLENCE IN THE SCHOOLS: Vision of Teachers of the Fundamental Teaching On this Subject. Ribeirão Preto, 2003. (Mastership's Dissertation) - School of Nursing of Ribeirão Preto of the University of São Paulo.

In the present study, we investigate the question of the violence that comes getting into, of significant form, the relation in the pertaining school space. Specifically, we objectify to investigate which the vision that the professors have on the phenomenon, as well as, the forms as this occurs and the strategies that are used for its overcoming. Methodologically, we opt to the qualitative boarding, being this a descriptive-exploratory research, of matrix humanist. For the data-collecting, we use the individual interview guided by a half-structuralized script. We search twenty professors of both, female and male sex, being the consisting majority of women with 40 years, four schools of the public net of education of paraense city. We organize the data in pictures and the content was analyzed by categorization, having made possible better understanding and interpretation of you say express to them for the searched teachers. We could evidence that the teachers perceive the violence as a phenomenon in expansion, strengthened, mainly, for the social inaqualities, the influence of the media and for the family misstructuration, contributing for many consequences in the daily pertaining to school. The explicit forms had been evidenced, mainly, through the tricks, words, of the pushes, provocations, fights and others. Student/student, student/teacher, employee/student and in the work conditions perceive the implicit violence in the interpersonal relations. The strategies was taken front the violence objectify to impose limits and to facilitate to live togheter, pointing the dialogue and the resolution of the conflicts in classroom, as the indicated forms more for its reach, moreover, consider important the joint performance with the parents, the community and excessively components of the school. Feelings of concern, fear, revolt, unreliability, had been recognized as decurrent of the conviviality with the violence. It seems to be able to infer itself that one of the biggest problems of the schools is the lack of humanization in the relations between its constituent elements, the lack of politician-pedagogical project. It is reacted very to the offense with offense, to the aggression with aggression, the indifference with indifference, and this seems to constitute the paradigm of the behavior in the society and school. This is suggest the need to change to the situation making of the school a space to supperation of the violence.

Key-words: violence; violence in the school; education for the health; transverse subject.

RESUMEN

PEREIRA, María Auxiliadora. VIOLENCIA EN LAS ESCUELAS: La visión de Maestros del Enseñar Fundamental En este Asunto. Ribeirão Preto, 2003. (La Disertación de Maestro) - la Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto de la Universidad de São Paulo.

En el estudio presente, nosotros investigamos la pregunta de la violencia que viene y entra, de forma significativa, la relación en el espacio escolar perteneciendo. Específicamente, nosotros el objetivamos para investigar qué la visión que los profesores llevan puesto el fenómeno, así como, las formas como esto ocurren y las estrategias que se usan por su superar. Metodológicamente, nosotros optamos al entablado cualitativo y somos este una investigación descriptivo-exploratoria, de humanista de la matriz. Por el datos-coleccionar, nosotros usamos la entrevista individual guiada por un medio-structuralized la escritura. Nosotros investigamos a veinte profesores de ambos, hembra y sexo masculino y somos la mayoría consistiendo de mujeres con 40 años, cuatro escuelas del precio neto público de educación de ciudad del paraense. Nosotros organizamos los datos en cuadros y el volumen fue analizado por categorización, después de haber hecho posible mejor la comprensión y interpretación de usted dígales expreso para los maestros investigados. Nosotros podríamos evidenciar que los maestros perciben la violencia como un fenómeno en expansión, fortaleció, principalmente, para el inigualdade social, la influencia de los medios de comunicación y para el desestructuración familiar, contribuyendo para muchas consecuencias el perteneciendo diario adiestrar. Las formas explícitas habían sido evidenciadas, principalmente, a través de los trucos, palabras, de los empujones, las provocaciones, luchas y otros. Estudiante / estudiante, estudiante / maestro, el empleado / estudiante y en las condiciones de trabajo perciba la violencia implícita en las relaciones interpersonales. Las estrategias se tomaron frente el obejto de la violencia para imponer límites y facilitar para vivir, apuntando el diálogo y la resolución de los conflictos en aula, como las formas indicadas más para su alcance, es más, consideran importantes la actuación de la juntura con los padres, la comunidad y excesivamente los componentes de la escuela. Sentimientos de preocupación, tema, sublévese, inseguridad, se había reconocido como decorrente de la jovialidad con la violencia. Parece poder inferirse ese uno de los problemas más grandes de las escuelas es la falta de humanización en las relaciones entre sus elementos constitutivos, la falta de político-pedagógico el proyecto. Se reacciona muy a la ofensa con ofensa, a la agresión con agresión, la indiferencia con indiferencia, y esto parece constituir el paradigma de la conducta en la sociedad y escuela. Éste es sugere la necesidad de cambiar a la situación que hace de la escuela un espacio al superati3n de la violencia.

Importante-palabra: violencia; violencia en la escuela; educación para la salud; asunto transversal.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Abordar as múltiplas facetas que envolvem a questão da violência não é tarefa fácil para os interessados neste assunto. Muitas vezes, dada a complexidade existente em torno da temática, as pessoas não se sentem a vontade para falar sobre este problema, seja por não terem uma real percepção de sua dimensão ou mesmo por não se sentirem seguras para lidar com essa situação, como nunca, tão acirrada nos tempos atuais.

Baseando-nos nestes pressupostos, visando a otimização da vida e o mundo pela paz, procuramos realizar o presente estudo, direcionando, particularmente, nosso interesse para a violência no cotidiano escolar.

Observamos que esta temática tem despertado nos últimos anos, certa inquietação por parte dos pesquisadores na área, porém, não tem sido tão investigada quanto os tempos nos incitam. Por outro lado, a mídia nacional e internacional através de veículos de comunicação, como televisão, jornais, revistas e internet, entre outros, ao se dirigirem às instituições educacionais, vêm denunciando severamente situações de violência nas escolas, instigando e alertando as autoridades e a sociedade em geral para esta problemática.

A motivação para realizarmos este estudo advém de toda uma trajetória profissional como enfermeira docente de Saúde Mental no Curso de Enfermagem de uma universidade do norte do país, onde temos procurado trabalhar a visão holística de homem e de mundo em transformação, buscando resgatar neste intento, a melhoria das condições e da qualidade de vida e o exercício pleno de cidadania.

Assim, fundamentando-nos em referenciais teóricos e práticos sobre o assunto, neste estudo investigamos a problemática em questão, na perspectiva de análise da visão de docentes do ensino fundamental, com vistas a atender esta demanda, suscitando possibilidades de trabalho com esta temática a qual, encontra-se inserida nos parâmetros curriculares nacionais.

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

INTRODUÇÃO

Entrando no presente século, a civilização defronta-se com uma série de dificuldades universais herdadas do passado, e também em decorrência das transformações por que passa a sociedade contemporânea.

O crescente progresso que caracteriza os tempos atuais e seus reflexos, vem influenciando o desencadeamento de grandes problemas de relacionamento do homem com a natureza, com os outros e consigo próprio, face à visão fragmentada que ele tem do mundo globalizado. Assim, questões como, a instituição da violência, a vulnerabilidade dos direitos humanos, a degradação e assimetria das relações humanas, o aprofundamento dos desequilíbrios entre os diferentes pontos do planeta, o racismo, a miséria, dentre outros, por si só, formam um quadro suficientemente conflitivo que invalida qualquer posição de indiferença, fuga, resignação ou submissão (Jares, 2002). Isto tudo, têm gerado conseqüências severas e diversidades infinitas; necessitando de uma reflexão conjunta, demandando atenção especial por parte dos profissionais de diferentes áreas do conhecimento, das autoridades e da sociedade em geral.

Não é ao acaso que questões como ecologia, ética e espiritualidade, entre tantas outras, são recorrentes em debates nos últimos tempos. Todas elas refletem a crise da civilização pela qual estamos passando, incitando o surgimento de “um novo paradigma civilizatório que está emergindo e que pode dar sustentação à nova fase da humanidade” (Boff, 1999, p.21).

Enquanto seres humanos, representamos uma parte importante para o equilíbrio necessário à preservação da vida. Entretanto, o equilíbrio do ser humano em diferentes aspectos, vem sendo prejudicado pela dificuldade do próprio homem se perceber como parte integrante e responsável deste todo e, como um ser útil e capaz de estabelecer relações saudáveis consigo e com o seu meio. Assim, em vez de paz, emerge a violência, a guerra, o vandalismo, o crime e a marginalidade, surgindo em massa a delinqüência e a exclusão social.

Embora o homem seja considerado o ser mais desenvolvido do planeta, dotado de capacidades especiais que o diferenciam dos demais seres, o seu viver sempre foi

permeado de ações violentas, sendo a violência considerada um dos mais antigos problemas da humanidade.

Nos últimos anos, essa questão tem cada vez mais se tornado uma das características marcantes da sociedade atual, da qual tem-se falado muito, até porque passou a fazer parte do nosso cotidiano. Para Santos (1995), a violência é reconhecida como um fenômeno complexo, multicausal e de difícil definição, pela ausência de uma construção conceptual capaz de inserí-la nas relações sociais difusas e esparsas do espaço social.

Assim, dada a esta complexidade, Andrade (2001) considera que a violência não deve interessar somente aos profissionais que cuidam da segurança pública, ou aos órgãos de justiça e/ou similares, mas também àqueles que cuidam de aspectos profundos do ser humano, como os educadores, psicólogos, além de médicos, enfermeiros, entre outros, ou seja, profissionais que lidam diretamente com suas necessidades e motivações, até porque o trabalho com o ser humano não se restringe a estes profissionais e diz respeito a todas as áreas do conhecimento que, de forma multi, trans e interdisciplinar, devem compreendê-lo.

De acordo com a literatura, observamos também que o tema da violência é amplo e vem sendo incluído como um dos assuntos de maior interesse em estudos, debates e intervenções nos mais diferentes setores sociais, mas, particularmente, na área da educação e da saúde.

Então, a partir desta visualização entendemos que enquanto profissional de saúde mental, envolvidos com as questões de educação e de saúde não podemos limitar nossa atuação no âmbito individual, mas situar o indivíduo no complexo contexto de fenômenos e experiências que o constituem. Por isso, sensibiliza-nos a questão da violência, principalmente em uma de suas facetas: a violência na escola.

Remontando, pois, nossa inquietação com a violência recordamos que desde muito jovem, já nos incomodávamos com essa questão associando-a com o viver humano, que na concepção de alguns estudiosos, essa já inicia-se com o nascimento, apesar de todos os esforços que são hoje encetados para tornar esse momento de nossa existência, cada vez mais humanizado.

Assim, desde nossa juventude, temos despertado para fatos do cotidiano, caracterizados violentos, decorrentes de relações familiares, relações entre vizinhos,

relações de trabalho, relações na escola, etc.. Nessas relações, percebíamos o predomínio da dominação e da autoridade, como podemos ilustrar com a lembrança de nosso primeiro dia na escola, aos sete anos de idade. Neste dia, tão esperado, a professora impôs-nos um castigo: ficando de joelhos, de rosto para a parede, por não ter conseguido copiar a tempo o dever de casa, saindo dali somente com chegada de um familiar para nos levar de volta para casa. Para nós, esta foi uma vivência traumática, pois era nossa primeira experiência “educativa” fora do lar.

Posteriormente, encontramos professores que nos serviram de modelo e dos quais recordamos até hoje, pois, acrescentaram muito com o seu saber para o nosso aprendizado. É possível que estas experiências escolares tenham contribuído para nosso interesse, desde cedo, pelo ensino e pelo cuidado ao ser humano, levando-nos à educação e alfabetização de crianças da vizinhança no ambiente doméstico, em nossa terra natal.

Ao concluir o colegial (hoje ensino médio), optamos pelo Curso de Enfermagem, com o qual nos identificamos, dado a nossa convicção e predisposição com o cuidar, assistir e educar.

Ao depararmos com o início de nossa trajetória profissional trabalhando na área de Enfermagem Psiquiátrica, atuamos em instituições de assistência a portadores dos transtornos mentais exercendo a função docente-assistencial, onde durante anos, pudemos observar a ocorrência de várias formas de violência contra o ser humano, consolidando o nosso ensejo de lidar com estas questões no cotidiano profissional.

A certa altura de nossa carreira, fomos tomadas por sentimentos de insatisfação e de revolta contra a violência gerada na sociedade, despertando nosso interesse para a realização de especialização em enfermagem psiquiátrica e saúde mental. Esse momento foi estimulador, suscitando-nos mudanças frente a maneira de pensar, sentir e entender as pessoas e o mundo, direcionando a nossa motivação para trabalhar na área preventiva em saúde mental, passando a atuar na comunidade, junto a grupos considerados vulneráveis ou em situações de risco, tais como crianças e adolescentes. Nesta nova área de atuação, pudemos ter uma percepção maior de situações conflituosas na família, na escola e na própria comunidade, nas quais se inseriam esses grupos.

Na década de 90, mais especificamente de 95 a 99, à convite, nos inserimos num Programa de Educação e Saúde numa O.N.G. (Organização Não-Governamental), onde, junto à equipe interdisciplinar, passamos a desenvolver ações de ensino e assistência no serviço de saúde dessa instituição. As ações desenvolvidas eram destinadas a crianças e adolescentes carentes que freqüentavam as escolas informais (profissionalizantes) e escola formal (conveniada com a Secretaria Executiva de Educação do Estado) que faziam parte de sua estrutura organizacional.

Nos espaços referidos, realizávamos ações de cunho individual e grupal, trabalhando temas como saúde, sexualidade, educação, meio-ambiente, cidadania, dentre outros.

Ao assumirmos nossa atuação junto à escola formal, a qual se localizava num bairro periférico da cidade, despertamos nossa atenção para a maneira agressiva e violenta com que as crianças e os adolescentes se relacionavam, principalmente nos horários em que não havia professor na sala de aula e nos horários de recreio. Eles se digladiavam mutuamente, gritando, diziam palavrões, chutavam objetos, paredes, e tudo que estava a frente.

Nesta escola, com muitas dificuldades, conseguimos realizar pequenos trabalhos educativos, voltados para a promoção da saúde abordando questões como a importância da higiene individual e do ambiente, crescimento e desenvolvimento, relações humanas, sexualidade na adolescência, incluindo violência, entre outros. Observávamos que em casos extremos de violência, a direção da escola chamava o aluno, conversava e convocava o seu responsável. Entretanto, percebíamos que só isto não resolvia. Havia na verdade, muito mais uma atitude punitiva, estimulando medo, revolta e descaso. Os professores reclamavam dessa realidade, mas pouco interviam.

Após algum tempo, interrompemos, parcialmente, nossas atividades nessa instituição devido compromissos assumidos com a sub-coordenação do Curso de Enfermagem da Universidade a que pertencemos, porém não deixamos de colaborar com a entidade, nos finais de semana.

Posteriormente, vivenciamos experiências semelhantes em outra escola da rede estadual, onde, a convite de uma técnica educacional iniciamos um vínculo para trabalhar aspectos de Educação para a Saúde, como sexualidade, DST-Aids, drogas e

principalmente violência, tendo em vista, os alunos estarem muito agressivos, segundo o parecer da diretora.

Ao conhecermos esta escola, juntamente com alunos de enfermagem da disciplina que ministramos, chamou-nos atenção às condições do ambiente e a maneira pelas quais as pessoas se relacionavam. Os espaços da escola estavam mal conservados, com infiltrações, sujeira, goteiras, pichações, falta de ventilação. Havia um barulho intenso proveniente da gritaria dos alunos e do tráfego excessivo de veículos; presença de ratos e acúmulo de lixo, vidraças quebradas, carteiras arrebitadas, etc.. Observamos, também, o desperdício, pelos alunos, da merenda oferecida; cenas de agressão (física e verbal) entre os mesmos, professores ausentes, entre outros problemas.

A leitura desta realidade nos levou a indagar junto a alguns membros da escola (professores, vigias, serventes e orientador educacional) como eles viam e conviviam com aquela situação.

Os comentários demonstravam desânimo e desmotivação com o trabalho que realizavam. As pessoas pareciam sentir-se impotentes diante daquela realidade e se acomodavam. Ao aproximarmos-nos dos alunos observávamos situações opostas, quando alguns referiam sentirem-se incomodados, e até revoltados com aquele ambiente, em outros, as atitudes e gestos depreciativos, pareciam ser normais, todavia, violentos entre eles, e encaradas, banalmente, como brincadeiras. Alguns alunos diziam que não suportavam aquela realidade, mas achavam que nada poderiam fazer, pois a própria direção e demais funcionários conviviam pacificamente, com aquela realidade. Ninguém fazia nada para modificá-la. Professores percebiam os problemas, mas nada conseguiam fazer, talvez pela somatória de fatores como falta de apoio, a questão da cultura, ou talvez pela desesperança. Chegamos a relatar à direção a nossa preocupação e inquietação frente aquela realidade, sugerindo que um trabalho educativo efetivo viesse a ser realizado.

Estas constatações nos instigaram a percorrer outras escolas do bairro, onde pudemos verificar situações semelhantes.

Coincidentemente, naquela época, pleiteávamos nossa inserção no programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, nos identificando com a linha de pesquisa: Educação em Saúde e Formação de Recursos Humanos, o

que favoreceu o desenvolvimento do nosso projeto de pesquisa, permitindo-nos vislumbrar o nosso objeto de estudo e nossas buscas frente a problemática da violência no contexto escolar.

Constatamos nos referenciais teórico-práticos encontrados a relevância social da temática escolhida e isto nos tem permitido refletir sobre esta questão, revelando ser de extrema importância, pois embora o ser humano talvez não perceba que determinados eventos como a violência interfiram na sua vida e na sua relação com o meio em que se insere, Pekrul (1999) considera que a violência é um assunto de saúde, pois traz diversas conseqüências a curto e longo prazos à saúde física, mental e espiritual das pessoas e, no final das contas, da sociedade em geral.

A existência de um círculo vicioso, do qual emerge a violência, apresenta-se em proporções gigantescas, mergulha a todos numa onda imensa e profunda, ocorrendo sob diversas formas: física, verbal, sexual entre outras; até mesmo a violência implícita, que não é percebida por muitos, possivelmente, por fazer parte do modo de conviver e ser no mundo de hoje.

Embora estas múltiplas e diferentes violências ocorram em diversos âmbitos da sociedade, em alguns lugares, parece que por muito tempo, tentaram mantê-la em silêncio até que ela se manifestasse como um problema, sem pedir licença. Dentre estes lugares destacamos a Escola, que hoje se obriga a tratar do tema, já que a violência passa a fazer parte do seu cotidiano de forma bastante significativa, através de diversas manifestações, ou seja, a violência de dentro para fora, dentro e dela para fora.

Sendo assim, a violência nas escolas não é um fato novo. Todavia, é uma realidade preocupante, considerada como conseqüência da violência estrutural que vem se disseminando no meio social, representando na verdade, um obstáculo para o desenvolvimento da prática docente, da convivência harmoniosa na escola e conseqüentemente de um processo educativo mais efetivo e participativo. Por isto, faz-se mister a busca de novas formas de intervenção para o enfrentamento desta e de outras dificuldades que batem à porta da escola. Assim, ao estabelecermos uma visão preventiva de que problemas sociais, como a violência, possam ser trabalhados adequadamente, sentimos a necessidade de vislumbrarmos a possibilidade de

contribuir para mudança e construção de um mundo bem melhor, já que nos encontramos num novo milênio.

Neste sentido, é preciso investigarmos como essa realidade se apresenta para construirmos juntos a melhoria da qualidade de vida, favorecendo um trabalho efetivo e alternativo não só do professor, mas que possamos juntos integrar neste esforço, a parceria da multi, inter e transprofissionalidade, com isto, vendo o escolar como um todo, cidadão aberto, crítico e transformador da realidade concreta.

É relevante destacar neste processo, o papel dos educadores, e em especial do professor, do ensino básico, principalmente do ensino fundamental, que suscita investimento no seu saber-fazer, tornando-se crítico, sujeito de mudança e transformação, sensível e democrático, vislumbrando no aluno, o agente pensante, reflexivo, criativo, para juntos construir e crescerem fazendo a diferença.

Desta maneira, entendemos que a escola ao facilitar o exercício da cidadania e a construção de espaços para superação da violência, ou seja, de não-violência, certamente, estará cumprindo com a sua função social e transformadora, que é possibilitar o crescimento e o desenvolvimento humano. Então,

“A escola precisa abandonar os modelos mais ou menos estáticos e posicionar-se dinamicamente, aproveitando as sinergias oriundas das interações com a sociedade e com outras instituições, fomentando, em seu seio, interações interpessoais salutaras” (Alarcão, 2001, p.15).

Para tanto, deverá consolidar uma nova educação, que incite à participação e ao comprometimento de todos frente às questões emergentes no seu interior, cujos objetivos sejam a conscientização e a compreensão do ambiente escolar de forma integrada, tendo em vista, a não-violência, buscando num apelo a paz, no individual e no coletivo, a construção de um mundo melhor, onde todos possam ser mais dignos, mais humanos e mais felizes.

Portanto, a partir destes pressupostos priorizamos neste estudo, os objetivos que seguem.

OBJETIVOS

- Investigar a visão dos professores do ensino fundamental sobre o fenômeno da violência na escola;
- Verificar junto a estes professores, as formas mais comuns de manifestação de violência nas escolas;
- Identificar e analisar estratégias utilizadas para a tentar superar a violência ou controlá-la no cotidiano escolar.

CAPÍTULO II
REFERENCIAL TEÓRICO

REFERENCIAL TEÓRICO

A Violência Geral

A violência generalizada é um dos fenômenos que acometem o mundo contemporâneo em todas as suas instâncias e se manifesta de variadas formas. Ela está presente em toda sociedade e não se restringe a determinados espaços, a determinadas classes sociais, determinadas faixas etárias ou a determinadas épocas.

Apresentado-se como uma preocupação constante do ser humano, isto tem permitido o desenvolvimento de inúmeros estudos com abordagens diversas em diferentes áreas do conhecimento, na tentativa de explicar ou compreender melhor esse fenômeno. Isto resultou no surgimento de várias correntes de pensamento, classificadas por Minayo (1990) como grupos de teorias explicativas do fenômeno de violência, destacando-se, entre elas; o biologicista e psicologicista, de transição, economicista, do estado forte e, numa forma mais ampla de discussão, o grupo de teorias de visão interdisciplinar. Assim, o que era entendido como um problema de determinadas áreas do conhecimento, hoje, mostra-se como uma necessidade interdisciplinar, no sentido de superar, de forma integrada, os problemas do mundo atual.

O momento que atravessamos é de mudanças e, portanto, necessita da mobilização consciente por parte de todos no sentido de visualizarmos uma relação mais saudável entre o homem e o seu meio. Mas, para isso, é necessário compreendê-lo em toda a sua complexidade, o que pressupõe a necessidade de uma inter-relação entre as diferentes áreas do conhecimento.

Entretanto, parece que tal necessidade, não se efetua de forma tão simples. É preciso a união de forças integradoras que utilizem o diálogo e a reflexão para a sua argumentação. Entendemos que esta forma livre de expressão perpassa também, pela escola, pelos professores e obviamente pelo alunado, numa relação de horizontalidade, conforme expressam Freire (1996) e Bueno (2003).

A violência que se encontra presente na sociedade atual, parece-nos fazer parte, cada vez mais, do cotidiano da maioria das pessoas, e pensar e agir em função dela, vem se tornando um modo de viver, principalmente nas grandes cidades. A violência que é vivenciada por todos, parece ser absorvida como prática natural, sendo incorporada ao cotidiano, sem que sejam avaliadas e percebidas as dimensões de suas conseqüências segundo Fonseca (1999, p.483):

“O nosso cotidiano tem sido mobilizado a cada passo que damos e em cada local que aportamos pelas feridas sociais. Elas hoje, se mostram expostas e derramadas na via pública, nas reuniões de nossas escolas, nos noticiários que lemos e o que assistimos. Nossas casas são violadas, sem ou mesmo com a nossa presença. Nossas vidas expõem-se aos riscos de forma mais intensa e repetitiva. A violência faz parte de nosso modo de viver. Tendo-se tornado imanente ao social. Sitiamos-nos em nossas propriedades, em nossos eus, encolhendo-nos diante das inseguranças que nos rodeiam, mesmo quando estamos no interior de nossas casas”.

Nunca a violência esteve tão presente em nosso dia-a-dia quanto agora. A todo momento ocorrem episódios, multiplicam-se cenas atroztes nos jornais, nas revistas, na televisão, provocando na população, sentimentos de insegurança, medo, desesperança, dentre outros. Pela sua dimensão, estes acontecimentos tendem a desencadear nos indivíduos um mecanismo de proteção, expresso por sentimentos de hostilidade e defesa que, se manifestando através das mais variadas formas de comportamento e relacionamentos, podem ser percebidos como processo de constante frustração:

“Em todo mundo, o homem vive uma frustração das suas possibilidades de realização. Disto surge tremendas tensões carregadas de hostilidade e que contam com um denominador comum: a agressão. Esse medo é hoje uma doença universal, e contra ele surge um mecanismo de defesa: a violência” (Pichon – Rivière, 1998, p.80).

Muitas vezes, esses sentimentos, ao serem incorporados como normais ou comuns, não são reconhecidos como agressões ao bem-estar individual e coletivo. Desencadeiam sentimentos de banalização que nos levam a indiferença diante de tantas situações como a fome, a exploração e massacre de menores, a exposição de pessoas ao relento, a poluição ambiental, dentre tantos outros acontecimentos que vão sendo absorvidos como naturais ao processo social.

Em virtude destes e de outros sentimentos relacionados à questão da violência, o ser humano tende, de alguma forma, a desenvolver uma série de comportamentos e pensamentos que impedem seu bem-estar sem se dar conta disto. As suas ações,

muitas vezes, levam-no para a irracionalidade e impedem-no de perceber a dimensão de seus atos.

No âmbito individual, consideramos que a agressividade e a agressão tornam-se elementos relevantes ao entendimento da violência, suscitando a reflexão sobre suas distinções e inserções no âmbito social. A agressividade é uma característica básica do ser humano. Desde o nascimento, ele a utiliza para desempenhar tarefas, vencer etapas e, assim, não se manifesta, necessariamente, como um ato destrutivo. Já a agressão pode ser entendida como qualquer forma de comportamento que implique em prejuízo ou deterioração. Para Barufa (1991, p.40):

“Como todos os animais, o homem também tem sua potencialidade para a agressividade que está intimamente relacionada com o instinto de conservação e, portanto, herdada biologicamente. A transformação dessa potencialidade nas inúmeras formas de violência é um processo adquirido culturalmente”.

Deste modo, tanto a agressividade quanto a agressão encontram-se relacionadas aos aspectos culturais e a capacidade de satisfação das necessidades humanas no meio em que se desenvolvem. Portanto, torna-se mais adequado pensar que o ser humano desenvolve a sua agressividade tanto para manter-se vivo, quanto para defender-se de seu meio que de certa forma, lhe parece hostil.

Embora a Psiquiatria considere algumas psicopatologias como desencadeadoras de condutas agressivas, elas não podem ser entendidas, simplesmente, como situações individuais, pois que, uma vez os indivíduos estando inseridos num determinado meio social, sofrem sua influência e sofrendo sua interferência, e indiretamente, elas estariam retratando também as dificuldades desta sociedade. Para Capra (1982, p.360), é importante ressaltar que na nova visão da psicologia “o reconhecimento da situação psicológica de um indivíduo não pode ser separada do seu meio social, cultural e emocional”. Os psicoterapeutas, por exemplo, estão aos poucos desenvolvendo a consciência de que o transtorno psíquico origina-se, freqüentemente, de desintegração das relações sociais.

Diante deste entendimento compreendemos que a violência é uma questão fundamentalmente social, e que embora seja considerada mais freqüentemente, nas suas formas explícitas, podemos observar que por trás de toda e qualquer manifestação violenta, “há um conjunto de valores sócio-culturais, de referenciais internos e de concepções que levam o indivíduo a exhibir tais atitudes” (Andrade, 2001, p.28).

Assim sendo, podemos perceber que, tanto no Brasil como em vários países do mundo, a violência vem se fazendo presente nas relações desde os tempos mais remotos. A implosão das guerras, do lixo atômico, dos graves desastres ecológicos de toda a ordem, desde os naturais como sociais, dentre outras questões mundiais, retratam claramente esse caos generalizado.

A literatura, nos mostra que a questão da violência surgiu com a própria história da humanidade e vem sendo discutida desde a idade antiga até os tempos atuais.

Odália (1985) considera que o viver em sociedade foi sempre um viver violento e por mais que recuemos no tempo, constatamos que a violência está presente. Ela aparece em suas várias faces.

Ao revermos a história brasileira, defrontamos com a violência a que foram submetidos os índios, bem como todos os procedimentos discriminatórios e de dominação que caracterizaram a colonização do país com significativa repercussão até hoje.

Até nos livros sagrados, como a Bíblia, verificamos a presença deste fenômeno. Conforme referencia Odália (1998), a Bíblia é um repositório incomum de violências, a matriz de uma situação que se perpetua na vida social do homem, onde a prática da violência só é, parcialmente, desvendada. E por ela não ser desvendada é manipulada como uma prática de dominação de iguais. Ela se inicia com a expulsão de Adão e Eva do paraíso, fato que representou a punição que o homem sofreu por ter cometido uma infração. Além desse, vários exemplos retratam as mais diferentes formas de violência.

Em Gênesis (4:8), por exemplo, a morte de Caim foi planejada e executada por seu irmão Abel. Outra citação é a de Deuteronômio (22:18) acerca dos filhos rebeldes em Israel, onde, naquela época, a conduta era que todos os homens os apedrejassem até a morte.

No Velho Testamento (Êxodo), a violência é considerada aceitável como forma defensiva frente a ação dos violentos e escravagistas. Ela é “um apanágio do ser humano que surge em determinadas conjunturas psicológicas e psicossociais, quer como agente, quer como reação. Pode ser uma manifestação defensiva na forma de

preservação ou estar a serviço da satisfação de impulsos perversos racionais ou irracionais” (Levinsky, 2000).

Na era cristã, a paixão e morte de Jesus evidenciaram as diversas faces da violência humana, que vão da discriminação à delinquência.

Diante destes fatos observamos, portanto, que os atos de violência que chocam a sociedade, não são inéditos, porém não deixam de ser bárbaros.

Visualizamos que o atual momento civilizatório, traz consigo, características particulares e peculiares, que em parte, estão determinadas pela visão de mundo e de homem, que permeiam os valores e concepções do conjunto de pessoas que o formam e, por isso, interagem, intimamente, com as formas de relacionamento e posturas adotadas frente aos diversos acontecimentos advindos daí.

A presença de conflitos parece ser constante em qualquer sociedade, seja entre pessoas, como destas consigo próprias e com o meio. No entanto, sua presença não justifica o aparecimento e o crescimento da violência, uma vez que se constituem em elementos de crescimento quando conseguem ser superados. Porém a dificuldade de lidar com tais conflitos e em resolvê-los satisfatoriamente, é que parece contribuir para o crescimento da violência e de outros processos a ela ligados.

Não obstante, ao consultar a literatura sobre a temática, constatamos que a violência vem sendo estudada com mais ênfase a partir dos anos 80. Os estudos e preocupações da maioria dos profissionais e segmentos da sociedade, advêm não apenas como decorrência do clima de intranquilidade, insegurança em todas as esferas sociais, mas também pelo alto custo que tem representado para todos nós.

Devido à quantidade de acontecimentos que permearam e que vem permeando a história da humanidade, existe certa dificuldade de denominar com exatidão o real significado do fenômeno da violência. Segundo Minayo (1999, p.10):

“É muito difícil conceituar violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma resultante das interações sociais; por vezes ainda, um componente cultural naturalizado. Os estudiosos que nos últimos tempos tem se debruçado sobre o tema, ouvindo e descultuando toda a produção filosófica, mitológica e antropológica da humanidade lhe conferem um caráter de permanência em todas as sociedades e também de ambigüidade, ora sendo considerada como fenômeno positivo, ora como negativo, o que retira de sua definição qualquer sentido positivista e lhe confere o status de fenômeno complexo”.

Para Caldas Aulete apud Aquino (2000, p.158-9) entende-se, genericamente, por violência “a qualidade do que atua com força ou grande impulso; força, ímpeto,

impetuosidade [...], intensidade, [...], irascibilidade, força que abusivamente se emprega com direito, opressão, tirania, ação violenta, (jur.) constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer ou deixar de fazer um ato qualquer; coação”.

Semelhante configuração podemos encontrar mesmo na etimologia do termo violência. Assim, o vocábulo “violência” vem do latim *violentia* que significa violência, ato de violentar, caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir” (Michaud, 1989).

Portanto, observamos que, do ponto de vista etimológico, pois, a ambivalência parece persistir, isto é a noção de violência teria sua gênese na idéia tão-somente de “força”, o que pode comportar sentidos “negativos” (profanar e transgredir, por exemplo) bem como “positivos” (caráter bravio, abundância).

No Brasil, o debate que vem sendo desenvolvido em relação à própria violência e suas causas é muito complexo. De um lado, freqüentemente se sobrepõe e, às vezes, se confunde com o debate sobre o processo de democratização, a natureza do estado e os limites da democracia brasileira. De outro lado, ao se multiplicarem os estudos que reconstituem as relações sociais, a vida cotidiana e as culturas de um período importante da história brasileira como a crise do Império, do sistema escravocrata e início da República, “começa assim, a ser composto um mosaico cada vez mais nítido sobre as raízes de uma violência que atravessa a organização social como um todo” (Damacena e Arnaud, 2001, p.8).

Parece que nos últimos anos, este debate vem se tornando mais concreto, articulando-se com temáticas específicas, ressaltando-se, inclusive, o papel das instituições de pesquisa, ONG’s (Organizações Não-Governamentais), e movimentos comprometidos com a luta contra a violência nas mais diversas formas pesquisadas para poder denunciá-la e também propondo caminhos alternativos de desativação de seus mecanismos.

Vemos emergir dos contextos atuais, os mais variados comportamentos e pensamentos que vão se constituindo em elementos relevantes para que mudanças ocorram no âmbito individual e coletivo, bem como no campo do conhecimento popular ou científico.

As mudanças paradigmáticas tornam-se fundamentais para a superação da violência, desde que permitam uma percepção de mundo mais ampliada e consciente por parte do ser humano, como é percebido na visão sistêmica, onde o mundo passa a ser compreendido em termos de redes e totalidades que vão sendo percebidas por cada humano através de sua experiência no mundo (Capra, 1996).

No entanto, constatamos que existe um desequilíbrio do ser humano não só consigo mesmo, mas também, com seu próximo e com o meio em que vive. E que este desequilíbrio, quando não é entendido, trabalhado e superado, contribui para o fomento de fenômenos como a violência. Conforme ressalta Guttari (2000, p.23):

“as relações da humanidade com o socius, com a psique e com a natureza tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não soe em razão de nocividades e poluições objetivas mas também pela existência de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto”.

Tais dificuldades enfrentadas pelo ser humano podem estar relacionadas à sua herança cultural e científica, uma vez que a ciência cartesiana, além de determinar os rumos do conhecimento, influenciou fortemente o pensamento dos seres humanos, prejudicando o entendimento sistêmico de fenômenos como a violência. Neste sentido, Freire (1980, p.40) destaca que:

“o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la. A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo”.

A complexidade da violência, para que seja considerada numa perspectiva sistêmica, presume a necessidade de uma visão de mundo, na rede de suas relações, o que ocorre entre todos os seres humanos e não-humanos. E isto, só é possível “se tivermos uma percepção acurada de sermos parte da teia da vida, então estaremos inclinados a perceber e cuidar de toda a natureza viva” (Capra, 1996, p.29).

Por outro lado, constatamos que o crescimento da violência parece estar associado às dificuldades sociais e de privação de bem-estar da população. O contexto precário em que vive grande parte da população brasileira, intensifica e agrava ainda mais os mecanismos de violência, sem os quais, talvez não fosse possível sobreviver, como destaca Minayo (2000, p.161):

“Em síntese, o crescimento das violências no Brasil mostra um processo de exacerbação das relações sociais, do efeito do desemprego crescente, da falta de

perspectiva de trabalho, do aumento do contrabando de armas e do número de armas em poder da população civil, da organização do crime, da impunidade, da arbitrariedade policial, e da ausência e omissão de políticas públicas”.

Esta situação encontra-se relacionada ao individualismo muito presente no comportamento e pensamento humano, principalmente na sociedade capitalista, que leva os indivíduos a pensarem que se algo ou alguém não está enquadrado conforme determinados parâmetros, entendidos como verdadeiros, é porque não tem o mesmo potencial, podendo ser subjugado, já que não tem o valor desejado ou esperado. Assim, o ser humano tem-se adaptado, ao que não deveria, sob pena de condenar sua própria vida sobre o planeta a longo e médio prazos. Nos impressiona como o homem se adaptou a ares poluídos e pressões psicológicas – ambas essas coisas comprometedoras de uma vida psíquica e organicamente saudável. E sim, porque a inadaptação pode ser um alerta, a última defesa de uma pessoa saudável (Boff, 1999).

Neste novo tempo, marcado por violências, precisamos refletir sobre a vida que temos e a que queremos. Vemos que violências brutais (explícitas) e violências sutis (implícitas) são infelizmente, os principais fios com que é tecido o nosso cotidiano. Por isso, se faz necessário que todos os membros da sociedade, mas, especificamente, os educadores se atentem para estas questões procurando depreender da importância de uma instrumentalização adequada para o enfrentamento individual e coletivo bem como profissional desta situação, marcada pelas severas circunstâncias porque passa a sociedade pós-moderna.

A Violência na Escola

A violência nas escolas é uma das facetas da violência social que mais merece atenção nestes tempos pós-modernos.

Embora, ultimamente, a violência nas escolas tenha despertado o interesse de vários estudiosos, entendemos que o assunto carece ser melhor tratado, especialmente, por parte do Ministério da Educação, pelas Secretarias de Educação, ou outros órgãos afins, pois o problema e suas conseqüências são uma realidade para todos os integrantes das instituições escolares: diretores, professores, alunos, pais, demais servidores e, porque não dizer, a própria comunidade em que está inserida.

Assim, o fenômeno da violência nas escolas hoje, exige de todos um olhar diversificado sobre a questão para podermos compreendê-lo e propor ações de prevenção e intervenção (Waiselfsz, 1998).

Investigando a literatura disponível, observamos que o estudo da violência no ambiente escolar vem apresentando relevantes mudanças tanto no que é considerado violência, como no olhar a partir do qual o tema é abordado. De análises em que a ênfase focava sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos, os estudos passaram a privilegiar a análise da violência entre alunos e desses contra a propriedade, e em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos (Debarbieux apud Abromovay, 2002).

Esta alteração de ênfase à visualização da violência foi acompanhada da necessidade de identificar suas diferentes formas e de definir seus significados, tarefa que se mostra árdua, uma vez que nenhum conceito chega a ser consensual entre os pesquisadores, até porque o termo é amplo e complexo demais para que um consenso seja possível (Abromovay et al, 2002: 95) Para esses autores o que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos,...), da idade e do sexo; sendo, portanto, necessária conceitualização mais apropriada ao lugar, ao tempo e aos atores que a examinam.

Entendemos, portanto, que se não é fácil compreender a complexidade que envolve o significado do termo violência, pois que incide sobre esse, a necessidade de compreendê-lo sob o ponto de vista de determinantes e condicionantes sociais, econômicos, culturais, entre outros (Minayo & Souza, 1997-8), assim também, complexo é compreender e conceituar o fenômeno da violência na escola.

Os termos usados para indicar a violência variam de acordo com o país. Por exemplo: nos Estados Unidos pesquisas sobre violência na escola, utilizam o termo delinquência juvenil, enquanto na Inglaterra esse enfoque não é freqüente. Para alguns autores da literatura inglesa, o termo violência na escola só deveria ser empregado no caso de conflito entre estudantes e professores ou no caso de atividades que causam suspensão, atos disciplinares e prisão (Abromovay et al, 2002).

Para Araújo (2002) existem controvérsias com relação aos conceitos de violência referente à escola.

“Muitos autores referem-se à violência que ocorre dentro da escola da mesma maneira que se referem àquela que é detectada nas suas imediações. Ora utilizam-se da expressão “violência nas escolas”, ora utilizam-se de “violência das escolas”, ou então, confundem a violência que ocorre na educação com ‘educação violenta’”(p.16)

A violência escolar, a partir da discussão de Sposito (1998, 71-3) é aquela que acontece no interior da escola e que aponta uma reação contra a instituição escola, que pode se manifestar sob a forma de depredações do patrimônio, roubos, furtos e também ameaças aos professores e/ou nos atos de vandalismo. Já a violência na escola, que também acontece no interior da escola, é caracterizada como aquela que não diz respeito, especificamente, ao universo escolar. Ela poderia acontecer em outro lugar, mas acontece na escola por ser um dos lugares onde os jovens se encontram. Parece então, inexistir uma reação contra a instituição escola, o que não exige de refletir sobre a crise dessas instituições.

É importante destacarmos, então, que mesmo diante de dificuldades encontradas para aproximar a conceitualização da violência escolar. Alguns avanços já foram alcançados pelos pesquisadores como, por exemplo, a classificação deste tipo de violência em níveis, proposta por Bernard Chacot apud Abromovay et al (2002):

- A violência – golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo;
- Incivildades – humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- Violência simbólica ou institucional – falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; imposição de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos.

Waiselfisz (1998) considera que já existe uma maior sensibilidade coletiva nas várias esferas sociais perpassando o público e o privado, em relação a atos que passam a ser identificados como violentos e inaceitáveis devido ao maior reconhecimento de direitos sociais e de cidadania.

Por outro lado, Camacho (2000) destaca que nas escolas, ainda ocorre uma certa naturalização e banalização da violência, não pela ausência adequada de uma caracterização, precisa do fenômeno, mas exatamente pelo fato de ela se tornar habitual nas escolas e passar a constituir parte do cenário destas.

Na atual conjuntura, torna-se, então, necessária uma preocupação com as várias formas de violência e com o processo de vitimização. Nesse sentido, Abromovay et al (2002) referem que alguns estudiosos atentam para que não seja somente a violência explícita merecedora de atenção, já que outros tipos podem ser traumáticos e graves, sendo recomendado escutar as vítimas e a comunidade acadêmica, para construir noções sobre as violência e os sentidos percebidos pelos indivíduos.

Em relação ao histórico da violência escolar, vimos que a partir da década de 80 (com a quebra da ditadura militar) e início dos anos 90, ela passou a ser reconhecida. Na década de 80, os estudos para compreensão do fenômeno da violência nas escolas, decorrem de iniciativas dispersas do poder público retratando realisticamente, a magnitude e extensão do problema. Levantamentos parciais demonstravam que ela se manifestava por meio de depredações, furtos e atos de vandalismo, principalmente em grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Os registros eram mais episódicos e o protagonista era outro, não os próprios alunos. Esses eram, portanto, as características da violência, propriamente, escolar e despertavam para a questão da segurança nas escolas, não para as questões da natureza educativa. No final dos anos 80 e início dos 90, começamos a verificar a presença de alunos nos atos de vandalismo. Paralelamente, as ações violentas, antes ocorridas apenas nos finais de semana, passaram a acontecer nos intervalos de aulas, durante as práticas no interior da escola (Sposito, 1998:64-67).

Retomando ainda a década de 80, cabe ressaltar que, por outro lado, Guimarães (1984) em sua pesquisa mostra um quadro que contraria as hipóteses dominantes no período denotando o foco da segurança, para a violência por parte das práticas nos estabelecimentos escolares consideradas autoritárias e, portanto estimuladoras de climas de agressões.

O reconhecimento destas realidades tem apontado para a necessidade de intervenções e adoção de medidas de segurança nas escolas.

Entretanto, na adoção de medidas pontuais, o problema da violência nas escolas persistiu na forma de depredações contra prédios, invasões e ameaças à e professores agravados pela intensificação do crime e do tráfico de drogas em algumas cidades brasileiras, aumentando o sentimento de insegurança, principalmente, nos bairros periféricos e, assim a vida escolar passa a sofrer de forma mais nítida os impactos dessa nova conjuntura social (Sposito, 2001).

Nos últimos tempos, alguns estudos tem abordado a questão da violência nas escolas.

Para Córdia (1997), os atos de violência na escola podem estar relacionados a baixa qualidade de vida em termos de uma infra-estrutura. Sobre as depredações, há autores como: Guimarães (1996) e Peralva (1997) que a relacionam à contestação.

Outra forma bastante relatada pelos educadores, alunos e pais, segundo Candau (1999), são agressões entre alunos e os adultos, incluindo-se entre estas as ameaças aos professores, agressões verbais, físicas e psicológicas. As brigas e agressões verbais entre alunos foram apontadas como mais freqüentes, o restante acrescentou professores e funcionários que trabalham nas escolas e os alunos.

Benevides e Guerreiro (2001) observaram que numa das escolas mais violentas de Belém, as principais causas da violência na escola tem sido, entre outras, principalmente, a desagregação familiar, problemas sócio-econômicos, a violência experienciada pelo aluno em casa; a baixa auto-estima; a falta de limites em relação a seus atos; a falta de diálogo e amor na família e na escola; e a formação de gangues. Os maiores responsáveis pelos atos violentos, tem sido os adolescentes do sexo masculino. As brigas entre os alunos ou alunas, pela disputa de um(a) namorado(a), as brigas dentro da sala de aula (por motivos banais), na disputa de jogos e o consumo de drogas são os atos mais comuns na escola. Um dado curioso revelado na pesquisa é que os atos violentos ocorrem com maior freqüência na sexta-feira.

Andrade (2001) descreve em seu estudo que tanto manifestações explícitas e implícitas de violência são detectadas facilmente pelos professores no seu cotidiano de trabalho. As manifestações explícitas são mais evidenciadas foram chutes, empurrões, das palavras, das brincadeiras agressivas, gestual, entre outras; enquanto que as implícitas, são percebidas no contexto de seus alunos, nas relações

estabelecidas entre professores, destas com seus alunos, destes entre si, e nas condições de trabalho.

Um estudo sobre as representações de alunos e professores (Silva, 1997), aponta que os segmentos escolares específicos, alunos, professores e staff técnico não percebem a si próprios como violentos. Ao contrário, é sempre o outro segmento envolvido que promove a ação violenta. Para os educadores, a violência se evidencia de forma mais clara, na relação com os alunos. Estes é que são violentos e, geralmente, os educadores não se percebem promovendo atitudes de violência para com os alunos. É como se professores, diretores e coordenadores pedagógicos fossem isentos de práticas de violência... No entanto, os alunos destacam que a relação entre professor e aluno nem sempre é boa, por falta de compreensão e respeito: “há professores que não se dão respeito na classe. Em geral, não há muito respeito, por falta de respeito à idéia do outro” (p.262-3).

Em um extenso estudo promovido pela UNESCO e realizado por Abromovay e Rua (2002), incluindo quatorze capitais brasileiras, foram entrevistados 34.000 estudantes, 13.000 pais e professores de 340 escolas, examinou amplamente a questão de violência na escola. Os pesquisadores perceberam que na maioria das escolas, sejam públicas ou privadas, a violência atingiu tal patamar que os alunos e professores sentem-se inseguros como se estivessem na rua.

Este referido estudo comprovou ainda que não passa de mito a idéia de que apenas os estabelecimentos de ensino público convivem com o tráfico de drogas, armas e gangues. A situação é bem parecida no ensino privado. Assim 40% dos professores consideram as gangues e as drogas os maiores problemas da escola no Brasil; 50% dos alunos brasileiros têm o aprendizado prejudicado pela violência dentro da escola. As ameaças contra professores tornam-se cada vez mais constantes e perigosas: 50% do corpo docente de São Paulo e 51% do de Porto Alegre relatara, algum tipo de agressão. Quatro em cada dez professores atribuem a violência ao envolvimento com drogas.

Foi constatado ainda que um dos motivos para a expansão do tráfico e consumo de drogas é a falta de medidas mínimas de segurança. Sendo que 53% das escolas particulares não tomam cuidados básicos para proteger seus alunos. Na rede pública, esse número sobe para 65%. Em quatro de dez escolas, a vigilância nos portões é tão

precária que estranhos podem entrar e sair à vontade. Os pesquisadores asseveram que as escolas menores são menos violentas porque o controle dos alunos é melhor. Metade dos alunos que convivem com situações de violência, tem impacto decisivo no aproveitamento escolar. Metade dos alunos que convivem com situações muito agressivas não conseguem concentrar-se nos estudos. A outra metade se divide entre aqueles que desistem da escola e aqueles que ficam, totalmente, nervosos e inseguros. Portanto, a violência acaba sendo uma das primeiras razões do abandono prematuro dos estudos. O mesmo ocorre com os professores. Muitos desistem da profissão, ou procuram outra alternativa de sobrevivência depois de agressões e ameaças.

Portanto, evidenciada, ou não certo é que a violência pode manifestar-se de forma explícita ou implícita. A violência explícita é a forma a que mais temos assistido e ouvido falar diariamente; e a violência implícita ou simbólica é a que não necessariamente percebemos, que atua sutilmente sobre pensamentos e comportamentos como refere Schimidt (2000, p.8).

“Ouve-se muito a respeito da violência física, a qual tem se tornado um problema reconhecidamente mundial, e que por isso mesmo tem ocupado espaço quase diário na mídia, por outro lado, silencia-se sobre a violência simbólica, aquela que não é percebida”.

Andrade (2001) ressalta que a violência implícita deve ser desvelada devido a possibilidade que existe de através dela ocorrerem novas formas de violência. Fato é que se permanece velada e não identificada como um fenômeno, será mais difícil abordá-la na prática. Esse tipo de violência se faz presente em diversos contextos se instala nas diferentes relações sociais, dificultando e prejudicando o desenvolvimento pessoal, educativo e profissional das pessoas.

Uma das evidências mais precisas deste tipo de violência no cotidiano escolar que acomete os professores, tanto no sentido profissional, quanto no pessoal, pôde ser identificado numa reportagem sobre condições de qualidade de vida dos professores brasileiros, do programa Fantástico (Domingo, 25/11/01) ao divulgar que os distúrbios psicológicos apresentados têm como causa a baixa remuneração, a falta de valorização do trabalho, excessiva carga de trabalho, dentre outras.

Quando se trata da violência que cresce e se reproduz no ambiente escolar, trata-se de certo modo, da violência da sociedade como um todo, já que a escola carrega consigo o sistema no qual está inserida e do qual faz parte.

Na área da educação e mais especificamente do processo de aprendizagem, a questão do ambiente tem destacada relevância na teoria da educação libertadora de Freire (1999, p.155) ao lembrar que, “não há dúvidas, que as condições materiais em que vivem os educandos, lhes condiciona a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios”.

Assim, na escola, a violência pode apresentar-se de várias formas, através dos comportamentos atitudes, pensamentos e sentimentos que permeiam as relações de todos os alunos, professores, e demais membros da comunidade escolar. Ela, também, pode manifestar-se nos relacionamentos entre professores, alunos e destes com a comunidade na qual está inserida. Portanto, frente a esta vasta gama de possibilidades, entendemos que a violência pode manifestar-se de forma explícita no interior da escola; por exemplo, no comportamento agressivo dos alunos, nas depredações, brigas, agressões verbais e físicas, assim como qualquer outra forma de interdição de bem-estar, aberta e facilmente detectada e reconhecida.

Para reconhecermos os conteúdos que acompanham as violências, precisamos tratá-las como fenômeno significativo que provoca uma série de conseqüências no cotidiano escolar.

A violência implícita pode estar disfarçada no comportamento indiferente dos diferentes atores, na falta de cooperação e de diálogo. Pode se dar nas relações autoritárias entre o professor e o aluno na sala de aula e entre próprios professores e os próprios alunos. Além disso, ela pode estar presente nas precárias condições de trabalho destes professores e, também, em suas escassas condições que lhes facilitem ter uma vida com qualidade.

Entendemos que a violência implícita acaba sendo incorporada ao cotidiano escolar permeando as relações existentes em seu interior, passando despercebidamente:

“na verdade o professor ou a professora são em si objetos de violência nas relações de trabalho, suscetíveis e pressões e conflitos decorrentes dessas relações desiguais. Às vezes, o professor vive a experiência da desmoralização de seu trabalho com a improvisação contínua de mudanças no sistema de ensino. Entretanto, pode ser co-autor de atitudes discriminatórias contra alunos e escapam, às vezes a reflexão” (Itani, 1998, 40)

Embora o processo educativo possa ocorrer em diversas instituições, é no âmbito escolar que ele encontra grande repercussão. Ainda que a escola se destine apenas a uma parcela de contribuição para o desenvolvimento dos cidadãos, é nela

que se dão relações fundamentais para o desenvolvimento humano. Portanto, Jares (2002) diz que na educação devemos tornar possível o trânsito de uma cultura de guerra e violência, para uma cultura de paz e não-violência, que nos permita viver a paz como um processo criativo com repercussões diretas em nosso cotidiano.

Brunociari apud Jares (2002, 34) ressalta que “quem não consegue preocupar-se com seu entorno e não vive apaixonadamente os problemas de sua época, não é um verdadeiro educador”. Educar para a paz está se tornando uma expressão e uma necessidade educativa cada vez mais conhecida e assumida por boa parte dos que se dedicam a tarefas formativas, tanto na educação formal, como na educação não formal. No plano jurídico, também obteve seu reconhecimento tanto entre as finalidades do sistema educacional, como na inclusão no currículo dos chamados temas transversais, entre os quais está a educação para a paz.

A busca pela paz é uma tarefa inacabada e seguramente inacabável, mas necessária. Por isso, a educação para a paz é um “dever-direito” do educador (Jares, 2000, 34).

O momento histórico em que vivemos suscita abertura de mudanças, neste sentido, a escola é um instrumento de suma responsabilidade na formação de consciência, então:

“...se a diligência, penetrar em suas práticas, se os currículos ocultos corresponderem aos manifestos e se os educadores tiverem a coragem de deixar os seus alunos errarem, para discutir com eles o erro, haverá alguma esperança de mudança, num horizonte que entre nós retrata apenas o amanhecer.”(Werneck, 1992)

Este novo tipo de educação incita a participação e desenvolvimento de valores fundamentais como a solidariedade, a ética e a paz, entendidos como de extrema importância para a superação dos problemas emergentes na sociedade atual.

A Violência nas Escolas de Belém

A violência nas escolas de Belém vem crescendo significativamente, como ocorre na demais capitais brasileiras.

De acordo com a Companhia de Policiamento Escolar do Estado do Pará (CIPOE), os dados dos últimos três anos revelam esse aumento. Em 2000 e 2001,

foram constatados, respectivamente, 216 e 212 casos. Em 2002, o relatório do 1º trimestre da CIPOE, registrou 186 casos.

Segundo a CIPOE, as maiores ocorrências em 2000 foram de desordem na escola (65 casos). Houve registro de 21 casos de vandalismo, seguido de 10 casos de agressões entre alunos e 10 casos de tentativas invasões por gangues.

No ano de 2001, os tipos de ocorrência que mais destacaram foram: tentativa de invasão por gangue (43); vandalismo (39); agressão entre alunos (34); desordem na escola (26); ameaça a alunos (19) e suspeita de furto e uso de arma (16) respectivamente.

Em 2002, as ocorrências que mais se destacaram foram: agressão entre alunos (41), desordem na escola (19), gangues na frente da escola (18) e suspeita de roubo (14).

A faixa etária de maior incidência de violência, em 2002, foi de 12 a 18 anos.

Vale ressaltar que os dados encontrados talvez não revelem a realidade da violência nas escolas, pois que nem sempre as ocorrências são registradas ou denunciadas.

Segundo o Comandante da Corporação da CIPOE, apenas 38 escolas estaduais em Belém têm policiamento fixo, e a ronda motorizada está sendo intensificada. O policiamento fixo deverá ser extinto, pois este não tem se mostrado eficiente na inibição da violência.

Existem ainda outros órgãos além da CIPOE, que atuam no combate a violência, como a Promotoria da Infância e da Juventude. Segundo informações deste órgão as ocorrências de violência na escola ocorrem tanto na escola pública, como na privada. Dentre as ocorrências mais frequentes, são comuns denúncias de abusos sexuais, maus-tratos, além de invasão de membros de gangues e agressões entre alunos. São registrados também casos de violência praticados por professores técnicos, funcionários e direção.

A Escola, o Professor e o Ensino Fundamental

Considerar a questão da educação como pressuposto básico para o fortalecimento da paz e superação da violência, é tratar a escola como o local em que

possam se desenvolver relações positivas onde o aluno seja capaz de vivenciar e construir referenciais sadios de relacionamento com os homens e com o meio-ambiente em que se insere.

Esta abordagem da escola significa entendermos a necessidade premente de uma educação adequada aos novos tempos, para possibilitar a superação de diversas dificuldades que são enfrentadas, como por exemplo, a violência. Assim,

“Longe de ser um luxo, uma nova educação da pessoa como um todo para um mundo como um todo – é uma necessidade urgente e nossa maior esperança, pois todos os nossos problemas seriam totalmente simplificados, se alcançássemos a verdadeira sanidade e a capacidade para amar que é uma parte dela. A paz individual é a base da paz mundial” (Naranjo, 1991, p.114)

É importante que a escola assuma a sua função de verdadeiro centro educativo e não limitar-se a simples função de repassadora de conhecimentos, proporcionando, então, aos seus agentes um local onde todos possam exercitar sua cidadania, podendo vir a constituir-se num espaço de construção de alternativas para a superação de dificuldades advindas do meio em que se insere e do social como um todo.

Apesar de todas as adversidades, atualmente, enfrentadas pelas escolas, especialmente, aquelas vítimas do descaso de governantes e administradores, ainda consideramos possível pensá-las como local fundamental para a consolidação da cidadania.

O mundo da escola, além de outras questões estruturais, abriga sujeitos que desempenham cada qual seus papéis e desenvolvem suas atividades com a finalidade de fazer acontecer o processo educativo. Freire (1991, p.42) ao discutir a questão da estruturação do ensino no Brasil, levanta uma questão oportuna quando pergunta:

“...até que ponto o papel do educador – como responsável também pelo ato de conhecimento no qual se compromete com o educando – será o de transferir os conhecimentos, os conteúdos programáticos, e até que ponto, em nome da necessidade do educando, deveria cumprir com a transferência desse conteúdo como se o conteúdo transferido tivesse a força em si de fazer alterações na percepção do mundo. Ou, pelo contrário, o educando deveria ser estimulado, desafiado para assumir um papel de sujeito que conhece, dirigindo-se ao objeto de conhecimento o qual o educador não pode deixar de lado e em torno do qual o educador deve exercer seu papel. Em última instância, a questão é essa: qual é o papel do educador, qual é o papel do educando no ato de conhecer, qual é a educação?”

Assim, tendo em vista o quadro atual da educação no Brasil e os compromissos assumidos internacionalmente, o Ministério da Educação e do Desporto, ordenou a Elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos (1993 – 2003) concebido

como um conjunto de diretrizes políticas em contínuo processo de negociação, voltado para a recuperação do ensino fundamental.

O ensino fundamental, de acordo com a constituição brasileira é obrigatório e gratuito. O artigo 208 preconiza a garantia de sua oferta, inclusive para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. É básico na formação do cidadão, pois de acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu artigo 32, o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo constitui meios para o desenvolvimento da capacidade de aprender e de se relacionar no meio social e político. É prioridade, portanto, oferecê-lo à toda população brasileira.

A Lei 9394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, consolida e amplia o dever do poder público para com a educação em geral e em particular, para com o ensino fundamental. Portanto, no art. 22 dessa lei estabelece três finalidades básicas: propiciar o desenvolvimento dos potenciais individuais como elemento de auto-realização; preparar para o trabalho e para o exercício da cidadania.

A cidadania deve ser compreendida como produto de histórias vividas pelos grupos sociais, sendo, nesse processo, constituída por diferentes tipos e instituições.

O desenvolvimento da cidadania torna-se aspecto relevante no processo educativo, uma vez que no decorrer do seu exercício, as pessoas tornam-se mais conscientes de seu mundo e tem mais possibilidade de percebê-lo de forma integrada. Além disso, consolida o compromisso que todos os cidadãos têm na construção e transferência do mundo em que vivem.

As possibilidades de conscientização através do processo educativo, podem despertar uma série de comportamentos, sentimentos e novas percepções de mundo, que além de serem significativos para o crescimento dos envolvidos neste processo representarão a força que vem no processo de transformação do mundo como argumenta Weil & Ribeiro (1991, p.183).

“não há dúvida de que a paz é uma questão primordial na educação, tanto de jovens quanto de adultos. Porém, trata-se de assunto muito mais profundo do que uma visão intelectual poderia nos fazer supor. É um velho problema da psicologia social o da mudança de opiniões, de atitudes e comportamentos. Pode-se através dos cursos, mudar de opiniões ou suposições intelectuais, mas, na hora da ação, são as atitudes interiores que se manifestam.”

Neste sentido, verificamos que, como a escola mantém-se viva através de suas relações, das quais emergem uma série de reações e emoções, estas precisam ser trabalhadas e entendidas neste contexto. Isto é o que preconiza Freire (1999) em sua

teoria progressista libertadora ou abordagem sócio-cultural, a qual compreende a educação como uma atividade em que professores e alunos, mediados pela realidade, nela atuam para transformá-la a partir do questionamento concreto da mesma e das relações do homem com a natureza e com outros homens.

A LDB reforça a necessidade de se propiciar a todos a formação básica comum, o que pressupõe a formulação de um conjunto de diretrizes capazes de nortear os currículos escolares e seus conteúdos mínimos. Estas diretrizes constituem os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação (PCN) que foram elaborados para servirem de apoio às discussões pedagógicas nas escolas, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático.

Os PCN's indicam como objetivos do ensino fundamental :

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança de suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de

- inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimentos e no exercício da cidadania;
- conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, em contextos públicos e privados, atendendo as diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e de recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Portanto, os PCN's irão constituir um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o país, tendo como função norteadora, a orientação e a garantia da coerência dos investimentos do sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e subsidiando a participação de técnicos e professores. Sugerem uma proposta flexível de resgate da dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos e co-responsabilidade pela vida social, a ser centralizada nas discussões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional.

Os PCN's propõem uma mudança de enfoque em relação aos conteúdos curriculares. Ao invés de um ensino em que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que os conteúdos sejam como meios para que os alunos desenvolvam capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos.

A educação para a cidadania requer, portanto, a incorporação de questões sociais nos currículos escolares, mas isto não é uma preocupação inédita, pois, estas temáticas já tem sido incluídas em outras áreas, como Ciências Sociais e Ciências Naturais; entretanto, permite-lhe maior flexibilidade e abertura, uma vez que os

temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos .

Assim, o conjunto de temas proposto pelo PCN foi denominado de Temas Transversais (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual, e Trabalho/Consumo).

Para Inoue (1999) os temas transversais precisam estar claros para não correr-se o risco de se transformarem numa nova disciplina, pois assim teríamos então aula de matemática das nove às dez; das dez às onze, aula dos temas transversais. Isso seria “a morte da idéia que norteia os PCN’s e por extensão, dos temas transversais” (p. 13).

Dentre os temas transversais, a ética é um dos temas mais trabalhados no pensamento filosófico contemporâneo, mas é também um tema presente no cotidiano de cada um , pois a reflexão ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. “Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e perante elas, quanto a dimensão das ações pessoais. Trata-se, portanto, de discutir o sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões da vida social.”(PCN, v. 8, p. 30).

A própria função da escola, levanta questões éticas. Para que e a quem serve o saber, os diversos conhecimentos científicos e as várias tecnologias. É importante refletir sobre esta questão. As relações sociais internas a escola são pautadas em valores morais. Como devo agir com meu aluno, com o meu professor, com o meu colega, estas são questões básicas do cotidiano escolar. As práticas dessas relações formam moralmente os alunos, portanto se as relações forem respeitadas, equilibradas, baseadas na coerência, equivalerão a uma bela relação de respeito mútuo. Se forem democráticas, proporcionando que os alunos possam participar de decisões a serem tomadas pela escola, equivalerão uma experiência de como se vive democraticamente, de como se toma responsabilidade, de como se dialoga com aquele que tem idéias diferentes das nossas. Do contrário, corre-se o risco de transmitir aos alunos a idéia de que as relações sociais em geral são e devem ser violentas e autoritárias.

Assim, a questão da violência na escola relaciona-se com as questões éticas que devem ser, prioritariamente, abordadas uma vez que este problema vem interferindo nas relações interpessoais no cotidiano escolar e dificultando a atuação docente.

As relações da escola com a comunidade, também, levantam questões éticas, uma vez que, a escola não é uma ilha isolada do mundo, da cidade ou do bairro em que se localiza. Ela ocupa lugar importante nas diversas comunidades, pois envolve as famílias, portanto o tema ética diz respeito a praticamente todos os temas que devem ser tratados pela escola e, ainda mais, diz respeito as relações humanas presentes no interior e àquelas dos membros da escola com a comunidade.

A proposta da ética como tema transversal aparece justificada nos PCN's por várias razões, dentre as quais destacam-se:

- não correr o risco de tratar a formação moral isolada por meio de aulas específicas;
- a problemática moral está presente em todas as experiências humanas, portanto, deve ser enfocada em cada uma dessas experiências que ocorrem tanto durante o convívio na escola, como no embate com as diversas matérias;
- ajuda o aluno a não dividir a moral num duplo sistema de valores, ou seja, reforçar a educação moral na convivência social, reatando-se os laços entre falar e agir.

A Mídia e a Violência nas Escolas

A preocupação com a violência veiculada pela mídia, também é um espaço que vem sendo observado, desde a década de 70, principalmente nos países do primeiro mundo.

No Brasil, foi a partir da queda do regime militar, que a liberdade de expressão pelos órgãos de comunicação em massa tomou corpo, passando estes, então, a denunciar as mais diferentes formas de violência explícitas e implícitas perpetradas durante anos em nossa sociedade.

Entretanto, observamos que atualmente a questão mídia x violência tem sido, amplamente, discutida em todo o mundo globalizado, e em especial pelos educadores.

Diariamente, a televisão e a rádio difusão transmitem às populações, retratos da violência cruel que fazem notícia, tais como crimes hediondos, atentados, seqüestros, desastres, chacinas, desvarios no âmbito do crime organizado, dentre outras coisas do gênero. Assim, os cidadãos – hoje com acesso a notícias de todo o mundo – recebem uma enorme e lastimável carga diária de imagens e descrições de violência, que já não distinguem bem o excepcional do habitual (Morais, 1995).

De toda a forma, a impressão deixada diariamente pela mídia é a de que uma incontável onda de violência age no mundo, sem que nada possamos fazer. O mundo até hoje, não se esqueceu da destruição, em 2001, do World Trade Center, com suas repercussões na população mundial, a qual, assistiu atônita, através da televisão, a manifestação de loucura extrema, que dizimou milhões de vidas covardemente.

Almeida (2000), refere que a violência não surge do nada, mas tem suas causas, como as têm todos os fenômenos. A mídia, principalmente a televisão, dedica enorme atenção à violência, não com o intuito de eliminá-la ou minorar suas conseqüências, mas sim explorando as manchetes recheadas de cenas, muitas vezes dramáticas para atrair a atenção do público.

Teixeira (1985) lembra que, por ocasião do 1º Simpósio Nacional sobre Televisão e Criança, em agosto de 1977, em São Paulo, o Profº Charles Afkins, da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, participou em entrevista ao jornal da Tarde (edição de 08/08/1977), e declarou: “Filmes de crime e polícia são os mais perniciosos que as cenas “fortes” dos desenhos animados. Mas, mais perniciosas são as imagens reais de violência; aquelas mostradas nos noticiários que as crianças assistem, e muito. De qualquer forma, as crianças que presenciam cenas de violência são duas vezes mais agressivas do que aquelas que não fazem”. O autor acrescenta, que a violência gratuita é a mais assimilável, pois a criança passa a ser colocada diante desses fatos, como se fossem os mais normais possíveis.

Depreendemos, então, que a solução de todos os problemas passa a estar na violência – o que não pode ser benéfico. A grande violência está na repetição, na

insistência e no exagero – três fatores que fazem com que a violência seja apresentada como coisa normal.

Morais (1995) profere que autores como Condorcet, Kant, Comte e outros discerniram com clareza, o papel importante que pode ter uma educação de interesses éticos e dotada de abertura para criatividade. Considera o autor, que os meios de comunicação de massas, como formadores de opinião, são agentes educacionais ou – ao menos – precisam sê-lo. Porém, alerta que tais meios vêm sendo, em muitos aspectos, fatores de deseducação; mas, sempre competirá aos setores mais conscientizados da sociedade, protestar contra o uso tão desastroso de meios maravilhosamente privilegiados. De nada adianta termos, no Brasil, uma das melhores tecnologias televisivas do mundo, “se a televisão, assim como o rádio, contribuem para o despejar de toneladas de lixo mental sobre a sociedade” (Morais, 1993).

Assim, a violência perpassa, inclusive, nos vários programas televisivos que enfatizam e reproduzem com veemência atos de violência e até barbárie que acontece, freqüentemente, nas sociedades em geral. Além disso, a televisão, comumente apresenta programas com brincadeiras desrespeitosas, objeto sarcástico. Até programas infantis exibidos não fogem a essa conotação.

Em matéria veiculada no jornal o Estado de São Paulo (17/01/1996), Beth Carmona, diretora de programação da TV Cultura, alerta para o fato de que a sociedade, o empresariado, a polícia e a Igreja de São Paulo tem reagido pela imprensa por artigos e colocações bastante contundentes de possíveis ações em torno do assunto violência e televisão. Ela considera que está na hora de incluir a televisão no contexto da violência e analisar o seu papel, uma vez que a temática é das mais polêmicas, mas necessária, pois admite que a carga de violência despejada na tela de milhões de lares, diariamente, é considerável. A jornalista afirma ainda, que, segundo dados da Conferência Mundial sobre Tevê e criança realizada na Austrália, em 1995, existem mais de mil estudos publicados sobre efeitos da violência na tevê, e até agora, não se pode dizer que os resultados sejam conclusivos, As pesquisas indicam, de forma geral, que os efeitos da violência na mídia sobre a sociedade são indiretos, ou seja, não existe uma relação instantânea de causa e efeito entre a violência e a tevê e comportamentos violentos. Mas, os mesmos estudos afirmam que devemos lembrar

sempre que a tevê pode contribuir de forma decisiva para que personalidades agressivas se manifestem.

A discussão sobre esta questão tem sido ampla no mundo todo. Inglaterra, Canadá, Alemanha e Austrália, por exemplo, tem regras claras para a exposição de cenas violentas na tevê. As leis protegem as crianças, não somente em termo de recomendação de horários; as atitudes violentas, além de restritos ao período noturno, são observadas e analisadas diante do contexto em que se inserem.

Neste contexto de discussões da violência e mídia, as crianças e adolescentes tem sido foco de preocupação, pois dedicam horas e horas de seu tempo livre à televisão, muitas vezes sozinhas.

De acordo com Silva (2003), são vários os programas televisivos que enfatizam e reproduzem, significativamente, atos de violência e até barbáries que acontecem freqüentemente nas sociedades em geral.

Por vez, a questão da mídia eletrônica é destacada por Silva (1995), ao pesquisar em escolas localizadas no município de São Paulo, a percepção de alunos, professores e direção das escolas em relação à problemática da violência urbana e escolar. Os alunos, de forma unânime, afirmaram que há uma tendência das pessoas “copiarem” os programas da televisão, a ponto de determinadas atitudes virarem moda entre as crianças e os jovens. E vão mais além, defendem, a necessidade de um disciplinamento fora do horário e a freqüência de programas que tem conotação violenta. O alerta que esses jovens nos trazem, merece ser apreciado com mais atenção, até porque a televisão é um dos meios de comunicação que hoje está presente em, praticamente, todos os lares da nossa população e, portanto, boa parte do tempo das crianças é ocupado desde cedo por esse meio de comunicação.

No que diz respeito a mídia, Candau (1999) também chama atenção para a desmoralização freqüente, que pode afetar os vínculos entre a educação e a sociedade. Para essa autora, a “inter-relação” entre a desvalorização do magistério e da escola, não podem ser negada (p.45).

Uma extensa matéria sobre violência nas escolas, publicada na Folha de São Paulo (19/04/1998), traz dados de um estudo realizado pelo laboratório de Psicologia do Trabalho da UnB (Universidade Brasília), encomendada pela Confederação Nacional de Trabalhadores na Educação (CNTE). No tocante, ao índice de violência

nas escolas de todo o país, Pernambuco aparece em primeiro lugar, pois 74% das escolas estaduais pesquisadas nesse estado tiveram casos de roubo ou vandalismo no mês anterior a aplicação do questionário, em segundo lugar está Sergipe, com 69%; depois Pará e Espírito Santo, ambos com 68% dos casos; Minas Gerais aparece com 62%. O levantamento dos dados foi feito em 1996 e 1997 por, aproximadamente, 100 pesquisadores treinados pelo grupo da UnB. Foram aplicados 50.000 questionários (70% respondido por professores e 30% por funcionários) e visitadas 1.440 escolas.

Os dados encontrados sobre a questão da mídia e violência nas escolas devem, portanto, ser considerados de grande importância para a análise e discussão deste referencial.

CAPÍTULO III
CAMINHO METODOLÓGICO

CAMINHO METODOLÓGICO

Caracterização do Estudo

Trabalhar com a temática da violência incluiu, dentre outros aspectos, uma disposição interna e toda uma inquietação frente a mesma, instigando-nos a compreender sua complexa dinâmica e, movendo a adquirir capacidades e habilidades para atuar neste campo tão árido.

O presente trabalho a ser realizado em áreas como a saúde, em especial a saúde mental, na interface com a educação, nos incitou visualizar uma aproximação com a realidade, na qual o mesmo vai se desenvolvendo, com a intenção de realizá-lo da melhor forma possível. Neste sentido, o argumento de Freire (1999, p. 86) de que adequa-se a este trabalho.

“constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes, do que, simplesmente, nos adaptar a ela”.

Além desta disposição interna, ingressamos no estudo de um termo tão complexo como a violência, necessitando a escolha de uma metodologia adequada para a abordagem dos aspectos que pretendíamos estudar e compreender.

Neste sentido, a fim de possibilitar um bom entendimento da violência na escola, procuramos desenvolver este estudo resgatando a visão que os professores tem do fenômeno focalizado. Para isto, optamos pela linha qualitativa de pesquisa, onde realizamos um estudo exploratório, descritivo e cuja análise, se deu por categorização. Foi fundamentada num enfoque humanístico dialogal, que resgata a visão totalizadora do ser humano e o exercício de cidadania, atendendo recomendações da Organização Mundial de Saúde e do Ministério da Educação, com vistas a trabalhar, posteriormente, ações educativas e interventivas, através dos dados levantados, ajustando-os adequadamente, com os pressupostos desta pesquisa.

Conforme salienta Minayo (1994, p.21):

“a pesquisa qualitativa trabalha com um nível de realidade que engloba significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a

um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantificáveis”.

Portanto, para apreender a visão dos professores sobre a violência na escola é adequada tal abordagem, considerando que nos estudos qualitativos, o pesquisador busca através dos dados descritivos da realidade, ver como os sujeitos encaram a questão em estudo (Lüdke e André, 1986).

Entendendo que a superação da violência passa necessariamente pela educação e reconhecendo também a importância da lógica do diálogo na relação do processo educativo é que optamos pelo referencial-teórico metodológico fundamentado em Freire (Bueno, 2001).

Minayo (1994) considera que não devemos analisar os fatos sociais na qualidade de objetos fixos, mas buscar entender o fenômeno social, a partir da sua história. Assim, procuramos resgatar o surgimento da problemática da violência nas escolas e as formas sob a qual ocorre; considerando que a “historicidade é o coração do método dialógico, o primeiro elemento do método e da análise dialética” (Löwy, 1998, p.15).

Isto posto, nesta construção se faz necessário refletir sobre os aspectos geradores da violência e como ela tem interferido no contexto social da escola, tentando compreendê-la como interface da violência geral que se dissemina no país. Então, para efetivação de nosso intento, este estudo pautou-se em dois momentos:

- 1º) Realização do levantamento de dados através das falas dos professores pesquisados, resultados esses que nos permitiram identificar o que pensam, o que sentem, como vêm as questões trabalhadas, bem como seus anseios e dificuldades em relação ao seu cotidiano profissional, resgatando como vivenciam e trabalham com esta realidade, caracterizada pela violência, de dentro para fora, dentro e de fora para dentro da escola.
- 2º) Elaboração, no futuro (pós-mestrado) de uma proposta de programa educativo para subsidiar os professores a trabalharem com esta temática na escola.

O Campo de Estudo

Segundo Cruz Neto (1996), em pesquisa qualitativa, o campo de estudo se apresenta como possibilidade de nos aproximarmos do nosso objeto, conhecê-lo e estudá-lo, a partir de sua realidade. Essa percepção possibilita ao pesquisador conhecer os limites e as diferentes realidades existentes no cotidiano e com isso visualizar um leque de procedimentos e descobertas. Na visão desse autor, o campo de estudo é considerado como um recorte espacial que o pesquisador utiliza um contexto social que vai representar empiricamente, a realidade a ser estudada. Esse recorte é ocupado por pessoas e grupos que convivem numa dinâmica de interação social e são sujeitos de uma determinada problemática a ser estudada. Ainda, segundo este autor, “o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividade e interações entre pesquisador e grupo estudado, propiciando a criação de novos conhecimentos” (p.54).

Assim, o ambiente escolar enquanto espaço onde ocorrem as relações de ensino-aprendizagem, com os educadores sociais que direcionam o processo educativo, foi o local utilizado para a realização da pesquisa, sendo utilizadas especificamente quatro escolas da rede pública, voltadas para o ensino fundamental, localizadas em diferentes bairros periféricos de Belém, as quais, segundo dados da Companhia Independente de Policiamento Escolar – CIPOE (2002), apresentam significativo número de ocorrência de violência.

A cidade de Belém, capital do Estado do Pará, foi fundada com o nome de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, em 12 de janeiro de 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco. Considerada como uma das metrópoles brasileiras, Belém, localiza-se na região nordeste do Estado, possuindo uma população de 1.280.614 habitantes dos quais 608.253 são homens e 672.361 são mulheres.

A Cidade das Mangueiras, como é hoje conhecida, conta com 987.416 pessoas alfabetizadas, o que corresponde a 95% da população (dados estes, segundo o último censo do IBGE, realizado em agosto de 2000). A base da economia do município é, sem dúvida, o comércio, mas vem crescendo, gradativamente, o número de indústrias, a pecuária e a agricultura, como em todo o restante do Estado, além da mineração em algumas áreas no sul do Pará. Entretanto, Belém já teve a época áurea

de sua economia, considerada o ciclo da borracha, época em que a cidade possuía muito dinheiro, quando foi construído um dos mais belos cartões postais da cidade: O Teatro da Paz.

Belém, como a grande maioria das grandes metrópoles e cidades brasileiras, também sofre com a pobreza, com o desemprego, com saneamento básico deficiente, com a violência e a falta de segurança em geral.

O sistema público de educação em Belém conta com duas secretarias responsáveis, a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) e a Secretaria Executiva de Estado da Educação (SEDUC). A Secretaria Municipal de Educação é responsável pela Educação Infantil e parte do Ensino Fundamental, dispondo de um total de 58 escolas e 73.285 alunos matriculados no ano de 2002, sendo, respectivamente, 10.535 no Ensino Infantil; 48.226 no Ensino Fundamental e 14.399 alunos no Ensino de Jovens e Adultos (antigo supletivo). A partir desse ano, teve início a implantação gradativa do ensino médio contando-se com 125 alunos matriculados em apenas três escolas da rede.

A SEMEC conta com 2.348 docentes, sendo 580 do ensino infantil; 1.326 do ensino fundamental e 442 do ensino de jovens e adultos. A Secretaria Executiva da Educação do Estado dispõe 382 escolas estaduais e em regime de convênio na região metropolitana de Belém, oferecendo Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. O total de alunos matriculados em 2002 é de 81.879, sendo do Ensino Pré-escolar 8.886, do Ensino Infantil 10.535, 48.109 do Ensino Fundamental, 14.349 da Educação de Jovens e Adultos.

O número total de docentes na SEDUC é de 5.394, sendo 404 do Ensino Pré-escolar; 636 do Ensino Infantil; 1.891 do Ensino Fundamental; 1862 do Ensino Médio; 601 do Ensino de Jovens e Adultos. Os dados sobre o Ensino Especial não foram informados.

Neste estudo, a escolha de escolas da rede estadual se deu devido a nossa atuação como docente no ensino de enfermagem que presta assessoria e orientação educativa a escolas dessa rede, na área de Educação e Saúde Mental.

Foi solicitado oficialmente, por escrito, autorização às instâncias superiores relacionadas ao poder público estadual, e diretoras das instituições pesquisadas. (Anexo B, C, D, E e F).

Sujeitos do Estudo

Diante dos objetivos da pesquisa e ao universo de atores e atos que uma escola oferece ao estudo de temas como a violência, foi necessário delimitar os sujeitos que seriam objeto desta pesquisa.

Assim, a escolha incidiu sobre os professores, baseada no pressuposto de que eles são elementos fundamentais no processo educativo, sem desconsiderar a importância daqueles não contemplados, mas que fazem parte desse processo na escola.

Sendo um unificador e catalisador de diversas expectativas colocadas pela sociedade em que vive e, portanto, insubstituível, o professor, segundo Chalita (2001, p.163) é:

“o grande agente do processo educativo. A alma de qualquer instituição de ensino. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campo de futebol – sem negar a importância de todo esse instrumental – tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e à importância do professor”

A escolha dos sujeitos se deu através da adoção de três critérios básicos: exercer o magistério há pelo menos cinco anos, por considerarmos o tempo mínimo necessário para experiência no campo; ter disponibilidade para conceder entrevista e interesse em participar do estudo.

Na maioria das escolas os professores aquiesciam com interesse ao convite, mas houve em alguns a resistência em falar sobre seu espaço de trabalho, não aceitando participar.

Minayo (1993, p.102) considera que “o número de sujeitos é suficiente ao permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta”. Assim, participaram do estudo 20 professores, número que consideramos suficiente por apresentarem elementos que permitiram visualizar o alcance dos objetivos propostos.

Os professores passarão a ser identificados no trabalho por ordem numérica seguindo-se a seqüência em que as entrevistas foram realizadas.

Técnicas, Instrumentos e Coleta de Dados

A abordagem qualitativa demonstra que uma grande diversidade de recursos metodológicos podem ser utilizados para a coleta de dados, os quais necessitam combinar-se com os objetivos do estudo a ser realizado. Como o estudo de compreensão da visão que as pessoas tem sobre determinado fenômeno exige um adequado relacionamento e, também, uma abordagem pessoal empática entre o pesquisador e o pesquisado, optamos pela entrevista individual como instrumento para a coleta dos dados. Assim trabalhamos com dados, resultantes da coleta junto aos docentes, e dados provenientes dos estudos acerca do fenômeno, classificando as falas emitidas.

A entrevista permite, neste caso, uma melhor apreensão do material a ser analisado e subsidia, de forma rica, a compreensão do objeto de estudo. Para tanto, precisamos escolher qual a maneira mais efetiva que, através do diálogo com o entrevistado, proporcionasse um momento onde ele pudesse expressar, de forma espontânea, a sua visão que tem sobre o fenômeno.

A conduta adotada surgiu com base na compreensão de que a pesquisa de caráter dialógico não se restringe apenas à compreensão e interpretação dos significados que surgem em determinados pressupostos... Busca as raízes deles, as causas da sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados nos seus diversos meios culturais (Triviños, 1987, p.131).

Nesta investigação, optamos pela entrevista semi-estruturada, norteada por um roteiro com questões abertas, elaboradas, previamente, uma vez que a intenção era oportunizar a expressão livre, mas orientada, dos entrevistados e, assim, através desta, analisar suas visões a respeito da violência, atendendo ao que foi dito por Lüdke e André (1986) que a entrevista semi-estruturada, desenvolve-se a partir de um

esquema básico, porém aplicado sem tanta rigidez, permitindo que o pesquisador faça as necessárias adaptações. Assim, as entrevistas se caracterizaram pelo estabelecimento de um bom entrosamento com os entrevistados, cuja estruturação básica foi constituída por duas partes: identificação do sujeito e questões norteadoras (Anexo H).

- A primeira, contém questões relacionadas a: sexo, idade, estado civil, religião, formação básica, tempo de magistério, pós-graduação.
- A segunda contemplou as questões norteadoras referentes à escola, incluindo a violência no cotidiano escolar, dentre outras questões realizadas no decorrer de cada entrevista, a partir do conteúdo exposto pelo sujeito e dos objetivos do trabalho.

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2002, agendadas junto aos professores, de acordo com o que recomenda Lüdke e André (1986, p.35):

“Em primeiro lugar, um respeito muito grande pelo entrevistado. Esse respeito envolve desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência até a perfeita garantia de sigilo e anonimato em relação ao informante, se for o caso”.

Assim, as entrevistas foram realizadas em espaços das escolas, sempre em local reservado e que permitisse o seu desenvolvimento sem interrupções. O tempo de duração das entrevistas variou de 30 a 60 minutos, respeitando o ritmo de cada projeto na emergência de seus pensamentos.

Inicialmente entrevistamos um professor em cada turno da primeira escola selecionada, com a finalidade de verificar a adequação do roteiro de questões e possíveis necessidades de alterações, a fim de garantir a sua efetividade neste estudo. Durante essas entrevistas, observamos que ao responderem a algumas questões do roteiro, indiretamente eles já respondiam às questões subseqüentes a cada uma delas. Portanto, a partir dessa constatação realizamos ajustes no roteiro para que não ocorressem repetições desnecessárias. As entrevistas foram gravadas em fita cassete, com o auxílio de um gravador, após a assinatura do termo de consentimento livre e informações ao sujeito (Anexo G) atendendo ao rigor científico e aos preceitos morais e éticos, conforme exigências preconizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. (Anexo A)

O uso do gravador, embora podendo constranger, inicialmente, o entrevistado, constitui-se em um instrumento importante no sentido de que o pesquisador faz uma melhor apreensão do material coletado.

A Análise dos Dados

O primeiro passo para a análise e interpretação dos dados foi a transcrição integral das entrevistas e a leitura do material empírico, embora essa não fosse tarefa primordial daquele momento, mas na verdade uma primeira leitura já foi sendo realizada. Conforme Minayo (1994, p.68),

“na medida em que estamos tratando de análise em pesquisa qualitativa, não devemos nos esquecer, apesar de mencionarmos uma fase distinta com a denominação de ‘análise’, que durante a fase de coleta de dados a análise já pode estar ocorrendo”.

Após a transcrição das fitas, o passo seguinte foi a ordenação dos conteúdos no intuito de destacar os pontos mais importantes e significativos, para facilitar a classificação. Neste sentido foi realizada a leitura e releitura cuidadosa das entrevistas e, ao mesmo tempo, se fez as devidas considerações para os pontos destacados, possibilitando, que ao final, os dados fossem categorizados.

Segundo Lüdke e André (1986, p.48) “para formular essas categorias iniciais é preciso leituras sucessivas para possibilitar a divisão do material em seus elementos com todos os outros componentes. Outro ponto importante é a consideração tanto do material manifesto quanto do conteúdo latente do material. É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente silenciados”.

Fiorin & Savioli (1996) denominam este processo de interpretação e destacam que precisamos levar em conta a conexão e a coerência entre seus vários elementos, sendo esta última, garantida pela reiteração, redundância, repetição e recorrência.

Após esta etapa, procuramos estabelecer articulações elaborando uma série de categorias, atendendo cada questão entre os dados obtidos e os referenciais teóricos do estudo, respondendo as questões da investigação com base em seus objetivos. Esta

fase é denominada por Minayo (1999) como análise final. Essa autora chama à atenção para que nesta fase, haja indicação de sugestões que possam contribuir para propostas de avaliações de programas, revisão de conceitos, mudanças institucionais, dentre outras, buscando melhorar o contexto estudado.

CAPÍTULO IV
RESULTADOS E DISCUSSÕES

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Caracterização dos sujeitos

Apresentamos aqui, os resultados seguidos de suas respectivas discussões. Inicialmente mostramos a caracterização dos professores entrevistados apresentando informações sobre sexo, idade, estado civil, religião, formação escolar e tempo de magistério, conforme demonstram os quadros 1.1 e 1.2.

Quadro 1.1 – Caracterização dos sujeitos segundo sexo, faixa etária, estado civil e religião.

Sujeito	Sexo*		Faixa Etária				Estado Civil **				Religião***			
	M	F	25 ---30	31 ----35	36 ----40	>40	S	C	D	O	C	P	EV	O
1		X	---	---	---	X	---	X	---	---	X	---	---	---
2		X	---	---	---	X	---	X	---	---	X	---	---	---
3		X	---	---	---	X	X	---	---	---	X	---	---	---
4		X	---	---	X	---	X	---	---	---	X	---	---	---
5		X	---	---	---	X	---	X	---	---	X	---	---	---
6		X	---	X	---	---	X	---	---	---	X	---	---	---
7		X	X	---	---	---	---	X	---	---	X	---	---	---
8		X	---	---	---	X	---	X	---	---	X	---	---	---
9		X	---	---	---	X	---	---	X	---	X	---	---	---
10	X		---	---	---	X	---	X	---	---	X	---	---	---
11		X	---	---	X	---	X	---	---	---	X	---	---	---
12		X	---	---	---	X	---	X	---	---	---	---	---	X
13		X	---	---	---	X	---	---	X	---	X	---	---	---
14	X		---	---	---	X	---	X	---	---	X	---	---	---
15		X	X	---	---	---	X	---	---	---	X	---	---	---
16	X		---	---	---	X	X	---	---	---	---	---	X	---
17		X	X	---	---	---	X	---	---	---	X	---	---	---
18		X	---	---	---	X	---	---	---	X	---	---	X	---
19		X	---	---	---	X	X	---	---	---	X	---	---	---
20		X	---	---	---	X	X	---	---	---	X	---	---	---

* M (masculino) / F (feminino)

** S (solteiro) / C (casado) / D (divorciado) / O (outros)

*** C (católico) / P (protestante) / E (evangélico) / O (outro)

Fazem parte da nossa população 20 sujeitos. Podemos visualizar no Quadro 1.1, que a maioria é do sexo feminino; que reforça a evidência feminina na atividade docente; situam-se na faixa etária entre 25 a 51 anos, predominando entre eles, a idade acima de 40 anos, a maioria é solteira e quase a totalidade é católica.

Incluimos a variável religião para detectarmos se haveria influência dessa na visão do professor em relação à violência.

Quadro 1.2 – Caracterização dos sujeitos segundo a formação escolar e tempo de docência.

Sujeito	Formação Escolar*			Tempo de Docência			
	M	G	O	5 ---10	11 ---15	16 --- 20	>21
1	---	X	---	---	---	X	---
2	---	X	---	---	---	X	---
3	X	---	---	---	---	---	X
4	X	---	---	X	---	---	---
5	X	---	---	---	---	X	---
6	---	X	---	X	---	---	---
7	X	X	---	X	---	---	---
8	X	X	---	---	---	---	X
9	---	X	---	---	---	---	X
10	---	X	---	---	---	---	X
11	---	X	---	X	---	---	---
12	---	X	---	---	---	---	X
13	---	X	---	---	X	---	---
14	---	X	---	---	---	X	---
15	---	X	---	X	---	---	---
16	X	---	---	---	---	---	X
17	---	X	---	X	---	---	---
18	X	---	---	---	---	X	---
19	---	X	---	---	---	---	X
20	X	---	---	---	---	---	X

* M (magistério) / G (graduação)

No Quadro 1.2 observamos que esses profissionais têm entre 5 e 25 anos de docência, sendo que a grande maioria exerce a profissão há mais de 20 anos. A maior parte deles é graduada em Pedagogia e apenas um realiza pós-graduação, a nível de Mestrado, na área da Educação.

Essas variáveis foram investigadas com o objetivo de melhor caracterizar os sujeitos em estudo.

A seguir, são apresentadas questões propriamente ditas, em relação à temática da Violência nas Escolas levantadas com os professores entrevistados.

Desta forma, ao nos reportarmos à questão: “Como você vê hoje, a violência nas escolas em geral?”, o Quadro 2.1 evidencia as respostas destes sujeitos, o que nos permitiu absorver o pensamento deles, conforme segue a apresentação:

2. Visão dos professores sobre a violência nas escolas em geral

Quadro 2.1 – Representação qualitativa das falas dos professores sobre a questão “Como você vê a violência nas escolas em geral?”.

Sujeito	RESPOSTAS
1	“Hoje, eu vejo, a violência, principalmente, no recreio né? Dentro da sala de aula, as brincadeiras deles são assim: brincadeiras de se agarrarem, de se socarem, né? Jogando um ao outro algum objeto que tenham na mão, né? Não tem nenhuma atividade pra que eles se voltem, ou seja, uma brincadeira mais calma que não seja a violência, né? Então, eu, vejo que isso não é [], não ocorre só aqui nessa escola, né? Mas praticamente, em todas as escolas. Aqui por ser uma escola pequena, de nível fundamental, então a gente tenta contornar um pouco, mas eu acho que no ensino médio, a violência é bem pior, porque já tem alunos que fazem parte de gangues, de grupos já formados, né? Que já vem trazendo a violência de fora das suas casas, acho que do meio em que vivem; então é por isso que eu acho que existe nas escolas realmente uma violência muito grande”.
2	“A violência eu acho que ela de certo modo assim, tá dominando, eu acho né? Desde lá de casa a criança já vem com aquela []. Eu acho que depende tudo da família, aquela violência gerada em casa no próprio meio em que eles vivem, ai eles trazem tudo pra escola. Aqui na escola a gente percebe que às vezes é difícil de controlar essa violência deles, e olha que a gente conversa muito, né? Então eu vejo que a violência tá assim [] praticamente estragando com a vida das crianças, em vez de estar estimulando só assim aquela grosseria, rebeldia tem muita criança mal-criada: qualquer coisa querem resolver nos tapas, então eu acho que a violência está devastando de um modo geral nas escolas”...
3	“Olha, hoje, a violência nas escolas tá muito grande, eu que tenho 23 anos de magistério, eu vejo que cada dia piora mais. Quando eu comecei a trabalhar não existia violência como hoje []. Tudo gera a violência na sala de aula. Tudo, até se um coleguinha olhar pro outro gera violência. Então eu acho que está muito a violência, de um modo geral, nas escolas”.
4	“Olha eu vejo assim muito grande, né? Vejo assim muito grande em relação a anos anteriores, a gente vê muita violência as crianças não vão mais pra ter coleguismo, qualquer coisa é agressão, um agride o outro na sala, não são todos, mas geralmente, numa turma tem 5 ou 6 alunos assim com esse tipo de problema, muito violento mesmo. Quando parte pra cima de um coleguinha já parte com violência, agredindo o outro colega e assim vai. Essa semana mesmo aqui na escola eu tive um caso: um coleguinha chutou a mochila do outro e a outra criança partiu com muita violência, ai eles choravam, foi preciso a outra senhora da copa vir me ajudar porque eu não conseguia tirar ele da sala, ele foi lá pra cima da mesa e começou a chorar e dizia eu quero morrer, quero morrer, me dê uma faca que eu quero morrer. Aonde já se viu, né? Uma criança de 7 anos dizendo que queria se matar. Ai veio a diretora conversar com ele tudinho, ai ele foi se acalmando. Eu sei que comigo ele não é violento, eu chamo ele e coloco ele do meu lado e ele fica, mas com os coleguinhos ele é muito violento e segundo os professores que já trabalharam com ele aqui dizem pra mim, que ele já tá bem melhor, então realmente o caso é muito sério”.
5	“Olha, a violência em geral, eu vejo assim falando até das escolas que eu já passei, principalmente aqui, eu tô vendo que a violência tá muita. Não só, física, mas a verbal,

cont.	também. Eles se agriem com palavras, eles se agriem mesmo como adultos, você vê as crianças da minha sala, são crianças na maioria de 7 anos, e você olha, às vezes, eu fico espantada, entendeu? A primeira vez, eu parei, eu não tive nenhuma reação fiquei olhando como eles saíram todos vermelhos. E a raiva que eles ficam? Parece que vem crescendo dentro deles, que aí que eles querem bater mais no colega, entendeu? É bem grande mesmo, de um modo geral, porque pelo que a gente escuta de outros colegas, é mesmo geral, preocupante”.
6	“Eu vejo, como um problema, né? Que hoje em dia não está sendo trabalhado, como devia, né? Estou dizendo que nem tudo está propriamente perfeito, mas eu já percebi que em algumas escolas, aqui já estão desenvolvendo algum trabalho em relação a isto. Antes percebíamos que tinha muito mais, né?, a violência, a agressão aluno/aluno, aluno/professor, a degradação da própria escola, então, a própria equipe administrativa junto com os docentes vem-se preocupando e, vem melhorando gradativamente a questão da violência. Hoje, a gente já não vê mais pelos corredores meninos se agredindo com arma branca. Muitas vezes eu até tirei faca e estilete das mãos dos meninos. Não nego que ainda tem um pouco, mas com essas ocupações que eles estão tendo agora melhorou... Mas precisa ainda muito ser trabalhado. Outras escolas que eu conheço, no geral, é muito triste, é pichação, e a própria droga dentro da escola, isso aí é evidente. Eu percebo, que na escola também eles camuflam, acham que eles estão fazendo algum tipo de trabalho; mas, o objetivo não foi totalmente atingido, dado à falta de interesse ou a própria estrutura da escola. Também, às vezes, são escolas grandes que não tem como a pessoa ficar vigiando totalmente. Então, tudo isso, até a própria clientela que frequenta, já vem de um contexto que é muito violento, na própria casa, então, aonde que ele vai refletir? É estourar na escola! Mas eu percebo que está existindo esse trabalho, há uma preocupação, né?, mas que é um processo lento”.
7	“Eu acho que é uma questão social; se o aluno é violento, algum motivo ele tem pra agir daquela maneira, é uma questão de família mesmo, às vezes é uma questão do meio em que ele vive. Às vezes eu percebo aqui na escola, é muito comum o aluno nem ter aquele lado de querer ser violento e tudo, mas ele faz aquilo pra querer se firmar no grupo onde ele está, estás entendendo? É pra que ele seja aceito por determinado grupo, ele não tem esse perfil de aluno violento, bagunceiro e nada disso não. Mas, ele entra nisso justamente pra ser aceito no grupo, legal, que é famoso na escola... É uma característica da adolescência, mas às vezes até a própria criança, hoje, se mostra muito agressiva, violenta, e isto é preocupante. A escola não dá conta sozinha”.
8	“Eu vejo um problema muito difícil de ser resolvido, né? Porque a violência, não começa só na escola, ela já vem com eles de casa e aí, até a socialização deles, a aprendizagem, e é muito difícil um professor trabalhar sozinho, o problema da violência na escola, porque eu tenho feito isto. Eu fique um tempo afastada da escola, aí voltei em 97. Antes a violência era menos, mas eu vi que depois desse tempo a violência ficou muito mais acentuada, né? Eu sempre trabalhei só aqui e senti que tinha que fazer alguma coisa, né? E eu comecei a pensar, e fiz um projeto. Um projeto pra escola, fazendo cada professor atuar na sua sala, só que a gente sente dificuldade com outros professores, porque têm quem não está nem aí, né? Tem professor que acha que vai levando, vai levando, não tem que trazer família pra escola, não tem que conversar com pai. Aí, o projeto não foi pra frente, morreu. Ninguém se interessou mais em levar à frente. No início, a maioria dos professores, conseguiu fazer alguma coisa, mas como nem todos aderiram, né? Aí, houve uma queda [...], uma sala trabalhava e outra não trabalhava. Aí os alunos começaram a cobrar: porque é que nós estamos trabalhando e os outros não? Então, principalmente na questão da violência na escola, todos têm que colaborar. E também uma questão importante que teria que ser levada em conta é que tem que ter um líder, no caso aqui, seria a direção da escola como um todo, a direção e o vice. E todos os demais segmentos da escola dar esse apoio. Mas, não houve essa força; talvez devido ter sido o professor, no caso eu, o cabeça, que fez e começou o projeto e, às vezes, as pessoas não acham que tem que começar pelo professor, tem que começar de cima, por isso tudo, é que eu acho que ele não vingou”.
9	“Eu acho que a violência não está só nas escolas, ela atinge a sociedade como um todo, e a escola é reflexo dessa sociedade, porque o que se percebe é que o aluno não é só violento

Cont.	na escola, ele vem de uma família desestruturada que não dá apoio, de uma sociedade que não o acolhe, que não oferece oportunidades de trabalho, que não dá as mínimas condições pra que ele consiga se desenvolver, desenvolver as suas potencialidades, então o que acontece? Ele não encontra um meio de não se sentir tão sufocado e acaba extravasando através da violência que acaba refletindo na escola porque aqui é o local em que ele se sente mais livre do que na casa dele, do que na rua dele e até pra se firmar lá fora ele acaba sendo violento dentro da escola, como uma forma de chamar à atenção pra aquilo que ele não sabe, vamos assim dizer. Ele não consegue acompanhar o conteúdo, ele não sabe ver a escola como um local onde ele possa crescer, não. É apenas mais um local que é igual à rua, que é igual a casa, ou seja ele não consegue fazer a diferença entre isso. Eu acho que a violência está grande na sociedade em geral e acaba se refletindo na escola pela falta de oportunidade e porque não tem pra onde ir.
10	“Olha, eu acho que ela está de maneira presente, ocorrendo entre os alunos. A gente vê que os nossos alunos chegam na escola querendo agredir, e sem interesse de estudar. Ficam cutucando e provocando o colega. E muitas vezes em sala de aula eu já presenciei cenas de aluno por motivo banal bate no outro, até mesmo dando murro, soco, então eu fico até mesmo com medo de interferir na reação dos meninos, porque muitos deles aqui são até de gangue. Nós tivemos um caso de um aluno que, ele era de gangue, tá? Chegava aqui na escola, ele não fazia nada, menino pálido, magro, acho que não se alimentava direito; então não tinha vontade de estudar. Ele implicava com um outro menino lá de cima, queriam brigar, uma coisa, uma fofoca []. Aí, o garoto lá de cima disse que se ele viesse pra escola, ele ia ver só. Este aluno que foi ameaçado, me falou que ia abandonar a escola porque o outro queria matá-lo. Nós tínhamos aqui um outro aluno, nossa! Menino perigoso, pichava a escola, deu um tiro num outro menino, aqui numa praça próxima daqui, a escola não fez nada. Por isso, eu digo que a escola precisa se comprometer a fazer algo de prevenção”.
11	“Olha, na minha opinião, eu acho que a violência que hoje se vê nas escolas, na verdade ela é reflexa, porque começa dentro de casa, na própria família, sabe? E começando na família, ela vai trazer conseqüências na escola, entendeu? Além da violência que ela vivencia na própria comunidade, devido a questão socioeconômica, né? Pra mim as questões sociais vão ser geradas do econômico e automaticamente, ela traz os problemas para a escola. O professor muitas vezes vê o aluno distante, sabe? Tem professor que nem olha direito pro aluno, não há aproximação. Eu pelo menos tento me aproximar, principalmente daquele aluno que eu vejo que precisa, que a gente sente, né? Quando o aluno é carente, nervoso, quando é cheio de problemas, e se às vezes eu procuro chegar junto pra conversar, é pra ver se ele melhora, né? E ajuda de alguma forma, né? Eu procuro fazer isso, a escola também deveria, tem professor que não, né? É só ele lá, no pedestal e os alunos em baixo [...], quer encontrar um ombro amigo, uma pessoa e não encontra, né? Aí, aquilo que tem dentro dele só aumentar. Talvez, às vezes ele saia de casa pra escola pra ver se encontra uma solução pro seu problema e aí não encontra, né? Aí a violência continua”.
12	“Olha, a violência está mais acentuada, mas o problema maior também, é a família. Quando o aluno chega na escola, nossos colegas não fazem um trabalho, mas a escola precisa fazer. Na escola, ele ainda encontra, professores que não dão muita atenção, aí a violência gera mais violência”.
13	“Esta é uma questão complicada e que não deve partir só do ambiente escolar pra se resolver, precisa-se desenvolver um trabalho na escola pra contornar esse problema, porque perpassa boas questões que vão desde familiar, sexualidade, religião, problemas econômico/financeiro, etc. Tem casos tristes, outros, que são bobos de resolver mas que é preciso se tentar trabalhar. Eu acho que a violência na escola é uma questão controlável.
14	“A violência já está presente nas escolas há bastante tempo, não é de agora, mas hoje ficou pior, aumentou muito e é preocupante. O que a gente está acostumada a ver são casos que no nosso meio já são até comuns, como você acabou de presenciar momentos antes aqui, as crianças brigando, mas existem casos mais violentos em que a escola chega a ter até tiro, morte de professor, de colegas. Então, eu acho isso preocupante dentro da escola. Eu já vi vários casos com mães de alunos. Foi um caso que eu vou contar: um menino bateu no filho dela, então ela chegou e eu estava apaziguando, mas ela invadiu a minha sala sem pedir licença mandando um tapa no rosto do menino que bateu no filho dela. Aí, isso foi levado a vice-diretora. Conversaram, e o caso não deu em nada. Mas a escola precisa fazer

Cont.	algo para prevenir essa onda de violência”.
15	“Eu vejo como uma coisa horrível, que cresceu muito. Aqui há muita violência, mas é abafado e banalizado. Eu acho que esses meninos já começam com essa violência desde quando eles nascem, porque eles já chegam na escola, batendo no outro, chutando, principalmente na hora do recreio, né? É aí que eu vejo a violência, a violência aqui na escola. Isto é um grande problema, todos precisam ajudar”.
16	“A violência atual é muito complicada porque os alunos já vêm de casa, da família, trazendo este problema para a escola, né? e aqui encontra nos professores, no corpo técnico, no pessoal de apoio, sabe? Até porque a violência não é só espancamento não, a violência está na própria convivência do dia-a-dia, numa família mal estruturada, no desemprego, no desespero de não poder dar o melhor, pra sua família. E violência não está só na família, na escola, mas fora também de casa, no local de trabalho, no seu colega, tá? Falar de violência ela não tem definição, porque se nós formos falar de um modo geral, ela é muito ampla. A violência começa quando o aluno entra na escola. Ele já entra triste, porque os professores são secos; então a violência faz parte de tudo. Em todo o canto você encontra a violência, é dentro, fora de casa, é na rua, no ônibus, no comercio, por onde você passar”.
17	“É um caso muito agravante, né? Hoje em dia, a criança já chega na escola, violenta e, não encontra aquilo que é prometido pelas autoridades, pelos políticos, quando dizem que educação é prioridade de um país, que na verdade, não é! Nossos alunos estão jogados ao dia-a-dia pro que der e vier e a escola se prepara pra isso. O problema da violência nas escolas é realmente grave. Um dia eu estava dando aula de basquetebol, às sete da noite, apareceu um homem dando tiro, invadindo a escola, atrás de um pivete, estando eu com umas 30 pessoas treinando e ninguém se mexeu, quando nós olhamos tinha um cara na nossa direção e outro caído no chão atirando. Por isso que eu digo pra você que a situação da violência na escola é grave, é muito mais do que grave”.
18	“A violência nas escolas, vem se expandindo muito devido a vários fatores sociais, entre os quais o desemprego, tá? Mas certos pais têm que sair pra trabalhar o dia todo, deixa as crianças praticamente abandonadas, à mercê da sociedade. E essas crianças trazem lá da casa toda uma grande revolta e como elas não tem como se expressar, trazem tudo pra dentro da escola e com isso, a violência dentro da escola tem aumentado muito. São crianças maltratadas, praticamente abandonadas, e isto faz com que elas se sintam revoltadas, com raiva, por não ter comida, não ter o carinho, não ter a presença física, no caso do pai ou da mãe, então elas se sentem praticamente desprezadas. Tem família que acha obrigação da escola assumir os problemas da criança na escola. E essa criança vive revoltada e bota isso pra fora através da violência”.
19	“Eu vejo que as crianças já vêm da casa, do lar trazendo essa violência, porque eu percebo na escola que uma criança não pode encostar na outra, ela já sai batendo na outra. Então, está muito difícil e preocupante a gente controlar essa barra. Os pais vem muito estressados, sem emprego, não tem com que sustentar as crianças. É isto que eu percebo.
20	“Eu vejo como a consequência de problemas sociais, né? A escola como pano de fundo pra explosão de todos esses problemas e entre eles a violência. Pra mim não vejo o espaço da escola como uma ilha isolada do resto das entidades sociais, não! O aluno sofre influencia da violência através da fome, da miséria dos pais. A escola sobretudo e uma esfera social. É o aluno que sofre as consequências, e a sociedade às vezes contribui com a violência, já que também não faz nada”.

No que se refere à visão dos professores quanto ao fenômeno da violência nas escolas, vários enfoques foram apresentados, demonstrando a amplitude e a complexidade do tema não tendo sido em nenhum momento visto de forma isolada, mas sim relacionados à várias questões estruturais, a nível familiar e social.

Tentando compreender como a violência na escola é vista pelos professores, podemos observar que ela é apreendida mais que uma simples ação de violentar

alguém ou algo. Na leitura atenta das falas parece consenso da maioria que a violência é um fenômeno que tem aumentado nos últimos tempos.

Portanto, em relação a esta questão, agrupamos as falas dos professores nas categorias evidenciadas a seguir:

Categoria A – A violência na escola é grande

Conforme dados identificados em convergência no quadro 2.1 extraímos as falas abaixo:

*“a violência é muito grande em relação aos anos anteriores (1, 3, 4, 5 e 9); “ta devastando de um modo geral nas escolas” (2); “a violência está mais acentuada” (8); “está de maneira presente ocorrendo entre os alunos... nossos **alunos** chegam querendo agredir e sem interesse de estudar...”; a violência já está presente nas escolas há muito tempo, não é de agora, mas hoje ficou pior, aumentou muito... como você presenciou momentos aqui atrás, crianças brigando... mas, existem casos mais violentos em que há escolas que chega a ter tiros... morte de professor, de colegas” (14); “a violência cresceu muito” (15); “se expandiu muito” (18).*

Como foi evidenciado, pela quantidade de registros, a grande maioria dos professores tem percepção real da expansão, isto é, do crescimento da violência nas escolas em geral nos últimos tempos. Isto para eles é considerado preocupante como revelam algumas falas na categoria a seguir.

Categoria B – A violência é preocupante

Nesta categoria alguns dos professores expressam sua preocupação em relação ao problema da violência nas escolas, quando referem:

“... eu que tenho 23 anos de magistério, vejo que a cada dia piora e o problema é maior. Quando eu comecei a trabalhar não existia violência como hoje... tudo gera violência na sala de aula” (3); “a gente escuta de outros colegas e é geral preocupante”, “eu vejo como uma característica da adolescência, mas às vezes da própria criança; hoje, ela se mostra muito agressiva, violenta, e isto é preocupante” (7); “o problema é difícil e preocupante, a gente controla essa barra, né?”.

Assim, tal preocupação se traduz pelas seqüelas que diretamente infligem aos atores partícipes e testemunhos, ou pelo que contribui para rupturas com a idéia da escola como lugar de conhecimento, de formação de socialização em ética e da comunicação por diálogo (Abromovay et al, 2002)

Portanto, depreendemos que a preocupação do professor suscita a necessidade do seu preparo para lidar com a questão. Não resta dúvida que os currículos escolares não se preocupavam em trabalhar esta questão, até porque, antes, os tempos eram outros, porém, como este tem sido um fenômeno que vem se evidenciando nas escolas, deve ser urgentemente trabalhado, sobretudo, porque é real, crescente e enquadra-se nos temas considerados transversais e, portanto, deve ser incluído nos conteúdos escolares, no que tange aos estudos relacionados ao meio-ambiente e as questões éticas (PCN, 2000).

Uma outra categoria identificada através das falas dos professores foi a seguinte:

Categoria C – A violência é vista com indiferença na escola

Na construção desta categoria observamos que mais da metade dos professores consideram a escola como indiferente à questão da violência, segundo revelam as falas:

“... não está sendo trabalhada como devia, né?” (6); “A escola não dá conta...” (7); “Eu fiquei um tempo afastada da escola, aí voltei em 97, antes a violência era menos... e então, senti que tinha que fazer alguma coisa, né?... tem professor que não está nem aí, né?... Aí, o projeto não foi pra frente, morreu. Ninguém se interessou... em levar à frente...”(8); “E a escola não faz nada” (10); “o professor muitas vezes, vê o aluno distante, sabe? Tem professor que nem olha direito pro aluno, não há a aproximação... é ele no pedestal e o aluno lá embaixo... quer encontrar um ombro amigo, uma pessoa e não encontra, né? Aí, aquilo que tem dentro dele, aumenta, talvez, às vezes ele saia de casa pra escola pra ver se encontra uma solução pro seu problema e aí não encontra, né? Aí, a violência continua” (11); “Quando o aluno chega na escola, nossos colegas não fazem nada. Ele ainda encontra professores que não dão muita atenção, aí a violência gera mais violência” (12); “mas, ela invadiu a minha sala sem licença, mandou um tapa no rosto do menino que bateu no filho dela e isso foi levado à vice-diretora, conversaram e o caso não deu em nada” (14); “aqui há muita violência, mas é abafada e banalizada” (15); “... ele já entra triste porque os professores são” .

Na fala de alguns professores parece estar presente uma certa revolta apontando a escola como repressora e inadequada aos anseios e expectativas de seus frequentadores, e, conseqüentemente, produtoras de violências; da mesma forma que o professor reforça em sua prática esse modelo autoritário, dominante, repressor

mantendo com o aluno uma relação vertical (Freire, 1986) e fingindo que está educando, sem perceber o aluno, vivendo assim, o exercício do fingimento, tal como ressalta Werneck (1992).

É fácil perceber em um dos depoimentos acima que o entrevistado reconhece que atitudes agressivas dos alunos são como uma reação a indiferença da escola quanto aos seus problemas, quanto ao não atendimento às expectativas de alguns professores.

Aquino (1999) recomenda que os professores devem estar mais atentos para esse quadro que se verifica hoje nas escolas, buscando realizar a sua ação pedagógica a partir de conteúdos que atendam de maneira significativa aos interesses dos alunos, criando condições para que o ambiente escolar seja mais atrativo, fazendo com que sintam que a instituição se preocupa com eles.

Por outro lado, observamos que eles reconhecem que a agressividade, que se transforma em violência não se inicia propriamente na escola, começa na própria família, ou seja, na desestruturação familiar

Assim, as falas traduzidas na categoria a seguir, referenciam o contexto em que se consolidam as relações familiares como o nascedouro da violência.

Categoria D – A violência começa na família

Vejamos as seguintes falas:

“Eles já vêm trazendo de suas casas, do meio em que vivem” (1); “desde lá de casa a criança já vem com aquela... eu acho que depende tudo da família... aí eles trazem tudo pra escola. Aqui a gente percebe que, às vezes, é difícil de controlar... e olha que a gente conversa muito, né?” (2); “eles já vem de um contexto que é muito violento, na sua própria casa, então onde ele vai refletir? Vai estourar na escola” (6); “... se o aluno é violento, algum motivo ele tem pra agir daquela maneira. Às vezes é questão de família mesmo” (7); “a violência não começa na escola, ela já vem com eles de casa, até a socialização deles, a aprendizagem é muito difícil” (8); “... eles vem de uma família desestruturada, que não dá apoio, de uma sociedade que não o acolhe... não dá as mínimas condições para que ele consiga se desenvolver, desenvolver suas potencialidades... ele acaba encontrando um meio de não se sentir tão sufocado e acaba então, se extravasando através da violência... refletindo na escola, porque aqui... se sente mais livre do que na casa dele... na rua...” (9); “... ela é reflexa, porque começa dentro de casa, na própria família... e começando na família, ela vai trazer consequência na escola, entendeu?” (11); “... o

maior problema está na família. Quando o aluno chega na escola, nossos colegas não fazem nada” (12); “Eu acho que as crianças já vêm de casa, do lar trazendo essa violência... está muito difícil da gente controlar essa barra” (19).

Como observamos as falas desses professores transmitem a convicção de que a desestruturação familiar e as precárias condições em que vivem, hoje, a maioria dos alunos, no caso, de escolas públicas, pode estar contribuindo para o desencadeamento de condutas violentas neles no ambiente escolar.

Para Pichon-Rivière (1998), a conduta está sempre relacionada ao modo como a pessoa estabelece seus vínculos com o mundo, ou seja, a forma como relaciona com o objeto que lhe desperta alguma reação e, a partir da mesma, expressa-se através de comportamentos e atitudes. Dessa forma:

“entende-se por conduta, a expressão de um vínculo em termos daquilo que se vê. Quer dizer uma pessoa reage de um modo particular frente a um acontecimento que está influenciando sobre um objeto – mesmo que seja inanimado – na medida em que esse objeto inanimado tem um significado particular para ela” (Pichon-Rivière, 1988, p. 61).

Entretanto, mesmo que a conduta violenta para os professores esteja associada à questão da desestruturação familiar, verificamos que eles acreditam que essa violência se fundamenta sócio-econômica e politicamente nas desigualdades sociais a que estão expostos. Vejamos:

Categoria E – A violência é reflexo do social

Esta categoria identifica segundo a visão dos professores, como as questões sociais servem de pano de fundo para a violência nas escolas. Vejamos:

“a violência é uma questão social; se o aluno é violento, algum motivo ele tem para agir daquela maneira. Às vezes é questão de família mesmo... do meio em que vive... querer se firmar no grupo onde ele está, entende?... achando ser legal... que é famoso na escola...” (7); “não está só ligada à família, na escola, mas fora também de casa, no local de trabalho, tá?... A violência faz parte de tudo, até no canto você encontra violência, é dentro, fora de casa, é na rua, no ônibus, no comércio, por onde você passar” (16); “Devido a vários problemas sociais, entre os quais, o desemprego, certos pais tem que sair pra trabalhar o dia todo e deixam as crianças abandonadas, à mercê da sociedade... as crianças... mal-tratadas, revoltadas, aí elas trazem pra escola a revolta, a raiva, por não ter comida..., carinho, a presença física dos pais, então elas se sentem desprezadas. A família acha que é obrigação da

escola assumir os problemas da criança, ta?”; “os pais vivem estressados, sem emprego e se desesperam pra sustentar as crianças” (19); “Eu vejo como a consequência de problemas sociais, né?... O aluno sofre a influência da violência através da fome, da miséria dos país...” (20).

Portanto, a partir dos diversos depoimentos dos professores, compreendemos que para eles os problemas de ordem social são os maiores causadores das circunstâncias de violência generalizada contra os alunos. Embora a maioria não tenha realizado explicitamente essa afirmação, percebemos que todos os entrevistados transmitiram de alguma forma em suas entrevistas a revolta com a situação social que vivenciamos no país.

Nessa perspectiva, entendemos que a violência na escola crescerá como consequência das adversidades sócio-econômicas de sua clientela. A violência virá como reação à sua situação de exclusão, das condições de má alimentação, desemprego, precariedade nas condições de habitação, entre outros.

Neto (1993) refere que a violência, freqüentemente, é relacionada à pobreza e, sem discordar de que o aumento da pobreza e da miséria constitui fator importante para o crescimento da violência, ela observa que esta articulação tem gerado uma criminalização da pobreza, colocando segmentos sociais inteiros como suspeitos ou na mira de permanentes julgamentos prévios. Por outro lado, Cavasin e Arruda (2000) afirmam que é enganoso pensar que a violência é um privilégio das classes populares.

Desta forma parece que em relação ao círculo vicioso da violência sobre a qual atuam diferentes fatores fica difícil percebermos onde ela começa e onde termina.

Na visão dos professores, é retratado também alguns problemas causados pela violência.

Categoria F – A violência causa problemas

Nesta categoria a metade dos professores reconhece que a violência causa problemas. Vejamos então:

“A violência está estragando com as crianças, estimulando grosseria, rebeldia” (2); “as crianças estão muito nervosas” (3); “as crianças não vão mais pra ter coleguismo; por qualquer coisa partem pra agressão. Nessa semana mesmo eu tive um caso: um coleguinha chutou a mochila do outro e a outra criança partiu com muita violência, aí eles choraram e foi preciso a senhora da copa vir me ajudar... aí

ele dizia: eu quero morrer, quero morrer, me dê uma faca que eu quero morrer...” (4); “até a socialização deles, a aprendizagem é muito difícil um professor trabalhar sozinho.” (8); “nós tínhamos um aluno que era de gangue, chegava na escola, não fazia nada, menino pálido, magro, não tinha vontade de estudar...” (10); “eu tento me aproximar daquele aluno nervoso, cheio de problemas, tento chegar junto pra conversar, pra ver se melhora, né? A escola também deveria. Tem professor que é lá no pedestal e os alunos embaixo; às vezes o aluno sai de casa pra ver se encontra uma solução pro seu problema e aí não encontra, né? Aí a violência continua.” (11); “... isso faz com que elas se sintam revoltadas, com raiva, por não ter comida, carinho e se sentirem praticamente desprezadas.” (18); “o aluno sofre as conseqüências...” (20).

Observamos através dessas falas que os professores têm nítida consciência de que a violência é uma ação que repercute diretamente sobre o processo ensino-aprendizagem, sentida como obstáculo da prática educativa docente, desencadeando nas pessoas e, principalmente, nos escolares, manifestações tais como agressividade, impulsividade, tensão, revolta, nervosismo, além de interferir nas relações interpessoais na escola, dificultando o processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente afetando o bem-estar não só do aluno, mas também dos professores. Isto nos parece suscitar a necessidade de trabalhar educação preventiva no combate à violência na escola, na família e na comunidade. E isto, para os professores, parece ser uma questão urgente.

Em relação à urgência social, os PCNs (1996, p. 10) reforçam que “esse critério indica a preocupação de eleger como temas transversais questões graves”, como é o caso da violência, a qual deve ser inserida no contexto de temas importantes como meio-ambiente, ética e saúde, uma vez que a violência é uma questão que impõe-se como obstáculo para a concretização da plenitude da cidadania, afrontando a dignidade das pessoas na escola e deteriorando a qualidade de vida. Para isso é preciso compreender os condicionantes históricos, políticos e sócio-culturais que permeiam a sociedade pós-moderna e seus mecanismos de consumismo e de globalização em detrimento do ser humano. Isto demanda um trabalho efetivo na prática docente e no próprio projeto político pedagógico das escolas.

Entretanto, não parece fácil trabalhar a violência por ser de tamanha complexidade e demandar da conjugação de esforços para a sua solução.

Categoria G – A violência é complicada, de difícil solução.

Em relação a esta categoria, alguns dos professores pesquisados convergiram suas idéias e revelaram o seguinte:

“A violência, a agressão aluno/aluno, aluno/professor, a degradação da própria escola, então a própria equipe administrativa, junto com os docentes, vem-se preocupando... outras escolas que eu conheço, no geral, é muito triste, é pichação, é a própria droga dentro da escola, isso aí é evidente... Eu percebo que também eles camuflam..., dado à falta de interesse o a própria estrutura da escola... Às vezes as escolas são grandes e não como tem como ficar vigiando totalmente...” (6); “A escola não dá conta sozinha” (7); “Eu vejo um problema muito difícil de ser resolvido...” (8); “Esta é uma questão complicada e que não deve partir só do ambiente escolar pra se resolver...” (13); “A violência atual é muito complicada...”(16); “É um caso muito agravante, né?” (17); “... Então, está muito difícil de controlar essa barra” (19).

Os professores consideram que é complicado e até mesmo difícil a questão da violência nas escolas, mostrando que, quem sofre com isto são os alunos, pois, às vezes, ela é camuflada, pela própria escola, havendo descaso, descompromisso e eles encontram dificuldades para lidar com esta questão, já que o problema não é só da escola, mas de todos (Giglio, 1999). Para tanto, é preciso cultivar uma cultura para a paz, sem falso moralismo, mas de forma real, onde eticamente, todos os participantes da escola, família e demais segmentos sociais cumpram o verdadeiro papel de cidadania.

3. Visão dos professores sobre a violência na sua escola

Quadro 3.1 – Representação qualitativa das falas dos professores pesquisados sobre a questão “Como você vê hoje, a violência na sua escola?”

Sujeito	RESPOSTAS
1	“... nessa escola, aqui, são crianças pequenas, que até certo ponto dá pra gente contornar. Mas, a maioria de atos violentos que eu vejo é na hora do recreio, no qual eles se confrontam um ao outro, com os outros alunos de outras salas, brincam, mas a brincadeira é violenta, não é sadia. Então a gente ta até vendo uma maneira como a gente pode fazer pra que na hora do recreio tenham atividades como jogos, musicas para eles extravasarem...”
2	“Aqui há violência. A gente faz o possível para controlar essa violência, mas acho que aqui a violência ela é controlada. A gente procura conversar muito. A gente influencia a criança a ter uma convivência melhor através das atividades, da socialização mostrando limites porque isso elas não trazem de casa.”
3	“Na minha escola, existe muita violência, apesar da gente tentar melhorar isto. Nós temos crianças de periferia... Ainda hoje, uma chegou e disse: sabe tia, hoje teve tiroteio lá na rua da minha casa. Então eu acho que isso influencia muito na criança e repercute na escola.

cont.	Ela vive a violência na sua rua, na sua comunidade, na sua família, então ela traz pra dentro da escola isso.
4	“Aqui há, mas, bem menos. Aqui, as crianças são mais civilizadas por não ser uma escola de periferia. Já tive um aluno que quis furar a professora de educação física e toda vez que ele entra em atrito, diz que não tem medo nem da própria mãe, imagine se tem da professora, afirmando que já mandou prender até o pai, porque não mandar prender a senhora.”
5	“Ter tem a violência aqui. Eu vejo que tem muito a ver com o meio aonde a criança vive. É só violência. Quando eu chego o momento é da acolhida, faço uma oração e converso com eles, só falam de violência. Ah tia, olha, o fulano brigou com um outro e ele meteu a faca...”
6	“O único turno que me preocupa é o da tarde (eu trabalho nele). Pela manhã tem violência, mas os alunos são menores, são mais controláveis do que os adolescentes da tarde. Agora, tem um fator que me incomoda muito: é a questão do professor em sala. Isso também é um facilitador para a violência na escola. Porque ora aluno chega atrasado, ora é o professor. O aluno fica andando no corredor, aí ele vai mexer com a outra turma que está ocupada, né? Isso sempre gera confusão. Porque aqui na escola, há confronto de turmas, de grupinhos, né?, que tem problemas lá na comunidade e aí trazem pra cá. Isto é preciso ser trabalhado e dialogado para não agredir ninguém e degradar o espaço da escola. Recentemente quebraram um vaso sanitário, e por causa disso a direção baixou uma ordem de que os alunos só usassem o sanitário quando fosse extremamente necessário, ou então na hora do recreio, isto é, dar limites.”
7	“Eu estudei aqui. Na minha época, não era desse jeito, era outra educação, outra formação, né? nós tínhamos respeito, medo, e hoje, isso eles não tem. Mas, eles têm consideração. Por exemplo: Sou uma professora, que tenho muito acesso a eles, porque eu trabalho com criança desde o início. Com dezoito anos eu já trabalhava com crianças carentes e pobres. Elas vinham pra escola pra ter carinho e pra comer, nem era pra conhecimento, mas para sobrevivência e os pais mandavam pra escola. Eu gosto de gente, e por isso que até eu tô com problema de saúde, me envolvo muito. Eles têm essa abertura comigo. Antes trabalhava numa escola, deprimente. As crianças não tinham a mínima noção de higiene, de carinho... Eu e minha colega fizemos melhorar a escola pra atender melhor as crianças. Nós compramos jogos, brinquedos, do nosso dinheiro – primeiro ordenado, olha a violência que nós sofremos... invadiram e roubaram a escola, quebraram tudo e nós soubemos depois que foram pais de determinadas crianças que eram nossos alunos beneficiados que estavam envolvidos no roubo e aí nós paramos, não denunciemos, não pressionamos mais e não havendo pressão eles deixaram de lado. Meu medo é de trabalhar com adolescentes. Hoje está faltando, essa relação de carinho e de amor, de estar aberto pra que eles possam chegar. Eu sou uma pessoa popular, converso muito e às vezes isso até me prejudica, incomoda. Dou atenção e carinho aos alunos. Até recebi mensagem de mãe, desses alunos e me procuram até quando estamos de greve. Minha mãe é professora e fica admirada. Eu tenho até hoje contato com os meus ex-alunos. As mães deles também me procuravam para pedir orientação sobre os problemas deles. Eu acho que não tem nada de mais, de abrir espaço para o dialogo, porque, conhecendo a vida deles nós estamos conhecendo a realidade deles talvez contribuindo para a solução juntos de alguns problemas. Então, eu tento humanizar e motivar o aluno. Sei que é um “saco” um aluno ficar todo o tempo sentado porque eu mesmo não consigo ficar todo o tempo sentada. Tem professor que não está nem aí para isso. Então, tem que dar um tempo deles se relacionarem, de brincarem, compartilharem junto com a professora. Aí, a gente aprende brincando e até o conhecimento se torna mais agradável e eu procuro fazer dessa forma pra que eles possam na brincadeira, aprender. Quando tenho algum problema eles percebem e dizem: O que a senhora tem? A minha aula sai mecanicamente. Aí, eu admito que não ficou legal. Aí na outra aula eu tento dar o máximo. Isto é troca, é humanização.”
8	“Aqui, a violência é muito grande, física, de agressão contra o prédio e o patrimônio como um todo, eles não valorizam nada. Fiz um projeto em cima disso. Fiz pra cada professor, pra valorização da sala de aula, cada aluno tomar conta e zelar pela sua carteira, pelo seu espaço, onde ele fica e no final teria uma premiação pra sala que estivesse mais organizada.

Cont.	Mas, eu guardei porque ninguém se interessou. Quando foi esse ano, começamos. Nós tínhamos que fazer alguns professore gostarem, a direção também. Veio a greve e ninguém começou. Mas a violência aqui na escola é reflexo do bairro que é muito violento. As crianças trazem os problemas pra gente [...]. contam da briga de mãe, de pai, que puxam faca, e mãe que já matou alguém,... Eles convivem com isso. Já teve um caso de um aluno que se meteu numa briga de sangue e foi preso, e que também já matou alguém, está no ensino médio. Até já tirei arma perigosa da mão de aluno. Levei ao conhecimento da escola, mas não se pode fazer nada, nenhuma providência. Chamaram os pais e não deu em nada também. Tinha uma aluna usuária de droga, a gente estava dando aula e chegava alguém pra cobrar alguma coisa dela, sabe? Drogas também estão entrando com mais força na escola. Fizemos um curso sobre drogas que nos deixou arrasadas. O professor quer ajudar, mas é difícil. É triste, fica com medo. Aqui precisa de apoio, porque a gente não tem o poder, porque o mundo vive essa questão da violência: é dentro e fora de casa, na rua e aí, se a gente pode ajudar, daqueles 10, salvar 2 ou 1. Aqui a gente já conversa, porque tem também meninas que ficam grávidas e a mãe manda abortar, sabe? Porque a mãe também faz e manda a filha fazer o mesmo, aí, é uma coisa muito triste... elas não tem uma perspectiva de vida.”
9	“Aqui na escola tenho a visão dos três turnos. Antes a violência era bem pior, a questão de pichação, de briga de gangue, aqueles alunos já não estão mais na escola e os que estão, a gente procura fazer um trabalho pra que isto não ocorra. Mas ainda tem pichação em sala e briga dentro da escola. A gente tem é muitos alunos que vêm de famílias desestruturadas e acabam se desentendendo com os colegas, com gangues, usam armas... mas tem escola muito mais difícil, né? Aqui há muita evasão. Alunos que não são bem aceitos, por exemplo: os agressivos, violentos, tendem ir embora. À noite, temos apoio da Polícia Militar, fazendo a ronda. Isto tem ajudado um pouco.”
10	“Ela existe, é permanente, contínua, e infelizmente a gente está até aprendendo a conviver com ela... conviver com certos alunos é perigoso. Hoje em dia é até “normal”, eles vem da rua, não tem família, ou então tem família desestruturada, ou moram com parentes, não se alimentam direito, não tem perspectiva de vida, sabe?”
11	“A família só coloca o aluno na escola, mas não participa da escola, não conhece o professor. Nem se preocupa em saber do filho. O orientador deve procurar saber com o professor, daquele aluno que falta, que ta com problema, que tem dificuldade de aprendizagem. Eu acho que a escola deveria trabalhar mais com a família juntamente com o aluno. Este ano eu tive um aluno que era de gangue e esse aluno foi afastado, assim como um outro também pelo serviço de orientação. Mas um deles era um excelente aluno comigo, e eu fiquei com pena de perdê-lo. Eu até que tentei intervir, mas o aluno mentia muito.”
12	“Aqui eu não vejo muita violência. Mas, se você chegar perto do aluno e conversar, você não vê tanta violência aqui. Vê eles reclamando. Nas reuniões com os professores temos discutido a necessidade de chegar mais perto do aluno, conversar mais, saber dos problemas deles... muitos chegam atrasados e tem professor que não deixa entrar na sala, aí, aquilo gera violência, e pra vingar, querem riscar carro de professor, querem discutir com ele.”
13	“A gente observa que o índice maior de violência é principalmente no noturno, porque trabalha com educação de jovens e adultos e pessoas do supletivo, às vezes praticam violência física com crianças e pré-adolescentes, às vezes a violência se dá mais verbal e alguns poucos casos de violência física, mas a maioria que a gente observa no ensino no turno é violência física.”
14	“Eu só trabalho na manhã, mas o que eu escuto o pessoal falar, é que pela parte da tarde, da noite, né? Tem e já teve confusão com alunos de gangues e até invasão na escola por isso. Alunos que usam drogas e chegam aqui querendo agredir. Mas sempre há com criança com outro problema aqui, ali.”
15	Respondida na anterior.
16	“Aqui há muitas violências: em sala de aula, na distribuição da merenda, com colegas no dia-a-dia. Aqui é triste. O que eu gostaria é que todos os técnicos fizessem um trabalho com todos os funcionários, como cargo de confiança, evitando a violência porque aqui trabalhamos com dignidade, devemos respeitar para sermos respeitados. Alguns ficam

Cont.	calados por medo de repressão, de perder a sua carga horária. Aqui, a maioria não tem voz, devemos aceitar tudo o que é determinado, mas tem professores que não aceitam porque são informados, pra trazer pra dentro da escola, pra que possa ter um diálogo melhor e mostrar o que é o certo e o que é errado. A escola também faz parte da nossa família, mas não existe isso. Às vezes, gostaríamos de dividir o problema, ter uma palavra amiga, um conselho, e não há aqui. Acabou a área de Serviço Social. O tempo de hoje não exige preparo para enfrentar os problemas, como por exemplo a violência na escola. Pra ajudar um aluno de forma mais humana, um servidor, um professor.”
17	“Na minha escola não vejo grandes problemas e tem bons professores, né? Eu acho que a violência gera na família, dada a liberdade que dá à criança. Olhe, você veja o professor já não pode pegar na orelha porque ta agredindo. Lá vai ele direto ao Conselho Tutelar, então não pode gritar, pedir pra sentar ali, porque já é violência. Tu estás botando na criança o que é respeito, dever... Meu pai me dava obrigação, ta? Não me estava dando castigo, mas sim responsabilidade. Hoje se fizermos isso vão dizer que estamos agredindo o filho dele, o professor hoje em dia ta de mãos atadas... e qualquer coisa está sendo processado. Deram muita liberdade, muito amparo pros direitos e esqueceram de botar na Constituição, deveres; que não existe direito sem dever. A Educação na palavra existe. Cadê a realidade? Cadê o conteúdo? Acho que se você quer falar de educação tens que ir lá dentro pra ver realmente o que é educação. Aí você pegaria a semente, a raiz, a árvore e o fruto e terias tudo. Mas só se planta e não se colhem, se planta e não sabe nem o que está plantando, quer saber só que se fez alguma coisa. Nossa educação, acho que está muito abaixo. Eu vi uma propaganda do beija-flor que pegava a água, pra tentar apagar o fogo na floresta e ele dizia assim: posso não apagar, mas estou fazendo a minha parte. Se todas as pessoas que falam em educação fizessem a sua parte, nosso país seria um país educação... civilizado.”
18	“A violência aqui, está mais pela tarde. Agora a diretora está pintando a escola, mas, nós temos um problema terrível de pichação, né? E a forma de se expressar, né! Então a criança Poe pra fora o que ela está sentindo, entendeu? É mais visível na parte da tarde com os adolescentes.”
19	Aqui tem violências. Tem aluno que agride mesmo, o outro aluno. À noite vi uma menina que ela veio esperar a outra menina com uma gilete, estilete, não sei bem, pra conrtá-la. Entrou na escola e eu estava na lanchonete, a outra, percebeu e me falou que a garota estava esperando ela pra agir. O problema aconteceu lá no lar, e elas trazem pra escola. Aí, eu falei com a vice-diretora e ela ficou com medo e telefonou pro PM. A menina percebendo caiu fora. Há também violência com funcionário por abuso de poder. Eu vejo tudo, mas não falo nada. Olha, a gente tem que procurar Deus pra aliviar sua alma e pra ajudar o aluno. Mas quem se envolve na violência... se perde...”
20	“É complicado... eu observo na fala dos alunos a falta de esperança. Paulo Freire, trabalha justamente com esperança, ética e utopia. Então é muito difícil quando você escuta de um aluno que ele não espera nada do futuro. Então ele vai estar susceptível a esse imediatismo que é a violência, e pensa que é ganhando no grito que vai se sobrepor, se auto-afirmar batendo, desrespeitando a professora, usando palavras de baixo calão, etc. Então, na minha escola de um modo geral a violência faz parte do cotidiano, é muito complicado. Se um bate no outro, pergunta: resolveste o problema assim? Tu trabalhas fora? Tem uns que precisam ajudar a família, se estressam, tem outros que fogem do pai que está espancando o filho, a mãe; nós precisamos conhecer a realidade da vida desses alunos, pra podermos compreender aquele ato imediatista. Então a gente faz eles refletirem sobre aquilo. Então, eles tem que tomar consciência... para construir uma vida melhor... é porque violência gera violência; os alunos descrevem que se eu bato no colega, sou respeitado, se eu sou envolvido com gangue eu sou respeitado, se eu sou líder de gangue eu sou mais respeitado ainda, ninguém me peita, porque eu tenho os meus amigos. Então, a violência é como se fosse uma capa de proteção desses alunos... carentes de afeto. Um dia um aluno, que tem o rótulo de só ir pra escola pra brigar, eu chamei e conversei em particular perguntando’... porque que tu és assim? O que tu esperas do teu futuro? Eu quero ouvi-los, confusão, fofoca, vivem se incomodando com tudo, só do colega olhar com cara feia, já acham afronta. E aí, perguntei: posso te ajudar? Ele me olhando disse, acho! Conversando comigo sempre, né? Aqui em Belém, parece que abrem-se igrejas, como abrem-se açougues vendendo Jesus, né? Aos pedaços, vendendo o filé, a coxa, entre-coxa e tal... e ele é de uma igreja evangélica. A gente tem que ligar os pontos, né? Eu digo pra ele: o que é que tu

Cont.	aprendes? O que o pastor te diz? Então percebo que esse aluno não está bem, quer ser ouvido... a gente abre caminhos... Então há falta dessa esperança que Paulo Freire menciona, a falta de utopia dos sonhos. Então qual é o meu papel enquanto educador? É de dar essa possibilidade de resgatar ou implementar na vida dele, coisas que ele nunca teve acesso, como a leitura, a afetividade... implementação, é a inclusão na vida desse aluno... o perfil deste aluno é praticamente igual ao de 70% do perfil dos outros alunos, da questão da violência... é porque está com déficit na série, muito atrás, e há dissonância entre série/idade, já adolescente na 3ª série e vendo conteúdos vazios, desarticulados da sua realidade, o seu corpo está mudando... e ninguém desmistificando os mitos, os preconceitos e os tabus. Isto significa um acúmulo de angústias de estresse, de medos, e desesperanças muito grande que ele vai se auto-afirmar naquilo que é inerente do bairro, e que é uma coisa negativa, que não é normal – a violência ... Se você quer ser respeitado, você tem que respeitar e o aluno ele é o nosso objeto de trabalho, é preciso muito diálogo, franco, comprometido e aberto. Esmurrou... chorou,... dou tempo,... toma um pouco de água, ... depois a gente conversa. A seguir, resgato o caso para me darem uma justificativa plausível. Eu faço a inversão, que eles são seres capazes de mudar até que me provem o contrário. Na verdade vejo que eles são seres violentos em potencial. Mas, deposito amor neles.
--------------	--

Lendo cuidadosamente, as falas destes professores, no que se refere à visão que eles têm sobre violência na sua escola nos apresenta as categorias mais expressivas, como se segue:

Categoria A – Violência na minha escola

Como pudemos verificar, a grande maioria referencia certa violência na sua escola, ressaltando o seguinte:

“nessa escola aqui... são crianças que até certo ponto dá pra gente contornar, mas a maioria dos atos violentos que eu vejo é na hora do recreio, no qual eles se defrontam um com outro... de outras salas, brincam, mas a brincadeira é violenta, não é sadia...”

(1). *“Aqui, há violência... mas acho que aqui a violência é controlada...”* (2). *“na minha escola existe muita violência... nós temos criança de periferia. Ainda hoje, uma chegou e disse: sabe tia, hoje teve tiroteio lá na rua da minha casa. Então, eu acho que isso influencia muito na criança e repercute na escola. Ela vive a violência na sua rua, na sua comunidade, na sua família, então traz pra dentro da escola isso.”* (3). *“Aqui há bem menos. Já tive um aluno que quis furar a professora de educação física e toda vez que ele entra em atrito, diz que não tem medo nem da mãe; imagine se tem da professora, afirmando: já mandei prender até o meu pai, porque não mandar prender a senhora”.* (4) *“ter, tem violência, mas bem menos. Eu vejo que tem muito a ver com o meio que a criança vive. É só violência... e só falam de violência: ah tia, olha, o fulano brigou com o outro e ele meteu a faca...”* (5) *“O único turno que me preocupa é o da tarde (eu trabalho nele). Pela manhã tem violência, mas os alunos são menores, só que são mais controlados do que os adolescentes da tarde. Agora, tem um fator que me incomoda muito: é a questão do professor em sala... Isto também é facilitador para*

a violência na escola. Por ora o aluno chega atrasado, ora é o professor. O aluno fica andando no corredor, aí vai mexendo com a outra turma que está ocupada, né! Isso sempre gera confusão porque aqui na escola, há confronto de turmas, de grupinho, né! Que tem problemas na comunidade e aí trazem para cá. ... recentemente, quebraram um vaso no sanitário e por causa disso a direção baixou uma ordem de que os alunos só usariam o sanitário quando fosse extremamente necessário...” (6). “Eu estudei aqui e na minha época não era desse jeito, era outra educação, outra formação, né! Nós tínhamos respeito e hoje, isso eles não tem. ... Antes trabalhava numa escola deprimente. Aí crianças não tinham a mínima noção de higiene, de carinho... roubaram e invadiram a escola, quebraram tudo e nós soubemos depois que foram os pais de determinadas crianças que eram os nossos alunos beneficiados que estavam envolvidos no roubo e aí paramos, não denunciemos e não pressionamos mais e não havendo pressão, eles deixaram de lado. Meu medo é de trabalhar com adolescente...” (7) “Aqui, a violência é muito grande, física, de agressão, contra o prédio e o patrimônio como um todo, eles não valorizam nada. A violência aqui na escola é um reflexo do bairro, que é muito violento. As crianças trazem os problemas pra gente... contam da briga de mãe, de pai, que puxam faca, e a mãe que já matou alguém... Eles convivem com isso. Já tive um caso de aluno que se meteu numa briga de sangue, e foi preso. E que também já matou alguém, está no ensino médio. Até já tirei uma arma perigosa da mão do aluno. Tinha uma aluna usuária de drogas, a gente estava dando aula e chegava alguém pra cobrar alguma coisa dela, sabe? As drogas também estão entrando com mais força na escola... Aqui precisa de apoio porque a gente não tem poder, porque o mundo vive essa questão e da violência; e dentro e fora de casa, na rua, meninas que ficam grávidas e a mãe manda abortar, porque a mãe também, fez... isto é triste, né! Elas não tem perspectiva de vida”. (8) “Aqui na escola, já trabalhei nos três períodos e tenho visão dos três turnos. Antes a violência era bem pior, a questão da pichação, de briga de gangues. Aqueles alunos já não estão mais na escola... Mas, ainda tem pichação em sala e briga dentro da escola. A gente tem é muitos alunos que vêm de famílias desestruturadas e acabam se desentendendo com os colegas, com gangues, usam armas... mas tem escolas muito mais difíceis, né! Aqui, há muita evasão. Alunos que não são bem aceitos, por exemplo, os agressivos, violentos tendem ir embora...”(9). “Ela existe, é permanente, continua e infelizmente a gente está até aprendendo a conviver com ela... conviver com certos alunos, é perigoso... hoje em dia é normal, eles vem da rua, não tem família ou então tem família desestruturada ou moram com parentes, não se alimentam direito, não tem perspectiva de vida, sabe?” (10). “A família só coloca na escola, mas não participa da escola, não conhece o professor. Nem se preocupa em saber do filho... que ta com problema, que tem dificuldade de aprendizagem... Este ano eu tive um aluno que era de gangue e esse foi afastado, assim como um outro também... o aluno mentia muito”. (11) “Aqui eu

vejo muita violência... só vê eles reclamando... muitos chegam atrasados e tem professor que não deixa entrar na sala, aí, agindo gera violência e pra vingar, querem riscar o carro do professor, quer discutir com ele”. (12) “A gente observa que o índice maior de violência é principalmente no noturno, onde há educação de jovens e adultos e pessoas do supletivo... às vezes praticam violência física. Com crianças e pré-adolescentes, às vezes, a violência se dá mais verbal e há alguns poucos casos da violência física”. (13) “Eu só trabalho na manhã, mas o que eu escuto falar, que é pela parte da tarde, da noite, né? Tem e já teve confusão com alunos de gangue e até invasão na escola por isso. Alunos que usam drogas e chegam aqui querendo agredir. Mas, sempre há com crianças que tem um ou outro problema aqui, ali”. (14) “Aqui há muita violência, em sala de aula, na distribuição da merenda, com os colegas no dia-a-dia. Aqui é triste... alguns ficam calados por medo de repressão, de perder a sua carga horária. A maioria não tem voz, devemos aceitar tudo que é determinado... A escola deveria fazer parte da nossa família, mas não existe isso. Às vezes, gostaríamos de dividir problemas, ter palavra amiga, um conselho, e não há aqui. Acabou a área do Serviço Social”. (16) “Na minha escola não vejo grandes problemas e tem bons professores, né! Eu acho que a violência gera na família, dada a liberdade dá à criança. O professor não pode pegar na orelha porque está agredindo, lá vai ele direto ao Conselho Tutelar. Então, não pode gritar, pedir pra sentar ali, porque já é violência... Hoje, se fizermos isso vão dizer que estamos agredindo o filho dele, o professor hoje em dia, tá de mãos atadas e qualquer coisa está sendo processado...” (17) “A violência aqui, está mais pela tarde... temos um problema terrível de pichação, né! É a forma de expressão, né! Então a criança Poe pra fora o que está sentindo, entendeu? É mais visível na turma da tarde com os adolescentes”. (18) “Aqui tem violência, tem aluno que agride mesmo, o outro aluno. Á noite vi uma menina que veio esperar a outra com gilete, estilete, não sei bem, pra cortá-la. Entrou na escola e eu estava na lanchonete, a outra percebeu e me falou que a garota estava esperando ela pra agir. O problema aconteceu lá no lar, e eles trazem pra escola. Aí, eu falei pra vice-diretora e ela ficou com medo e telefonou pro PM. A menina percebeu, caiu fora... Há também com os funcionários para abuso de poder. Eu vejo tudo, mas não fala nada... mas quem se envolve na violência... se perde”. (19) “É complicado... eu observo na fala dos alunos, a falta de esperança... Então ele vai estar susceptível a esse imediatismo que é a violência, ganhando as coisas no grito, sobrepondo e autoafirmando batendo, desrespeitando a professora, usando palavras de baixo calão, etc. Então, de um modo geral, a violência faz parte do cotidiano de minha escola, é muito complicado. Se um bate no outro, pergunto: resolveste o problema...? Tem uns que precisam ajudar a família, se estressam; outros que fazem do país que espanca o filho, a mãe... Violência gera violência. Os alunos descrevem que se eu bato no colega – sou respeitado; se sou envolvido com gangue – eu sou respeitado; se sou líder de gangue,

sou mais respeitado ainda, ninguém me peita, porque eu tenho meus amigos. Então, a violência, é como se fosse uma capa de proteção desses alunos... carentes de afeto. Um dia, um aluno que tem o rótulo de só ir pra escola pra escola pra brigar, eu chamei e conversei particular com ela, perguntando; por que tu és assim? O que tu esperas do futuro?...” (20)

Portanto, nesta categoria agrupamos os dados emitidos pelos professores pesquisados que convergem para a presença da violência em sua escola. Disto depreendemos que a maioria reconhece a existência de violência de toda ordem ocorrendo na sua escola durante o recreio, nas salas de aula, na distribuição da merenda, nos corredores com agressões físicas; às vezes só verbalizadas; ou com presença de armas, mas há também as pichações nas paredes; depredação na escola, no prédio e agressões ao professor, roubos, confronto de turmas e grupinhos, usam drogas, meninas engravidam e abortam, etc. Eles afirmam que isto decorre da sociedade agressiva em que vivemos; em que o aluno violento traz de casa e como reflexo do bairro. Eles carecem de atenção e alguns professores que têm consideração por eles os escutam. Porém, parece que os professores não têm dado muita importância para este problema. E na escola, há um ocultamento, descaso para lidar com esta questão, já que não há denúncia ou registro, nem tomada decisão de decisão para contornar esta situação. Então, parece que o segredo contra a violência na escola é nunca estar sozinho, sempre fazer um trabalho de equipe, no qual possam partilhar suas angústias e ter apoio na busca de soluções (Blaya, 2003)

Categoria B – Tendência à prevenção da violência

Extraída ainda da questão sobre a visão do professor em relação à violência na sua escola, referente às suas falas, temos que:

“... então, a gente tá até vendo uma maneira como a gente pode fazer pra que na hora do recreio, tenham atividades como jogos, musicas para eles extravasarem”. (1) “... a gente faz o possível para controlar essa violência... A gente procura conversar muito. A gente influencia para a criança ter uma convivência melhor através de atividades, da socialização, mostrando limites porque isso elas não trazem de casa”. (2) “... apesar da gente tentar melhorar isto, nós temos crianças de periferia...” (3) “... aqui, as crianças são mais civilizadas, por não ser uma escola de periferia...” (4) “... Quando eu chego, o momento é de acolhida, faço uma oração e converso com eles...” (5) “... isso é preciso ser trabalhado, é o diálogo para não agredirem ninguém e degradar o espaço da escola. Recentemente, quebraram um vaso do sanitário... e a

direção baixou uma ordem de que os alunos só usassem o sanitário quando fosse extremamente necessário, ou então na hora do recreio, isto é dar limites”. (6) “Eu e minha colega fizemos melhoras na escola pra atender melhor as crianças. Nós compramos jogos, brinquedos do nosso dinheiro – 1º ordenado, olha a violência que nós sofremos... roubaram e invadiram a escola, quebraram tudo e nós soubemos depois que foram os pais de determinadas crianças que eram os nossos alunos beneficiados que estavam envolvidos no roubo e aí paramos, não denunciemos e não pressionamos mais e não havendo pressão, eles deixaram de lado”. (7) “... fiz um projeto em cima disso. Fiz pra cada professor pra valorização da sala de aula, cada aluno tomar conta e zelar de uma carteira, pelo seu espaço, onde ele fica e no final, teria uma apreciação para a sala que estivesse mais organizada. Mas eu guardei porque ninguém se interessou. Quando foi esse ano começamos. Nós tínhamos que fazer, alguns professores gostaram e a direção também. Veio a greve ninguém começou... tive um caso de aluno que se meteu em briga... e foi preso... já tirei arma perigosa da mão de aluno. Levei ao conhecimento da escola, mas não se pode fazer nada... chamaram os pais e não deu em nada. Tinha uma aluna usuária de drogas... fizemos um curso sobre drogas... o professor que quer ajudar, mas é difícil, é triste, fica com medo. Aqui precisa de apoio, porque a gente não tem poder...” (8) “...para os alunos que estão, a gente procura fazer um trabalho para isto não ocorrer mais. ... À noite, temos apoio da Polícia Militar, fazendo a ronda... isto tem ajudado um pouco.” (9) “O orientador deve procurar saber com o professor, daquele aluno que falta... Eu acho que a escola deveria trabalhar mais com a família juntamente com o aluno. Este ano eu tive um aluno que era de gangue e esse foi afastado, assim como um outro também, pelo serviço de orientação...” (11) “Mas, se você chegar perto do aluno e conversar, você não vê tanta violência... nas reuniões com os professores, temos discutido a necessidade de chegar mais perto do aluno, conversar mais, saber dos problemas deles...” (12) “... o que eu gostaria é que todos os técnicos fizessem um trabalho com os funcionários, como cargo de confiança, evitando a violência, porque aqui, trabalhamos com dignidade, devemos respeitar para sermos respeitados... mas tem professores que não aceitam porque são informados, pra trazer pra dentro da escola, pra que possa ter um diálogo melhor e mostrar o que é certo e errado. A escola deveria fazer parte de nossa família, mas isso não acontece. A educação de hoje tem que ser olhada de outra maneira. O tempo de hoje nos exige preparo para enfrentar os problemas, como por exemplo, a violência na escola não!” (16) “... tu estás botando na criança o que é respeito... dever... meu pai me dava obrigações, tá? Não me estava dando castigo, mas sim responsabilidade... Deram muita liberdade, muito amparo pros direitos e esqueceram de botar na Constituição, deveres, porque não existe direito sem dever. A Educação na palavra existe. Cadê a realidade? Cadê conteúdo? Acho que se você quer falar de Educação, tens que ir lá dentro pra ver realmente é... Aí você

pegaria a semente, a raiz, a árvore e o fruto e teria tudo. Mas, só se planta e não se colhe, se planta e não se sabe nem o que está plantando, quer saber só que se fez alguma coisa... vi uma propaganda do beija-flor que pegava a água, pra tentar apagar o fogo na floresta e ele dizia assim: posso não apagar, mas estou fazendo a minha parte. Se todas as pessoas que falam de educação fizessem a sua parte, nosso país seria um país educado... civilizado". (17)

Disto depreendemos que nas escolas pesquisadas, os professores revelam o esforço de alguns professores para lidar com a prevenção da violência ou minimizar os problemas já existentes.

Categoria C – Humanização

Assim, procuramos através das falas dos professores pesquisados, continuar a busca da categorização em relação à pergunta em questão. Nessas respostas, conseguimos classificar as seguintes falas, agrupando-as na **Humanização**:

“A gente procura falar muito...” (2) “Quando chego, o momento é de acolhida, faço uma oração e converso com eles”. (5) “Isto é preciso ser trabalhado e dialogado, para não agredir ninguém e degradar o espaço das escolas”. (6) “Mas, eles tem consideração. Por exemplo, sou uma professora que tenho muito acesso a eles, porque eu trabalho com crianças desde o início. Com 18 anos eu já trabalhava com crianças carentes e pobres. Elas vinham pra escola pra ter carinho e pra comer, nem era pra conhecimento. Mas pra sobrevivência, os pais mandavam pra escola. Eu gosto de gente, é por isso que eu tô com problemas de saúde, me envolvo muito. Eles tem essa abertura comigo. Antes trabalhava numa escola deprimente. As crianças não tinham a mínima noção de higiene, de carinho... eu e minha colega fizemos melhorias na escola pra atender melhor as crianças, nós compramos jogos, brinquedos do nosso dinheiro – 1º ordenado... Hoje está faltando essa relação de carinho e de amor, de estar aberto pra que eles possam chegar. Eu sou uma pessoa popular, converso muito e às vezes, isso me prejudica, incomoda. Dou atenção e carinho aos alunos. Até já recebi mensagem de mãe desses alunos e me procuram até quando estamos de greve. Minha mãe é professora e fica admirada. Eu tenho até hoje contato com meus ex-alunos. As mães deles também me procuram para pedir orientação sobre os problemas deles. Eu acho que não tem nada demais, de abrir espaço para o diálogo, porque conhecendo a vida deles, nós estamos conhecendo a realidade deles e talvez contribuindo para a solução juntos de alguns problemas. Então, eu tento humanizar e motivar o aluno. Sei que é um saco, um aluno ficar o tempo todo sentado porque eu mesma não consigo ficar o tempo todo sentado. Tem professor que não está nem aí pra isso. Então, tem que dar um tempo deles se

relacionarem, de brincarem, compartilharem junto com a professora. Aí, a gente aprende brincando e até o conhecimento se torna mais agradável e eu procuro fazer dessa forma pra que eles possam na brincadeira, aprender. Quando tenho algum problema, eles percebem e dizem: o que a senhora tem? E a minha aula saiu mecanicamente. Eu admito que ao ficou legal. Aí, na outra eu tento dar o máximo. Isto é troca, é humanização”. (7) “Aqui, precisa de apoio, porque a gente não tem poder, porque o mundo vive essa questão, é a da violência dentro e fora de casa, na rua, e aí a gente pode ajudar, daqueles 10, salvar 2 ou 1... Aqui a gente conversa, porque tem também meninas que ficam grávidas e a mãe manda abortar, sabe? Porque a mãe também faz e manda a filha fazer o mesmo, aí é uma coisa triste, né? Elas não tem perspectiva de vida”. (8) “este ano eu tive um aluno que era de gangue e esse foi afastado, assim como um outro também, pelo serviço de orientação. Mas um deles, era excelente aluno comigo e eu fiquei com pena de perdê-lo. Eu até tentei intervir...” (11) “porque aqui, trabalhamos com dignidade... alguns professores são informados para trazer pra dentro da escola, pra que possa ter um diálogo melhor e mostrar o que é certo e o que é errado. A escola deveria fazer parte de nossa família... O tempo de hoje nos exige preparo para enfrentar os problemas, como por exemplo, a violência na escola, não! Pra ajudar um aluno de forma mais humana, um serviço, um professor”. (16) “a gente tem que procurar Deus pra aliviar a alma e ajudar o aluno”. (19) “Paulo Freire trabalha justamente com a esperança, ética e utopia. Precisamos conhecer a realidade desses alunos, pra podermos compreender aquele fato, imediatista. Então, a gente faz eles refletirem sobre aquilo. Então, eles tem que tomar consciência... para construir uma vida. Eu quero ouvi-lo... pra que tanta confusão, fofoca, se incomodando com tudo – só do colega olhar com cara feia, já acha afronta? E aí? Posso te ajudar. E ele me olhando disse, acho! Conversando comigo sempre, né? Aqui em Belém parece que abrem-se igrejas, como abrem-se açougues, vendendo Jesus, né? Aos pedaços, vendendo o filé, a coxa, entre-coxa... Ele é de uma igreja evangélica. A gente tem que ligar os pontos, né? Então eu digo: o que tu aprendes? O que o pastor te diz? Então percebo que esse aluno não está bem, quer ser ouvido... a gente abre caminho... então há falta dessa esperança que Paulo Freire menciona, há falta de utopia dos sonhos...Então qual é o meu papel enquanto educador? É de dar essa possibilidade de resgatar ou implementar na vida dele coisas que ele nunca teve acesso, como a leitura, a afetividade... é a inclusão na vida desse aluno... Outro caso, 70% do perfil dos outros da questão da violência... é porque está com déficit na série muito atrás; e a dissonância entre série/idade, já adolescente na 3ª série, vendo conteúdos vazios, desarticulados da sua realidade... o seu corpo mudando... e ninguém desmistificando os mitos, os preconceitos, os tabus... Isto significa um acúmulo de angustias, de estresse, de medos e desesperanças muito grande que ele vai se auto-afirmando naquilo que é inerente do bairro, que é uma

coisa negativa, que não é normal – a violência. ... se você quer ser respeitado, tem que respeitar o aluno, ele é o nosso objeto de trabalho, é preciso muito diálogo, franco, comprometido e aberto... ... esmurrou... chorou... dou tempo... descansa... toma um pouco de água... depois a gente conversa. A seguir resgato o caso, para me darem uma justificativa plausível... Eu faço a inversão – que eles serão capazes de mudar, até que me provem o contrário. Na verdade vejo que eles são seres violentos em potencial... mas, deposito amor neles”. (20)

Na fala dos professores, depreendemos que entre eles existem aqueles que na sua ação pedagógica valorizam o sentido humano da pessoa. Necessariamente, as relações na escola, são constituídas, instituídas e carregam as marcas e as necessidades de seu tempo. Só podem “ser de fato” na medida em que expressam as condições reais da vida e onde estejam presentes os interesses, os desejos de seus instituídos (Lopes, 2000).

Neste sentido, cabe ao professor o desafio de se colocar no papel de verdadeiro educador, resgatando através da sua ação humana o interesse e a valorização do aluno pela escola, na tentativa de superação da violência.

4. Surgimento da Violência nas Escolas

No que diz respeito às causas do surgimento da violência nas escolas, o Quadro 4. nos permite observar o seguinte:

Quadro 4.1 – Representação qualitativa das falas dos professores pesquisados sobre a questão “A que você atribui o surgimento da violência na escola?”.

Sujeito	RESPOSTAS
1	“... a falta de alimento, o desemprego, a sociedade, enfim, fome, muita guerra... A televisão que mostra muita coisa também. A criança vendo cada cena horrorosa na televisão, acham que pra conseguir as coisas tem que brigar, então, acredito que seja a falta de ter uma sociedade voltada pra paz mundial, cada vez que passa, há violência. Então, a criança vai vendo isso e acha que não consegue na conversa e sim na briga”.
2	“... é a convivência do lar, a família, porque às vezes a gente começa a falar de violência e a criança mesma chega falando na escola o que aconteceu na casa: o papai bateu na mamãe... o papai foi preso... o meu tio foi furado... ... vem lá do meio-ambiente que frequênta, vizinhança, a rua, o próprio lar e ainda as más companhias”.
3	“... isso já vem de família, há muita miséria, né?... eu acho, que desde que as mães saíram pra trabalhar, a violência aumentou... Eu sou uma mãe trabalhadora, e tenho uma filha de 13 anos. Saio pra trabalhar, quando chego, trabalho dois turnos, e não tenho paciência, às vezes com a minha filha. Então eu tenho que me policiar e aquelas pessoas que vivem na miséria. Imagine alguém ver seu filho passar fome, passa um dia trabalhando duro como empregada doméstica, faxineira, que são elas a maioria da nossa comunidade, chegam em casa e vêem o seu filho pedir uma coisa, uma comida e não tem, como muitas vezes, as

Cont.	crianças na hora do recreio quando não tem merenda, choram com fome. A mãe saiu pra trabalhar, os filhos ficaram soltos... Eu tinha ainda quem ficasse com a minha filha, minha mãe – minha família”.
4	“Eu acho que é a família, porque ela é a base. Quando você traz base mesmo, sem recursos financeiros, e com problemas, tudo caminha bem na vida da criança, porque a família ainda é o reflexo e espelho. Se a família é estruturada, tudo vai bem, agora se tem pai alcoólatra, viciado, drogados, aí fica difícil”.
5	“Tem muitas coisas, mas uma delas é a questão dos limites. Crianças que a família não dá limites e vivem muito na rua, vivem muito soltos, fazem o que querem, sabe? É a televisão, também! Tudo é violência, até os desenhos animados, eles brincam imitando os desenhos que assistem. Eu até procurei assistir, e é só violência”.
6	“Vem da família, a mãe, às vezes, tem que trabalhar, é separada, ou o pai é desempregado, né? É todo um contexto social que reflete na formação da criança, às vezes é criada sozinha, na rua, adquire vícios que vão refletir na própria atitude dela na escola. Vem da comunidade. É um meio de chamar a atenção. Precisa fazer um trabalho de conscientização. Tem uma professora aqui que faz esse trabalho. Ela nunca vê o aluno como aquele transgressor, ela trabalha o aluno como um todo. Se for necessário ela faz visita, enquanto há outros que levam o menino pra diretoria. Tem invasões de áreas, né? É um bairro muito violento. Havia aqui muita pichação com alunos daqui e gente de fora. Foi contratado um pessoal de apoio, para ajudar a identificar o problema, sem rotular nenhum aluno, e agora a escola está toda pintada com desenhos dos próprios alunos. Houve também arrombamentos roubando todos os troféus daqui. Com novos vigias, gradeamento de salas e as portas, melhorou muito, mas aqui em frente a escola, tem vario barzinhos, o que facilita a entrada de bebida na escola, principalmente à noite”.
7	“À questão econômica mesmo. São as desigualdades sociais e econômicas, falta de brinquedo, falta das coisas... de moradia. A mídia, principalmente a TV atrapalha. A violência é gerada por querer também obter aquilo, se não tem, se prostitui, tem necessidade de auto-afirmação, de liderança, é a questão da droga, do álcool, más companhias, fumo, a ociosidade”.
8	“Muitas vezes a família desestruturada. A mãe se separa do pai, e já tem outro companheiro e, já tem outros filhos com o outro e a criança não gosta do homem a que ela se juntou, aí vai morar um tempo com o pai, o pai também tem outra companheira que já tem outros filhos, também, de outro e depois, vai ter filho do mesmo pai dela, sabe? Tem crianças aqui, que foram meus alunos que eu sentia muita dó dessas crianças, elas reclamavam: eu não gosto dela, ela me bate, ela não é a minha mãe, ou, eu não gosto dele, ele não é o meu pai, sabe? Ficam nesse conflito, pra um lado, pro outro. São crianças jogadas, tristes... Não tem perspectiva de vida. Falam então, que não tem mais família porque muitas moram com avó, ele não tem paciência. A adolescência é muito conturbada. Fazem dos avós gato e sapato não respeitando... tudo isto gera violência”.
9	“Passa pela questão da família desestruturada, da sociedade que não oferece oportunidades para a pessoa pra que ela cresça e trabalhe. Vai procurar um emprego e não tem. Aí isso tudo acaba a deixando sufocada e a única maneira que ele tem de extravasar é através da violência e, famílias desestruturadas, vão formar filhos desestruturados, não é verdade? Eles vão ser pais do futuro, e que filhos que eles vão criar, né? se hoje em dia o jovem, ele é violento, ele prática a violência, ele é vitima dessa violência, a criança e o jovem acabam sendo criados arredios. A escola também não oferece atrativos e não repensa a sua função social. Não tem Projeto Político Pedagógico, não oferece alternativas. Temos colegas que estão com auto-estima baixa, e como é que ele pode falar de cidadania, de respeito, de transformação, se ele não se vê como cidadão, se ele não conhece seus direitos, não reconhece seus deveres. A tente vê colegas, hoje em dia, que ainda usam um caderno de plano de aula de 10 anos atrás. Como que a professora quer que o aluno esteja motivado? Nada agrada o aluno. Isto também é uma violência. Ele picha o muro, se junta a gangues, vai brigar com o outro, quebram carro na rua... A escola tem que ser repensada”.
10	“Eu acho que os jovens não tem perspectiva, eles perderam, ou nem assimilaram valores e isso a gente atribui parte à família, precisam acreditar em alguma coisa, porque não acreditam em nada, não estão nem aí, não respeitam ninguém, nem professor, professor pra

Cont.	eles não é nada. Atribuo que parte da violência vem da própria família, da sociedade, dos meios de comunicação, que acabam copiando...”
11	“Começa desde uma gravidez indesejada, não orientada... As meninas hoje em dia engravidando com 12, 13 anos, não assumem responsabilidade. A família perdeu o controle. Quantas meninas são estupradas na madrugada... Quando a gente conversa com os alunos e dizem que vão pra festa, bebem, fumam, e a própria mãe, às vezes, manda a menina se prostituir, pra ajudar em casa. A influencia dos meios de comunicação, a própria televisão, eles querem usar tudo o que vêem, querem usar roupa de marca... pintar o cabelo... usar tênis de marca e vão tentar conseguir de outra forma ... é o consumismo desenfreado. Isto gera violência”.
12	“Há tantos fatores sociais. Em primeiro lugar a família. A mãe tem que trabalhar, o pai... a mãe cria sozinha o filho, ela tem que passar o dia fora e essa criança é largada na rua. Eu atribuo, primeiramente à família. Depois a sociedade, porque esses meninos vão crescendo, não tem emprego, não tem em que se ocupar, a família também não tem de onde tirar, então as condições socioeconômicas também influenciam muito.
13	Os alunos discutem e brigam no cotidiano, na sala de aula. Tem alunos que fazem parte de gangue. A violência nas escolas não é diferente que tem por aí... A clientela é carente, usa droga, briga por bobagens.
14	Não sei, mas eu acho que parte da família. Tem aluno que já vem, que já tem aquele instinto de violência, chutam tudo, só é na violência mesmo. A cada dia ficam mais violentos, né?
15	“Eu, atribuo muito ao pessoal administrativo, que não toma providencia quando precisa... Deveria ter um serviço direto com os pais, ta? A professora B..., pede pros técnicos chamarem os pais, trabalhar violência aqui entra por um ouvido e sai pelo outro. Assim não tem condições, né? Uma andorinha só não faz verão. Acho que a culpa é muito da direção. A violência é maior no turno da tarde que é mais quente... e ficam mais soltos, ficam muito agitados, um mexe com outro e já começa tudo... confusão... Já senti na pele a violência, roubaram até o meu dinheiro... E eu tenho certeza que foi um aluno da sala, mas eu não descobri quem foi. A orientadora me ajudou, até uma policial do CIPOE que fica aqui á tarde, a diretora que não tomou nem conhecimento do furto, violência contra o professor, né? Mas, eu não tinha certeza, e eu não ia dizer foste tu, até porque depois [] vinha o Conselho Tutelar, vinha não sei o que. Virgem Maria! Deixa pra lá!. Aqui na escola estudam muitos alunos que vivem na rua também. É no papagaio, é na peteca. Atribuo isso à família, eles vem de lá descontar aqui na escola, entendeu? Também tem muito funcionário aqui que tratam esses meninos muito mal, inclusive eu tenho um aluno que é paraplégico. Fizeram grosseria com ele e a mãe chorou muito, por causa de uma grosseria que fizeram pra ela e pro filho dela, né? Ele é um aluno especial e tem direitos como os outros...”
16	Atribuo à família, ao desemprego, à fome, à miséria, à falta de compreensão. Aqui na minha escola a violência é geral, nos comportamentos, nos modos, nas maneiras de alguns... das merendeiras, das agentes da portaria, administrativo... é a falta de compreensão em se tratando de saúde, de tudo, de tudo, de um modo geral. A violência aqui é total”.
17	“Primeiro é como eu disse anteriormente: excesso de liberdade aos adolescentes e crianças, proibido a reprimenda, né? mostrar que você ‘professor, que tem respeito, que é uma autoridade e que com ele você aprende. Aqui, professor é mais uma pessoa na sala, sem direito... precisa haver uma reviravolta na educação; a gente não tem, nem túnel, nem luzinha. Hoje há muita liberdade, poucos deveres e muitos direitos... Você vê na novela: lição de desrespeito, de obscenidade. O mesmo copia o ídolo e vendo a televisão. E o problema de droga? Tem a novela que ta falando, né? Talvez seja uma solução pequena. Mas o que acontece é o inverso; termina um bom casamento; liberdade, faz o que quer... e a violência está aí... né?”
18	“É o contexto social, desemprego é a questão principal, é casamento desestruturado, separações, desmoronamento de lar... causado pelo desemprego. Tem muito o que fazer, principalmente pela saúde, justiça e educação que não são bem atendidos, aí a gente vê

Cont.	tudo isso... na escola, que é onde a criança passa um aparte do tempo dela. Converso muito com os meus alunos, procuro analisar e vejo que está piorando... na escola. Crianças com fome, e sem perspectiva de futuro... nem para os pais, nem para o futuro dela... vejo isso nas próprias redações em sala de aula, sinto a revolta delas...”
19	“É falta de trabalho ou se ganha pouco demais, isso gera estresse... greves de professores lutando pelos direitos... atrito entre coletas... Então essa violência, sabe, assim de privação, então eu acho que é uma das coisas que fazem parte, né?”
20	“A sociedade está doente e a escola reproduz isso, os problemas que enfrentamos na sociedade, trás conseqüências na escola. Vai atingir minha gente. Somos responsáveis. Somos cidadãos à contribuir. E a violência é uma conseqüência, do desemprego, baixos salários, o consumismo exagerado. Então, a gente trabalha a afetividade, se eu quero formar um sujeito integral, um cidadão, e esta deve ser a proposta escolar. O professor mal olha pro aluno, o aluno também não sabe nem o nome da professora. No início do ano a gente faz o circuito na escola, né? Essa é a secretaria, a sala da diretora, esse é o arquivo onde ficam guardados os documentos de vocês e tal. Porque a gente pensa em formar o aluno com visão multidisciplinar”.

Categoria A – Violência vem da sociedade / contexto social

Aqui encontramos várias categorias, como por exemplo: fome e miséria, desigualdade, vícios, mídia, família, escola entre outros que os professores investigados citaram como elementos desencadeadores essenciais da violência nas escolas. Separamos daqui, família e mídia; dadas as interpretações e o nível de complexidade em que os sujeitos estudados impuseram a esses temas. Os alunos refletem na escola o que encontram na sociedade e no meio social em que vivem.

Atribuo a violência nas escolas como sendo conseqüência de:

“muitas coisas” (5)... “a sociedade...” (1)(9)(10)(12) “então acredito que seja a falta de ter uma sociedade voltada pra paz... cada vez que passa há mais violência”... (1). “É todo um contexto social” (18) “que reflete na formação da criança” (6) ... “há tantos fatores sociais” (12). “A sociedade está doente. A escola reproduz isso... os problemas que enfrentamos na sociedade, traz conseqüências na escola” (20).

Atribuo o surgimento da violência, devido a:

- **fome e miséria:**

“fome” (1)(16), “miséria” (11)(16), “falta de alimento” (1), “uma fome e aquelas pessoas que vivem na miséria... alguém ver seu filho passar fome... chegam em casa, vêem o seu filho pedir uma coisa, uma comida e não tem, como muitas vezes, as crianças na hora do recreio quando não tem merenda, choram de fome...” (3)

- **desigualdades sociais:**

“atribuo a violência ao desemprego” (1)(16), “é a questão principal” (18), “pai desempregado” (6), “são as desigualdades sociais e econômicas, falta brinquedo, falta das coisas, de moradia” (7), “vai procurar um emprego e não há, vai extravasar

na violência... a criança e o jovem acabam sendo criados arredios... vítimas dessa violência” (9), “falta de trabalho ou se ganha pouco demais.. isso gera estresse...” (19), “E a violência é uma consequência do desemprego... baixos salários...” (20).

- **Vícios - destacaram aqui como vícios:**

“criança sozinha, na rua, adquire vícios que vão refletir na própria atitude dela na escola. Vem da comunidade. É um meio de chamar a atenção...” (6), “a questão da droga, do álcool, más companhias, fumo , ociosidade” (7), “...álcool” (6)(13); “drogas” (6)(11), “consumo exagerado” (11)(20).

Segundo a fala de alguns professores, o uso de álcool, drogas, o fumo, acaba sendo incentivada pelas más companhias, pela proximidade de bares da escola, pela ociosidade, o que pode expor os alunos a outros problemas e comprometer o nome da escola.

Dados apresentados nas pesquisas da UNESCO, até então realizadas no âmbito escolar, vêm comprovando que a exposição dos jovens escolares aos vícios começa desde cedo, mas indicam que a situação de risco dos escolares diminui na proporção em que eles são expostos à atividades de prevenção, sugerindo que uma das formas mais eficazes de conter este avanço se refere aos esforços amplos, consistentes e permanentes, através da participação de todos, escola, família e comunidade.

Passamos agora para as categorias relacionadas à família, mídia e escola.

Categoria B - Violência vem da família:

“é a convivência do lar, da família, porque, às vezes, a gente começa a falar de violência e a criança mesma chega falando na escola o que acontece em casa: o papai bateu na mamãe..., o papai foi preso... o meu tio foi furado... da vizinha, da rua, o próprio lar e ainda as más companhias” (2)... “isso já vem de família, há uma miséria, né? eu acho que desde que as mães saíram pra trabalhar, a violência aumentou... Eu sou uma mãe trabalhadora, e tenho uma filha de 13 anos. Saio pra trabalhar, quando chego, trabalho dois turnos, e não tenho paciência, às vezes, com a minha filha. Então, eu tenho que me policiar, e aquelas pessoas que vivem na miséria? Imagine alguém ver seu filho passar fome... passa um dia trabalhando duro como doméstica, faxineira, que são elas a maioria da nossa comunidade, chegam em casa e vêem o seu filho pedir uma coisa, uma comida e não tem, como muitas vezes, as crianças na hora do recreio quando não tem merenda, choram com fome. A mãe saiu pra trabalhar, os filhos ficam muito soltos... isso gera violência, revolta... eu ainda tinha quem ficasse com a minha filha, minha mãe – minha família” (3), “eu

acho que é a família, porque eu acho que ela é a base. Quando você traz base mesmo sem recursos financeiros, e com problemas, tudo caminha bem na vida da criança, porque a família é o reflexo, o espelho. Se a família é estruturada, tudo vai bem, agora se tem pai alcoólatra, viciado, drogados, aí fica difícil” (4) ... “tem umas coisas, mas uma delas é a questão dos limites. Crianças que a família não dá limites e vivem muito na rua, vivem muito soltas, fazem o que querem, sabe?...” (5), “Vem da família, a mãe, às vezes, tem que trabalhar, é separada, ou pai é desempregado, né?... criada sozinha, na rua, adquire vícios que vão refletir na própria atitude dela na escola... (6), “Se prostitui... tem necessidade de auto-afirmação, de liderança, é a questão da droga, do álcool, más companhias, fumo, ociosidade...” (7), “muitas vezes a família é desestruturada... a mãe se separa do pai, e já tem outro companheiro e, já tem outros filhos com outro e a criança não gosta do homem a que ela se juntou, aí vai morar um tempo com o pai, o pai também tem outra companheira que já tem outros filhos, também, de outro e depois, vai ter filhos do mesmo pai dela, sabe? Tem crianças aqui que foram meus alunos, eu sentia dó dessas crianças, elas reclamavam: eu não gosto dela, ela me bate, ela não é minha mãe... ou eu não gosto dele, ele não é meu pai... ficam neste conflito, sabe? Vão pra um lado, pro outro. São crianças tristes; jogadas... não tem perspectivas de vida. Falam que então, não tem família... muitos moram com os avós. Eles não têm paciência, a adolescência é muito conturbada. Fazem dos avós gato e sapato, não respeitando, tudo isto gera violência” (8), “Passa pela família desestruturada” (9), “eles não tem perspectiva, valores, atribuindo culpa à família, precisam acreditar em alguma coisa, ter religiosidade. Atribuo que parte da violência vem da própria família...” (10), “começa desde a gravidez indesejada, não orientada, não assumem responsabilidade. A família perdeu o controle. Quantas meninas são estupradas na madrugada. Quando a gente conversa com os alunos e dizem que vão pra festa, bebem, fumam, e a própria mãe, às vezes, manda a menina prostituir-se pra ajudar em casa”. (11), “... na família a criança é jogada na rua” (12), “Parte da família, tem instinto de violência, chutam tudo. A cada dia ficam mais violentos, né?” (14), “Atribuo isso a família”. (15)(16), “... casamento desestruturado, separações, desmoronamento de lar.. crianças com fome e sem perspectivas... nem dos pais, nem para o futuro dela.. vejo isso nas próprias redações em sala de aula, sinto a revolta delas...” (18).

Portanto, depreendemos que os professores atribuem de forma extremamente significativa, a desestruturação familiar como uma das causas que contribuem para o surgimento da violência nas escolas, pois, mesmo que a família tenha sido sempre considerada uma instituição que contempla conforto e segurança física e emocional para seus membros, isso não é totalmente verdade. Ela é também um lugar perigoso,

onde, cotidianamente, as relações desiguais produzem conflitos e esses, conseqüentemente, refletem na escola (Lopes, 2000). Destacam os professores o valor da família na formação e no acompanhamento da criança, tendo em vista ainda, a responsabilidade dela na prevenção contra a violência.

Categoria C – A influência da mídia

Os professores pesquisados ainda atribuem à mídia em geral, especialmente à televisão, como instigador de violência que, conseqüentemente, vai repercutir nas atitudes e nos comportamentos agressivos dos escolares, independente de qualquer faixa etária. Como exemplo, seguem as seguintes falas:

“... a televisão que mostra muita coisa também, a criança vendo cada cena horrorosa na TV, acham que pra conseguir as coisas, tem que brigar... Então, a criança vai vendo isso e acha que não consegue na conversa e sim na briga” (1), “É a TV também! Tudo é violência, até os desenhos animados, brincam imitando os desenhos que assistem. Eu até fui assistir e é só violência...” (5), “Atribuo a violência... aos meios de comunicação, que eles acabam copiando” (10), “A influência dos meios de comunicação, a própria televisão, eles querem usar tudo o que vêem, querem usar roupa de marca, ... pintar cabelo... usar tênis de marca e vão tentar conseguir de outra forma... é o consumismo desenfreado” (11), “... é a mídia. Tudo gera violência” (12), “Você vê na novela, lição de desrespeito, de obsenidade. O mesmo copia o ídolo e vê a TV. E o problema de droga? Tem a novela que ta falando, né? Talvez seja uma solução pequena. Mas, o que acontece é o inverso; termina com bom casamento, liberdade, faz o que quer... e a violência está aí” (17).

Assim, percebemos nestas falas, que os professores apresentam bons argumentos, em relação à influência da mídia, revelando também necessidade de atenção especial para este questão. Segundo eles, a violência pode ser indiretamente estimulada, principalmente, através da televisão, a qual tem retratado através de seus programas as várias facetas da violência social de forma extremamente banal. E isto, pode estar contribuindo para o aumento desse problema. Vários programas televisivos têm explorado imagens sexuais, como apelo ao íbope, explorando a obscenidade, a prostituição, os crimes, as violências de toda a ordem transmitidas através de filmes. Por outro lado, a mídia também vem construindo a visibilidade da violência escolar a partir da divulgação de casos, nos quais, estudantes têm se envolvido em brigas e em atividades ilícitas dentre outras (Waiselfisz, 1998)

Categoria D – Consequência da violência na escola

Diante do exposto, pudemos verificar, através das falas dos professores pesquisados, que são variadas as interferências e influências na ocorrência da violência na escola, tais como:

“... cada vez que passa, há mais violência. Então a criança vai vendo isso e acha que não consegue na conversa e sim na briga” (1), “e a criança mesma chega falando na escola o que aconteceu na casa... vem do meio-ambiente que frequenta...” (2), “crianças na hora do recreio, quando não tem merenda, choram de fome...” (3), “... crianças, às vezes, é criadas sozinhas, na rua, adquirem vícios que vão refletir na própria atitude dela na escola. Vem da comunidade. É um meio de chamar a atenção. Precisa fazer um trabalho de conscientização. Tem uma professora aqui que faz esse trabalho. Ela nunca vê o aluno como aquele transgressor, ela trabalha o aluno como um todo. Se for necessário, ela faz visita, enquanto há outros muito autoritários que levam o menino pra diretoria. Havia aqui, muitas pichações com alunos daqui e gente de fora. Foi contratado um pessoal de apoio pra ajudar a identificar problemas, sem rotular nenhum aluno, e agora a escola está toda pintada com desenhos dos próprios alunos. Houve também arrombamento, roubando todos os troféus daqui. Com novos vigias, gradeamento de salas, melhorou muito. Mas, aqui em frente a escola tem vários barzinhos, o que facilita a entrada de bebida na escola, principalmente à noite” (6), “A escola também não oferece atrativo, não repensa a sua função social, não tem Projeto Político Pedagógico, não oferece alternativas. Temos colegas que estão com auto-estima baixa. Como ele pode falar de cidadania, de respeito, de transformação, se ele não se vê como cidadão, se ele não conhece seus direitos, não reconhece seus deveres? Aqui há caderno de plano de aula de 10 anos atrás. Como que a professora quer que o aluno esteja motivado? Nada agrada o aluno. Isto também é violência. Ele picha o muro, se junta a gangues, vai brigar com o outro, quebra carro na rua...” (9), “Quando a gente conversa com os alunos, dizem que vão pra festa, bebem, fumam, e a própria mãe, às vezes, manda a criança se prostituir... isto gera mais violência” (11), “... os alunos discutem e brigam no cotidiano, na sala de aula. Tem alunos com gangue. A violência nas escolas não é diferente que tem por aí... ele é carente, usa droga, briga por bobagens” (13), “... ao pessoal administrativo que toma providência quando precisa... deveria ter um serviço direto com os pais, tá? A professora B..., pede pros técnicos chamá-los pra trabalhar a violência aqui. Assim não tem condição, né? Uma andorinha sozinha não faz verão. Acho que a culpa é muito da direção. A violência é maior no turno da tarde que é mais quente... e ficam mais soltos. Aí, eles ficam muito agitados, um mexe com outro e já começa tudo... confusão... já senti na pele... roubaram meu dinheiro, me ajudaram até a ronda militar... é violência contra o professor, né? Vinha Conselho

Tutelar e não sei mais.. eu disse deixa pra lá. Vivem na rua também, é no papagaio, é na peteca e descontam aqui...” (14), “E os professores aqui, tratam esses meninos muito mal, inclusive tenho um aluno paraplégico. Fizeram grosseria com ele e a mãe chorou muito, dizendo: ele é um aluno especial e tem direitos e deveres como os outros” (15), “Na minha escola, nós nos decepcionamos, a violência é geral, nos comportamentos, modos, maneiras de alguns,... da portaria, administrativo...” (16), “... excesso de liberdade aos adolescentes e crianças. É proibido a reprimenda, né? Mostrar que você é professor, que tem respeito, que é uma autoridade e que com ele você aprende. Aqui, professor é mais uma pessoa na sala, sem direitos... precisa saber. Hoje há uma liberdade, poucos deveres e muitos direitos... o professor só dá ordem e exige obediência. Tudo está horrível”. (17), “tem muito o que se fazer, principalmente, pela saúde, justiça e educação, que não são bem atendidos, aí a criança passa uma parte dela. Converso muito com os meus alunos, procuro analisar e vejo que está piorando na escola...” (18), “greves de professores, lutando pelos direitos, atrativo entre colegas... somos causadores... desacreditados...” (19), “Atingimos muita gente. Somos responsáveis. Somos cidadãos à contribuir. Então, a gente trabalha a afetividade; se eu quero formar um sujeito integral, um cidadão, e esta deve ser a proposta escolar. O professor mal olha pro aluno, o aluno também não sabe nem o nome da professora. No início do ano, a gente faz um circuito na escola, né! essa é a secretaria,... a sala da diretora, esse é o arquivo onde fica guardado os documentos de vocês e tal.. porque a gente pensa em formar o aluno, com visão multidisciplinar”. (20)

Disto, pudemos deprender que os sujeitos pesquisados nos revelam as questões básicas que contribuem para a condução da violência na escola, tais como o contexto social e suas múltiplas facetas evidenciando a caracterização da violência advinda da família, acima de tudo, acrescido da influência da mídia na educação, bem como de outros fatores como a fome, a miséria, a baixa auto-estima, auto-afirmação, falta de religiosidade, o desemprego, renda mínima, a falta de moradia, prostituição, ociosidade, competitividade, excesso de liberdade, além dos vícios como álcool, fumo e drogas, as desigualdades sociais e econômicas.

Isto vem repercutindo na escola, trazendo a ela, os problemas sociais graves, que passam a fazer parte do cotidiano escolar, como o reflexo de uma sociedade que não traduz a paz. Assim, as situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, reconhecimento, da diversidade e da herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas mesmas

situações repercutem na aprendizagem e na qualidade do ensino (Abromovay & Rua, 2002, p. 300).

5. As manifestações de violência nas escolas

Quadro 5.1. Representação qualitativa das falas dos professores pesquisados sobre a questão “Na sua opinião quais os tipos de violência que ocorrem na escola?”

Sujeito	RESPOSTAS
1	“Brigas. O tipo de violência que seja assim é grupos formados de gangues, né? Principalmente, (...) quando eles querem uma coisa, né? Provocados por se eles não conseguem, formam grupo, aí tentam machucar aquele aluno dentro da escola, se não resolverem dentro da escola, eles vão resolver lá fora, né? (...) eles dizem assim mesmo: eu não posso te pegar aqui porque aqui tem uma norma, eu te pego lá fora. Então, a preocupação maior dos pais, né? É fazer com que essa criança, esse adolescente também, se comporte de uma maneira na qual ele não venha juntar grupos, né? (...)”
2	“Agressão (...) brigas entre os colegas e agressão ao professor. (...) E às vezes a gente acaba de trabalhar com criança, né, que pratica, que revida com grosseria, às vezes até assim, batendo mesmo.”
3	“É briga, porque assistem muita televisão e os desenhos violentos, agressão física e, (...) verbal, (...) um xinga o outro, (...) Chama, diz que o outro é imundo, existe isso na minha sala, crianças que as vezes não tomam banho pra vir pro colégio, vem sujo, com a roupinha suja, aí eles (...). Isso aí eu acho que é violência, uma agressão verbal é violência. Então na sala o que a gente vê mais é a agressão verbal e também física (...)”
4	“Bom, eu acho que ainda tá se ocorrendo coisas ainda leves nessa questão de bater mesmo, mas assim qualquer lugar como nesse dia que eles brigaram na sala, ele bateu no rosto do menino, que ficou inchado, ficou roxo. A gente também tem casos assim de criança que quer bater professor, (...) E outros tipos de violência física ocorrem. (...)”
5	“Eu acho que, nas escolas são muitas, aqui eu acho que são os dois tipos que eu lhe falei: a verbal porque eles se ofendem, né? e a física, porque você vê aí na televisão tá mostrando todo dia a violência que crianças, adolescentes, levando arma pra dentro da escola, mata o colega, mata o professor e aí? Chega tirar a própria vida, né? (...)”
6	“A violência em forma de agressão física, a violência contra o espaço físico também, o conflito entre professores, e entre o corpo da escola e desta com o alunado em sai, sabe? É como se fosse assim: aluno separado da escola, (...) eu ainda vejo essa separação, esse distanciamento, e isso representa a própria violência sobre o próprio aluno, (...). O próprio (...) aliciamento de alunos aqui na escola (ainda existe!), e é até perigoso eu falar isso mas eu percebo que tem professores que ainda fazem isto. Eu acho isso uma violência terrível, sabe? É falta de respeito como com o próprio aluno e elas também costumam, né?, mas eles (também), porque ainda existe a questão dos homossexuais (isto é evidente aqui na escola), meninas de programa, né? O professor aproveita, e não separa. Se o aluno é interessado sai comigo, é atal história do aliciamento. (...) Acho que essa é a pior violência que existe pra mim, é terrível, né? (...) Tem a própria violência, você já sabe, né? Mora mal, come mal. E aí ele pensa encontrar na escola uma casa que o abraça com carinho, com amor e ainda encontra isso, né? (aliciamento) (...)”
7	“Existem vários tipos de violência. Eu vejo que na questão da própria relação professor-aluno, há sempre agressão verbal. (...) E não fala direito, não dá um bom-dia, não dá um sorriso e fecha, sabe? E joga a matéria e joga matéria e sentas aí e não dá a mínima, tás entendendo? Isso é também uma violência, a dificuldade de relação professor-aluno. Outra é a agressão verbal. Eu assisti uma vez, foi só verbal, só!

8	<p>“É mesmo violência física mesmo, né? Porque eles se agridem, né? Assim como o uso de drogas, porque eles ficam com desinteresse de aprender e que são coisas que acontecem lá fora, mas que dificultam o nosso trabalho na escola. (...) que se você fizer uma pergunta assim direta pra ele, ele fica ‘Que? Que?’ Ele não consegue assimilar aquilo que você está falando (...) A fome também interfere muito no aprendizado e até pra que ele vá agredir o outro. (...) Tem uns que não valorizam, mas tem outros como os da tarde, que comem mesmo a comida daqui. Estes vem, às vezes, sem almoçar, porque não tinha comida pronta em casa.</p>
9	<p>Eu acho que é a questão das pichações, a falta de respeito para com o outro, quer dizer, você não respeita o espaço do outro, (...). Se um aluno está quietinho num canto, o outro acha que tem que ir lá, instigar, mexer, brigar, e desde criancinha a gente já vê isso, um agredindo o outro. Acho que passa pela questão da auto-estima como eu já falei e a questão da falta de respeito, o respeitar o espaço do outro, que não há esse respeito, porque não foi ensinado. Em casa eles não vêem esse respeito, eles só vêem briga, na rua da casa deles eles só vêem briga, então acham que só podem, vir pra escola pra fazer essa violência, pra brigar com o outro, pra pichar, pra provocar, falta de amor, carinho, respeito, porque também a escola não tem outro atrativo pra ele, quer dizer a maneira que ele tem pra chamar a nossa atenção enquanto professor é o que? É agredindo, porque tem aluno nosso que não tem um pingão de carinho, não recebe carinho nenhum em casa, então às vezes você diz; meu amor, meu querido, é porque eles não tem aquilo em casa.</p>
10	<p>Brigas no recreio, muitas brigas com os alunos. Brigas fortes, mesmo. Olha, a violência física, eu acho que é muito freqüente, e até assalto a mão armada na frente da escola já ocorreu. Aqui é comum! Principalmente à noite, porque à noite essa rua não tem uma iluminação boa, eu quando saio à noite eu saio rapidinho, né? Eu fiquei apavorada.</p>
11	<p>“(…) Quando uma ou outra gangue, eles brigam, geralmente na saída []. É, o que ultimamente, o que eu tenho visto (...)”</p>
12	<p>“(…) pelo que eu vejo (...) a violência que mais acontece é devido brigas de gangues, é! (...)É dessas de esperar o aluno na porta pra pegar e agredir, (...)”</p>
13	<p>“São brigas por bobagens, como xingamentos, brigas de namorados. Já teve caso na escola, inclusive de homossexualismo (...) Acontecem brigas, rixas, por posse de determinadas áreas, no caso de drogas, ou de venda de fumo, (...) a agressão (...) os alunos brigam também por inveja de o colega ter o que eles não tem. Brigas por furtos de objetos, dinheiro, inclusive já mexeram na carteira de professores da escola. Já houve furto de vales-transporte de técnicos da escola, enfim, mas já ocorreu. No turno da noite, (...) nós recolhemos: pequenas faquinhas, estiletes, canivete, terçado, facas feitas, pedaços de ferro amolados em pedaços de madeira, enfim, o que a gente chama de arma fria. A gente observou também, que um aluno estava ferindo outro aluno com um objeto, que é um brinquedo (...) que a gente chama de fura-fura, que é um preguinho num pauzinho e eles vão brincando no chão e o aluno estava utilizando isto pra tentar ferir os colegas como uma arma.”</p>
14	<p>“Os tipos que eu vejo é a violência física, é briga, é chute, agressão de aluno contra aluno; é desrespeito, né? Casos de alunos que já chegaram até a discutir com professores, o aluno chamar palavrão pro professor, que ele chegou a pedir ajuda pra outro colega que estava dando aula na sala do lado, assim,... de como se defender, do que fazer com aquele aluno, (...)”</p>
15	<p>“Os tipos mais comuns são bater, de chutar, ofender o outro, é agressão física e verbal, porque esses meninos tem a boca muito porca, né? Aquela agressão de ontem à noite começou com uma agressão verbal, porque o menino chamou um bocado de coisa pro rapaz e aí quase que houve uma agressão física, porque ele ia pegar a mesa depois que ela chamou ele de fresco, né? (...)”</p>

16	<p>“Na minha escola, (...) A começar pelos professores, se algum professor passa do horário, ele não tem o direito de entrar na escola. O portão é batido na cara dele (...) Outro tipo de violência que acontece aqui na escola é na merenda. (...) quando a criança quer mais, pede mais, ela é ofendida, ela é tratada com cotovelada, com apelidos e a criança chora, né? (...) Existe também violência na hora do recreio quando a criança está conversando e o funcionário se dirige pegando o aluno pelo braço e à força colocando-o pra dentro da sala de aula, né? Com palavras pesadas, quer dizer, não existe aquele diálogo, aquele respeito; meu filho acabou o recreio, vá pra sua sala. Não. É com gritos, é com berros, e até nós professores, somos tratados assim. (...) Então alguns se acomodam pra não se aborrecerem, porque muitos estão aqui trabalhando pra ganhar o seu dinheiro, mas se pudesse escolher outra coisa melhor, escolheria. (...)”</p>
17	<p>“Olha, (...) o meu horário aqui é restrito; (...), realmente, eu nunca vi aqui na escola, a não ser o que eu estava falando ainda há pouco pra você: que o cara ia atirando na minha direção e não sei por onde passou a bala e na hora fiquei em pânico. (...) Dentro da escola eu nunca vi. Mas do tempo que eu cheguei aqui em 80, pra cá, mudou muita coisa. O aluno ficou mais violento. Antes aqui não tinha pichação, o aluno, era diferente, te chamava de professor, te dava bom dia, ele participava das coisas da escola, ele era mais teu amigo. Até a família era mais próxima da escola, com o decorrer do tempo, o aluno já ofende verbalmente, briga na escola e pichação, o que tem, meu Deus do céu. É de uns três anos pra cá minou. Até eu peguei um dia um rapaz pichando (...) e digo: Olha, estou teu vigia. Pelo menos na escola ele nunca mais veio pichar. Mas a escola piorou, eu acho de 10 anos pra cá, foi com esse processo de piorar mesmo; aluno muito rebelde, destruição da escola, basta dizer que com um mês que reformaram a escola não tinha mais chuveiro, quebraram uma pia e picharam todo o banheiro. (...) a destruição do patrimônio e a agressão verbal também ocorre. (...)”</p>
18	<p>“Aqui na escola, a violência maior é a fome. (...) muitas crianças principalmente as da periferia, elas não tem mesmo o que comer, então a merenda da escola, ela ajuda muito. (...) Mas tem outros tipos de violência como casos de uso de drogas, mas que nem sempre são registrados, assim como a violência sexual. (...) Às vezes eu preciso fazer o trabalho de campo, né? E eu vou até a casa do aluno, verificar a realidade do aluno em si. (...) Então a gente precisa sentir de perto a realidade do aluno (...)”</p>
19	<p>“Olha, é a violência de gangue, que começa lá fora e vem se arrastando pra dentro da escola. É violência física, briga, é desrespeito, eles agridem com palavrões, não respeitam as pessoas, os colegas. Lá fora então nem se fala, é briga de pau, é tiro. Às vezes tem aluno que vem até armado pra escola; às vezes ele faz parte de gangue e quando eles saem, outros meninos de outras gangues podem estar na porta da escola, aí batem neles. Quando a gente vê que eles estão na porta da escola, se não se ligar logo pro PM Box, (...)”</p>
20	<p>“(...) a agressão que é produto da família também, (...) a violência doméstica. Meu pai me bate, então isso me dá o direito de bater nos colegas na escola. Então, se na minha casa, se no meu meio social eu presencio formas de violência, seja ela de qualquer tipo, conseqüentemente eu não vou dizer que 100% mas, eu vou tender pra ser violento também, ter atitudes violentas, falar muito alto gritando com as pessoas, faltar com respeito, (...) De um modo geral, as escolas públicas elas são a continuação da violência doméstica, né? (...) a violência física sim, eu não digo nem da violência psicológica, porque isso nem se fala. (...) Então, aqui na escola (...) A violência verbal existe, muito também. Tem aluno que diz: tua mãe é puta! (...) Não existe relação de amizade na escola. (...) Tem professor que, às vezes, gosta mais do aluno caladinho, porque ele não pode dirimir as questões, né? (...) Então, eles gostam do aluno calado, quer dizer, é um pacto de interesses. E assim a escola vai se pautando, não é? (...) O professor ainda é quem delimita os conteúdos, por exemplo, aí ele isenta o aluno. (...) Olha só essa violência psicológica quando professor fala, não é? Eu não te permito!</p>

As respostas dos professores nos permitiu chegar às categorizações relativas à existência de violência nas suas escolas como sendo violências Explícitas e Implícitas.

Categoria A – Violências explícitas:

Através da análise dos dados, podemos perceber que os professores, em sua maioria, costumam identificar a violência, no interior da escola, em suas manifestações explícitas; sendo descrita de diversas formas e em diferentes contextos, através de agressões físicas e verbais como identificado abaixo:

1) Forma Física:

- Brigas/ rixas (1 a 3; 4; 9 a 14; 19), por bobagens, para formação de grupos, gangues, de drogas e álcool;
- Agressões comuns (2 a 3; 5 a 8; 13 a 15; 17 a 18; 20) destacando chutes, tapas e empurrões.

2) Forma Verbal:

- Agressão verbal (3;5;7;9;13;15;17 a 18), caracterizadas por grosserias, ofensas, rebeldia, humilhação, provocações, tanto entre aluno/aluno, aluno/professor e demais integrantes da instituição escolar.
- Vandalismo contra o patrimônio (3;9;13;17) através de pichações, furtos, roubos, depredação de objetos e instalações da instituição escolar
- Uso de armas (4; 9; 17; 19)

Categoria B – Violências implícitas:

- Violência das relações de poder entre professores e alunos;
- Condições de trabalho do professor
- Violência sexual (aliciamento de alunos por professores, funcionários e prestadores de serviços na escola)

O conteúdo extraído através das falas dos professores sobre as manifestações de violência, nos evidencia que esse fenômeno desponta como elemento “significativo” nas relações humanas nas escolas, retratando, pois, a massificação, o que poderá impedir que essas instituições possam desenvolver verdadeiramente a sua função primordial, uma vez que tais situações parecem não ser reconhecidas por todos como violências.

Entre as várias formas de violência, a mais citada foi a violência explícita, a mais presente entre os alunos, revelada como agressões físicas através das brigas, das brincadeiras, empurrões, tapas, chutes, dentre outras. Vejamos as falas:

“São brigas, com grupos formados de gangues” (1); “é agressão, são brigas entre colegas, às vezes até o professor é agredido” (2); “é a própria violência física, eles agredem mesmo, né? (7); “São brigas por bobagens, por namoradas (13).”

Estas manifestações ocorrem em momentos como o recreio, oportunidade de maior interação entre os alunos, e talvez por isso incidam comportamentos violentos entre eles como é evidenciado na fala de um dos professores:

“...a maioria dos atos violentos eu vejo na hora do recreio, no qual, eles se confrontam, um ao outro, com outros alunos, de outras salas; brincam, mas, a brincadeira é violenta, não é sadia”(1)

Porém, observamos através de relatos do quadro 5.1, que as agressões ocorrem em todos os lugares da escola. Há professores que tentam de alguma forma “controlar” a violência dos alunos. Para Andrade (2001), ao considerar a escola como um espaço privilegiado para o convívio sadio entre todos, é preciso estruturá-las para o desenvolvimento de atividades que considere as necessidades dos alunos, como por exemplo, um espaço físico apropriado, material lúdico e esportivo adequado, dentre outros.

Acreditamos que devido às diversas modificações que surgem no mundo globalizado, as pessoas precisam buscar inúmeras formas para lidar com as exigências do dia-a-dia e aí, acabam sendo violentas.

A convivência dos alunos com a violência que permeia as relações familiares e comunitárias revela que pode existir uma relação entre o contexto em que vivemos e as manifestações de violência no interior da escola, numa interação complexa. Guimarães (1996, p.68), afirma que:

“É evidente que os problemas familiares, econômicos, políticos e emocionais interferem no desenvolvimento desta violência, cotidiana, na escola, mas eu acredito na existência de uma violência específica gerada no interior da própria escola”.

As agressões verbais que também estão incluídas como de grande ocorrência, sendo mais freqüente entre os alunos, do sexo masculino, os xingamentos, provocações, ameaças, grosserias, desrespeito, como vemos:

“é a falta de respeito para com o outro, que não respeita o espaço do outro”(9) “Tem criança que na prática revida com grosseria”(2) “É um xinga o outro, como eles dizem, o teu pai é viado, chamam o outro de viado”(3) “Aquela agressão de ontem a noite, começou como agressão verbal, por que a menina chamou um bocado de coisa para o rapaz e disse que ele era fresco”(15)

A violência verbal manifestada por agressões verbais ou mesmo pelo uso de vocabulário considerado impróprio para a comunicação oral, pode ser percebido em diversos contextos. Segundo Laterman (1999, p 133), *“A agressão verbal e a agressões física entre alunos parecem ter as mesmas origens, são parte dos modelos de relacionamento, dos recursos de resolução de conflitos e da busca de identidade social”*.

A violência verbal é manifestação bastante freqüente entre os alunos, mas pode estar presente no discurso de professores ou ser exercida pelo aluno contra o professor, e precisa ser entendida como um elemento significativo no relacionamento dos alunos e também dos alunos com os professores.

“Um dia eu chamei a atenção de um aluno e ele se rebarbou pra mim... Então eu comuniquei a secretaria e me recusei a dar aula naquela turma por causa daquele incidente”(15) “Teve um dia que um aluno me chamou tanta coisa e, na manhã seguinte, veio me pedir desculpas...”(17).

Assim, oferecer a possibilidade de diálogo aos alunos, até mesmo para abordagem do palavreado por eles utilizado, constitui-se uma das formas de superar estas manifestações de violência na escola. Uma vez que “o diálogo é uma exigência existencial” (Freire, 1996, p.79).

Na relação estabelecida em sala de aula, a palavra do professor pode ter muitas conseqüências na vida do aluno.

O professor pode motivar e auxiliar um aluno, como também silenciá-lo. A grande responsabilidade do professor resulta, sobretudo, da significação e impacto de suas palavras, que podem representar uma violência para seus alunos.

Aparece ainda na fala dos professores a questão relacionada ao vandalismo, considerado como uma forma de violência e que ocorre contra um bem público, no caso específico, a escola. A destruição impingida pelos alunos, aparentemente gratuita, sem sentido, e revelada assim:

“Eu acho que a questão das pichações...” (9) “Até eu peguei um dia um rapaz pichando, e eu disse não vou te levar na diretoria, mas fiquei brincando com ele, vou ser teu vigia. Ele nunca mais veio pichar, mas a escola piorou desses 10 anos pra cá. O vandalismo é tão grande que basta dizer que com um mês que reformaram a escola não tem mais chuveiro.” (17)

Assim, essa destruição, pelos alunos aos prédios públicos, seus móveis e utensílios, apontam a desvalorização e um descaso para com as coisas, anteriormente,

consideradas pelo homem. O aluno nesta ótica, parece não reconhecer a escola como sendo sua, pois há uma perda do significado público na sociedade.

A violência implícita, que se manifesta de forma invisível e sutil, também se faz presente nas condições de trabalho do professor:

“até nós professores, somos tratados assim (...) se algum professor passa do horário, ele não tem o direito de entrar na escola, o portão é batido na cara dele. Agora tem aqueles que não tem papa na língua, que não aceita, né?”(16) “Olha, apesar de a gente, às vezes, não ter apoio da escola (direção) e até dos próprios colegas, a gente não pode deixar de acreditar que pode mudar essa realidade” (20)

A sutileza com que a violência pode manifestar-se demonstra o quanto ela vem permeando as suas relações e trazendo diversas dificuldades para o alcance dos objetivos propostos no trabalho educativo. O velamento desta violência e a necessidade de trabalhar integrado para a sua superação, crítica a respeito do seu mundo e do mundo de seus alunos.

Essa forma de violência é também expressa nas relações de poder entre alunos/professores e professores/alunos. Por exemplo:

É assim, na maioria das vezes, tende a aparecer em comportamentos de hostilidade e indiferença como aparece na fala a seguir:

“O professor, às vezes, mal olha pro aluno, o aluno também não sabe nem o nome da professora. Tem escola que é assim.”(20)

O conviver exige pactos diários, mas o crescimento da violência em determinados contextos faz com que ela permeie as relações e comprometa as negociações implementadas. Observamos que há dificuldade dos professores reconhecerem, ou até mesmo omissão por parte de alguns em relação a esta questão.

6. Entendimento dos professores sobre a violência sexual na escola.

Quadro 6.1. Representação qualitativa das falas dos professores pesquisados sobre a questão: “O que você pensa da violência sexual? Isto ocorre na sua escola?”.

Sujeitos	RESPOSTAS
1	Eu vejo, esse assunto da violência sexual, estupro, conseqüência do desemprego. Eles se revoltam, e tentam reverter o caso em cima de alguém... eu vejo em jornal, tv e rádio muitas famílias que até pai estuprando filha, a filha, agora tá ai na mídia falando. Eu acredito que um cara desse é doente . Na escola, porteiros, têm vigias, merendeiras, secretárias, então sempre tem alguém vigiando o colégio. Eu acho muito difícil ter a violência sexual dentro da escola. Há muito, eu acredito, fora da escola, na escola não.

2	A violência sexual é (...), eu acho que é um absurdo, né? Aqui na escola ainda não houve nenhum caso de violência sexual, mas pelo que eu ouço falar, é assim uma coisa repudiante, uma falta de uma formação, porque às vezes até eu me ponho nesse lugar porque quando eu tinha assim essa idade, preparação, eu nunca tive, até a minha primeira menstruação, eu nunca fui avisada, quando já surgiu é que a mãe foi falar aos poucos, nunca assim eu tive essa preparação.
3	Tá terrível, né? Na nossa escola, nós ainda não detectamos. Outro dia eu estava conversando com a diretora que eu tenho uma criança na minha sala, que ele tem umas atitudes muito esquisitas. Ela até falou pra mim investigar isso, porque poderia ter uma violência sexual (...). É, nós já detectamos, é, assim, crianças que vão pro banheiro, sabe? Tiram as calças lá é... praticando atos, né? sexuais, até! Aqui atrás das salas nós já pegamos também, mas nós já conseguimos aqui na nossa escola mudar muito isso. Nós começamos fazer um trabalho (...)]. Está acontecendo fora e a gente está vendo todos os dias. As crianças ficam sozinhas e as mães saem pro trabalho, não tendo orientação. A violência sexual ocorre. Outro dia um aluno disse: meu vizinho queria me dar um real pra eu abaixar a calça pra ele. Aí eu disse: Você já disse pra sua mãe? Não! Então converse. Há falta de diálogo na família.
4	É um tipo de violência que muita das vezes acontece dentro da própria casa. Você vê casos com o próprio pai, o padrasto, não precisa sair de casa pra acontecer. Você vê casos inúmeros aqui em Belém. Aparece uma garota na tv, de 12 anos, grávida do padrasto, pior que a mãe sabia e consentia. Aqui não ocorre, mas na outra, já aconteceu um caso, era uma família de três alunos que estudava na escola desde o jardim. Ele se separou da mãe e ficou com as crianças e nunca mais quis arranjar ninguém pra cuidar deles. Tinha um relacionamento com a filha.
5	“Tem ocorrido não só com o sexo feminino, mas meninos dentro da nossa própria igreja (...)”
6	“Meu Deus, acho degradante você usar seu poder pra isso, pra subornar e fazer por doença talvez. Animalesco um homem que faz isso, mas aqui não sei. Fora daqui acontece. (...)”
7	“O sexo está tão banalizado, né?, Em atividade extraclasse, encontrei uma aluna de 12 anos, seminua, em cenas explícitas de sexo com o motorista do ônibus que levou a gente ao local(...)”
8	“Acontece na escola, mas também na família. Aqui já pegaram uma menina no banheiro com vários meninos. É triste isso, porque a menina fica muito discriminada. Muitas vezes a criança já vem violentada da própria família (...)”
9	“A violência sexual é uma atrocidade e é abominável em todos os sentidos. Infelizmente, a gente vive numa sociedade em que a mulher, muitas vezes se cala quando ela é vítima dessa violência, esrachada, ser vítima de deboches. Até nas próprias delegacias, quando ela chega para denunciar essa violência, ela acaba sendo vítima de deboches. Até nas próprias delegacias, quando ela chega para denunciar essa violência, ela acaba sendo vítima de risadinhas. A gente vê que o número de violência sexual contra crianças cresceu muito. Aí, a gente fica se perguntando; será que a criança já era vítima antes ou só agora que as pessoas estão denunciando? Porque se observar nos jornais, praticamente, todos os dias sai caso de abuso sexual, de violência, aí a gente fica se pensando de onde é que vem tudo isso? Mas eu acho que passa pela questão dos valores da própria família, que tem que repensar seus valores e educar seus filhos para o bem, para respeitar e ser respeitado. É pai quem violenta a filha, a família está totalmente desestruturada, praticando a violência sexual, contra a criança, contra a mãe, que o próprio homem faz, quando ela não quer ou rejeita, achando que ela tem obrigação. Tem que partir da base que é a família e se estender para toda a sociedade, refletindo sobre isto. Aqui não tem , mas há casos de adolescentes grávida. Normalmente a mulher que é vítima de violência ela é calada, dificilmente ela vai se abrir pra expor seu problema, né?”
10	“Eu acho inadmissível. Não consigo compreender a violência sexual. Aqui na escola já tivemos uma aluna sexualmente muito aguçada e ela mesma, se deixava violentar. Ela dizia assim: é, eu perdi minha virgindade com 11 anos e o que é que, tem? Eu dou o

Cont.	meu x....., o x..... é meu, o que é que tem? É assim! Perigosa. Ela até já saiu daqui. Ela ia pro banheiro com os meninos e se deixava usar, achava ótimo. A direção chamou a família varias vezes, e a mãe dava surra na menina aqui na escola. Isto não resolveu nada, porque ela era uma menina muito decidida e ela dizia na cara mesmo.”
11	“O aluno é mal orientado, eu acho que a gente deveria falar mais pra eles as causas e as conseqüências, principalmente, as conseqüências, né? E eu vejo também, sabe? Que às vezes a gente explica, sabe? Mas, o adolescente, parece que ele não acredita.”
13	“(…) Na nossa escola, já tivemos casos de alunos com problemas de violência sexual, mas foi por parte da família. É um caso que vai além da instância da escola, porque é um problema que não acontece só na escola, uma vez que é um problema social. (….) Já houve um caso que ocorreu aqui dentro da escola, em que o cara não era funcionário, mas ele tinha um livre acesso por aqui. (….) ele convidava os meninos pra ficarem com ele, aí criava um diálogo com os meninos e levava eles pro banheiro e bulinava com eles. Fazia com que eles pegassem os órgãos genitais, mas ele só molestava as crianças, não chegou a ter nenhum ato sexual. Mas acho que isso também é uma violência mesmo.”
14	“Violência sexual, como? Violência sexual? Teve um caso aqui na escola que foi dado como assédio sexual, né? Que eu nem sei se classifico isso como violência sexual, mas foi um caso, não sei bem como foi, né? Foi com um funcionário daqui que foi até afastado, né? (….) Que ele foi assediar a menina e ela foi denunciar ele aqui na escola.”
15	“Essas meninas daqui de vez em quando aparecem aqui com um bucho, né? (….) Então eu suponho, que isso ocorre mais na própria família ou fora da família, mas aqui na escola, não. Eu soube de um caso aqui, há uns quatro, cinco anos atrás que tinha um servente que ele andava aliciando uma aluna, bonita, sabe? (….) até que foi embaixo, foi em cima e a diretora descobriu, aí a diretora deu em cima do funcionário, né? E... ele saiu daqui da escola. Era um caso, né? Pra ir pra SEDUC e o cara ser até exonerado. Ele levava a menina lá pra traz da escola, ficava se agarrando com ela, mas sabe, ela gostava também. Só que ela saiu também daqui da escola, viu? Mas ele, de vez em quando vem aqui. E é assim, essas questões na escola, sabe mana, não são levadas a sério. Nada é registrado com seriedade. É o dito, pelo não dito.”
16	“Já houve um caso aqui na escola. Como? Nós tínhamos um funcionário chamado B...., ele era um rapaz novo que gostava de assediar as adolescentes, era vigia aqui da escola (….) Bem, quando surgiu o escândalo, a mãe da menina veio aqui na escola, levou ao conhecimento da direção e não resolveram nada. A responsável da menina foi na delegacia e foi dado entrada num processo e pelo que nós sabemos, caberia à diretora, devolver o funcionário pra SEDUC e até aí nós não sabemos (….)”
17	“(…) Sabe, aqui na escola não teve nenhum caso de violência sexual, mas eu sei de muitos casos de meninas, até porque eu sou professor de Educação Física e elas me contam, que foram seduzidas e ficaram grávidas e acabam abortando. Pior é que às vezes acontece dentro da própria família, tu sabes né?”
18	“Ela tem aumentado muito (….) Você verifica que a criança ela se sente abandonada, tá?, principalmente a adolescente e então ela procura um meio de sobrevivência, e que meio seria esse? A prostituição, tá? (….) Crianças praticamente [], por que? Porque elas não tem uma perspectiva de vida. Então ela acha que o meio mais fácil dela conseguir alguma coisa é através da prostituição. (….) Aqui na escola, que eu saiba, nunca ouvi falar ou presenciei nenhum caso.”
19	“Violência sexual é uma coisa que é culpa dos pais porque deixam os filhos muito à vontade. A televisão ensina muito, sabe professora? (….) Tinha um menino na minha sala que queria agarrar uma menina de 7 anos dentro da sala. Aqui na minha escola, que eu saiba, não; não ocorreu nenhum caso de violência sexual, porque eu não me meto nesse tipo de ti-ti-ti por aí.”
20	“A gente tem alguns casos que são ditos, né? Quando eu cheguei na minha escola houve um caso com um porteiro da escola com uma criança, não sei se aconteceu [], mas eu acho, que assim [] eles estão nessa fase de descoberta, né? Então a gente sempre encontra uns namorando escondido e tal, e a gente tenta desmistificar que namoro é bom, e que não tem que ser escondido, namorar não é proibido”

Portanto, depreendemos que os professores pesquisados demonstraram certa insegurança para falar de violência sexual. Percebem que de maneira geral, fora ou dentro das escolas, ela existe. Contudo, protegem a sua instituição revelando não haver mais hoje. Porém, alguns revelam existir situação libidinosas em sala de aula, no banheiro, no entre alunos, em alguns casos, com os professores e funcionários. E mais grave ainda, com estranhos que são terceirizados pela escola.

Vale ressaltar que os professores reconhecem que o número de violência sexual com crianças e adolescentes cresceu em Belém, porque muitas vezes as alunas contam para seus professores. Eles consideram que na maioria das vezes ocorre dentro da própria família, como revelam as falas de alguns professores:

“É um tipo de violência que muitas vezes acontece dentro da própria casa. Você vê casos com o próprio pai, o padrasto, não precisa sair de casa para acontecer” (3)
“Acontece na escola, mas também na própria família” (8) “Eu acredito que há muito lá fora, na escola, não” (1).

Assim, não há como desconsiderar a impressão deixada nos depoimentos dos professores, até porque esperasse que esses professores sejam elementos importantes na busca ou valorização da saúde do escolar.

7 – Saídas ou Estratégias para Resolver ou Minimizar o Problema da Violência

Quadro 7.1 Representação qualitativa das falas dos professores sobre a questão “Quais as saídas ou estratégias que poderiam resolver ou minimizar o problema da violência nas escolas?”

Sujeitos	RESPOSTAS
1	“Olha, uma das coisas que eu acho que pode resolver a violência eu acho que é tentar suprir o espaço desses adolescentes, dessas crianças que ficam aí na rua sem fazer nada, ocupá-los e o esporte é uma das coisas primordiais pra que a criança saia da rua. Então, ocupando a criança ajuda a acabar com a violência.”
2	“(…) A gente trabalha muito em cima de violência, (…) a socialização da criança (…) a gente procura fazer jogos, essa competição, mas que não haja agressão verbalmente nem fisicamente. A gente trabalha muito assim, com vídeo, historinhas, até dramatizações a gente faz.”
3	“(…) a gente sempre tenta fazer trabalhos voltados pra violência, a gente conversa muito, faz trabalhos práticos com eles, por exemplo: com colagem, usando recortes de revistas, mostrando a violência, tá? Outro dia, um aluno meu, disse na sala que ele queria ser soldado, e eu perguntei porque ele queria, e ele me respondeu: Ah, porque eu quero matar

Cont.	muita gente; então nessas ocasiões a gente aproveita pra fazer trabalhos com eles, né? É de conversa, trabalhos práticos, tá? E a gente trabalha com os pais também. Por exemplo: se a gente vê uma criança que é muito violenta, ela sai assim dos padrões na sala de aula. (...)”
4	“Bom, eu acho que primeiramente deveria ser feito um trabalho de conscientização com os pais. Trazendo os pais para a escola, conversando com os pais, procurando saber que tipo de criação tem essa criança, o porquê dessa violência, se já houve outro problema desde a infância da criança. Porque essas coisas repercutem muito, a questão da separação, a questão da mulher quando ela é muito agredida dentro da casa pelo marido, então isso aí, vai passando pra criança (...) porque não adianta fazer um trabalho só com a criança (...)”
5	“(...) com palestras, dialogando com as crianças sobre violência, fazendo bastante trabalho com eles, que ocupando e mostrando pra eles a realidade do que pode acontecer, o que vem a acontecer com a violência, entendeu? (...) Aqui na escola se conversa muito, sabe? (...)então, isso começa na família, principalmente, nas famílias de baixa renda, bem humildes.”
6	“O trabalho que está sendo realizado, né? A tomada de conscientização de cada educador, pra mim. Também do corpo administrativo e de toda a escola. Não escamotear nenhum tipo de violência, ao contrario, trazer à tomada de conscientização também aos alunos, através de debates, filmes, abordagem de temas relativos à violência, né? E um trabalho na própria comunidade não é só ficar aqui dentro da escola, não, sabe? Porque a escola é um segmento, não é início, é segmento da vida de um ser humano, desse cidadão que nós queremos formar. Cada um fazendo um trabalho determinado, mas sempre com um objetivo único, né? Desenvolver projetos em relação a isso, trabalhar, sabe? E fazer um trabalho de responsabilidade, porque isso daí é abraçar uma luta, uma luta, porque a violência não está só na escola, ela está em todos os lugares, é guerra, é tudo. Então, o aluno liga a televisão e vê tudo (...)”
7	“As estratégias deveriam começar com um direcionamento para que o aluno desenvolva o ano pela sua escola, pelos seus estudos, fazer com que eles participem das atividades realizadas na escola, agora pra mim é preciso que os professores se interessem e se conscientizem que a violência tá impedindo até da gente realizar o nosso trabalho, tá?”
8	“Eu acho que tinha que ter um trabalho principalmente com a família e na escola mesmo, tentar sensibilizar todos os professores, né? Pra que eles sentissem que está interferindo na aprendizagem como um todo e que só com a ajuda de todos isso seria “solucionado”, né? Porque tem outras coisas que não tem apoio de Governo, até da própria Secretaria de Educação, que começa uma coisa e não tem final. A violência tem que ter solução dentro da escola, mas com o apoio de todos, conversar, né? (...) ajudando a escola, os alunos e os pais, (...) Eu acho que a Psicologia é que tem que trabalhar com eles, o Serviço Social também, porque tem pais que são pobres, mas trabalhadores, mas que são muito ignorantes. Então a família, a família tem que ser trabalhada porque tem uma variedade de problemas relacionados à violência, né? O professor, acha que ele ganha pouco, né?, ele pensa: Ah, eu não vou fazer isso porque vai dar trabalho, ou então: Ah, não vai dar certo, ele acha que ele ganha só pra dar aula (...)”
9	“A escola precisa repensar a sua função social, tentar criar estratégias pra trazer esse aluno pra escola, tentar manter esse aluno na escola, capacitando seu professor. Escola e professor se comprometendo em dialogar com o seu aluno e em conjunto ajudar alguma coisa. Não só dar os conteúdos que não tem nada a ver com a vida dele, não. Pegar essa vida dele e tentar trazer pra sala de aula e mostrar pra ele a realidade que ele vive. Aí ele vai sentir que a escola é atrativa pra ele, é importante na vida dele, que a escola se preocupa com ele e automaticamente ele vai sentir prazer em vir pra escola e a tendência será de diminuir a violência, porque ele vai se sentir querido aqui, a auto-estima dele vai ser levantada e ele vai levar isso pra casa, porque quando o pai for agir com violência lá, ele vai dizer que ele fez um trabalho sobre isso, ele está falando sobre isso, então a escola precisa abrir as portas pros problemas que estão aí na realidade; tentar discutir essa realidade aqui dentro e tentar construir alguma coisa a partir disso; quer dizer, fazer o aluno ter um pensamento crítico sobre a realidade que ele vive, tentar construir alguma coisa com relação a isso. É isso que eu tento fazer na sala de aula. Quando eu pego um assunto, eu construo com os meus alunos um texto onde eles percebam a mãozinha deles naquela construção, porque no outro diz ele volta, por ele se sentir importante, ele se sentir querido, e automaticamente isso melhorando na escola, ele se sentindo valorizado aqui

Cont.	dentro, ele vai se sentir querido lá fora, vai se sentir mais forte, sei lá [] pra tentar lutar e buscar o espaço dele. Eu acho que vai por aí.”
10	“É muito difícil essa pergunta, eu acho assim, que a escola pode trabalhar orientando, a gente (nós) de Língua Portuguesa com textos, o professor de religião tentando atribuir uma visão de valores, de ética pra esses alunos. (...) o que pode contribuir pra isso é o ajustamento familiar, né? Agora a gente tem que tentar conscientizar os alunos. Minimizar, a gente pode, é possível, orientando os alunos sobre isso, inclusive, eu já consegui com um aluno, que usava Rophinol, (...) Depois eu consegui, conversei com ele aí, no final do ano, ele pelo menos disse que havia parado, e eu senti que ele estava se esforçando mais, e houve um crescimento pelo menos educacional. (...)”
11	“É fazer palestras tanto pros alunos, como pra família, né? Chamar profissionais da área, mostrar através de fitas o problema da violência, (...) não trabalhar o aluno isolado, mas junto com a família, também deveria ser feito palestras pros pais, responsáveis, (...)”
12	“(...) deveriam trazer os pais dos alunos e fazer um trabalho com estes pais, (...) porque a violência começa dentro de casa, os meninos já saem de casa revoltados e trazem tudo pra dentro da escola. Enquanto não se trabalhar com essas famílias, nós não vamos conseguir nada.”
13	“(...) Vai precisar de um trabalho que tem que envolver todos os segmentos da escola, tanto o apoio operacional como professores, como direção, porque muitas vezes as pessoas confundem, pensam que a educação é responsabilidade somente do professor, e não é. A gente trabalha no âmbito escolar, e isso tem de perpassar por todos esses segmentos, mas acho que as escolas podem fazer projetos pra discutir, rever essa situação. É, se conversar com os pais, fazendo seminários nas escolas, é ter debates, ou o diálogo mesmo. Talvez levar um sexólogo, pra tratar sobre educação sexual (...) Mas eu acho que sim, a gente pode tentar resolver e, se não for o caso, a gente deve chamar os técnicos da rede estadual, conversando com os pais e dividindo com eles esse problema. (...)”
14	“Eu acho que trabalhar com os alunos, mostrar pra eles como está a situação toda, mostrar vídeos, (...) Trazer uma pessoa bem indicada assim no caso, né? Pra conversar, dialogar com eles; pessoas de fora, uma psicóloga. Eu acho que tem que ter uma solução. Fazer trabalhos, entrevistar as pessoas da escola ou de fora envolvendo os alunos, trabalhos até valendo média, porque eles até se interessam mais, né? Como eles estão acostumados a fazer sobre drogas, (...)”
16	“O que está faltando muito aqui é integração, porque existindo a integração, existindo a união, existe a força. Existindo a força existe a compreensão, (...) Trazendo pessoas que possam nos orientar, através de debates, palestras, porque nós temos uma sala de vídeo que nos oferece, que nos dá chance dessas oportunidades para que possamos curtir, porque nós temos vídeo, televisão, e então nos enriquecer, nos despertar, para ajudar aqueles que precisam. Nós estamos numa expectativa de mudança, e nós estamos trabalhando para isso, eleição pra direção, (...), os nossos alunos precisam de ajuda. Não só os alunos, mas a família dos alunos, porque aqui a escola já foi invadida por pai de aluno armado pra bater em professor, mãe de aluno que invade a sala pra querer bater numa outra criança, é verdade, houve isso. (...)”
17	“(...) você tem que ter um agente, uma pessoa que estivesse constantemente na escola, né? Fosse como no meu tempo, o inspetor, teria a pessoa a inspecionar, tá? E todo final de expediente teria um relatório. Chegando o fim do mês, vamos estudar esse relatório, ver onde houve mais erro, mais agressão, mais problemas, mais falhas. Vamos ter uma fiscalização, uma vistoria, vamos começar pela raiz, começar vistoriar, vamos participar, ir na sala de aula, nós da Secretaria de Educação vamos ter semanalmente, ou mensalmente palestras com os alunos da escola. Vamos saber a opinião de cada um, vamos saber como é na família, porque eu digo assim: a educação ela não é dada só na escola, ela é começada na família. A escola vai aprimorar. (...) Vamos pegar a base, não adianta pegar lá em cima, vamos por baixo. Então faria, vamos trazer psicólogos, vamos trazer pessoas assim, pra dar palestras, passar filme, (...). Através de uma palestra, o aluno começava a escutar, né? Trazia também a família pra ter participação junto com o filho, não era só botar o pai, não. (...), ele vai ter que assinar ali porque não veio; o filho só vai ter que dar entrada na escola quando o pai chegar. Vamos pegar esse momento pesado.
19	“(...) Os pai são os primeiros que deveriam ter, reunião, diálogo pra informar esses pais.

19	Eu acho assim, primeiro também, pela aprendizagem senão, não aprendem. O pai chega em casa e pergunta: O que ensinaram de conteúdo? Quando o menino chega em casa os pais reclamam porque não sabem das mudanças que vão acontecer, então eu acho que conversando com eles, dando palestras, tentar orientar, né? Mas coitados, eles não tem tempo! Como fazer? Como? Fazer uma festinha, alguma coisa que pudesse trazer eles aqui na escola. Eu acho que a vinda deles aqui na escola podia ajudar muito. (...)”
20	“Eu acho que tem que ter instrumental humano qualificado. Os professores muitas vezes não tem qualificação profissional, pois que o Curso Técnico não dá um milímetro. Na grade curricular não tem por exemplo: Antropologia, tem na grade curricular Psicologia em dois anos, que é o ínfimo. Ainda ontem uma colega me parou no corredor e mostrou um desenho que um aluno fez de um órgão sexual. Olham, que coisa ridícula! É dito isso de uma forma tão ingênua que chega ferir à ética profissional, não é? É falado nos corredores. Então, se tivesse um conhecimento técnico e melhor qualificação essas coisas seriam vistas e seriam direcionadas de uma forma mais natural porque a sexualidade, a violência, a insatisfação, as angústias, são aspectos, são sentimentos inerentes ao ser humano. Então a gente não pode pensar num indivíduo sem pensar nele num todo; então a violência, a sexualidade, as angústias, o sucesso ou o fracasso faz parte; tem que dar credibilidade pra algumas coisas, enfatizar no sentido positivo algumas coisas, e outras não. Tá faltando esse equilíbrio na escola e eu atribuo única e exclusivamente ao aprimoramento desses profissionais com certeza. (...) hoje em dia, Auxiliadora, toda essa questão da violência, professores e alunos estão no mesmo nível, sabe? Não tem mais aquela questão de que o professor sabe de tudo e o aluno não sabe de nada. Socialmente em relação à violência eles (nós) estão no mesmo nível, e se a gente perceber que a gente está no mesmo nível a gente pode se ajudar, a gente pode se abrir mais pra dizer: querido aluno você é meu parceiro, vamos tentar mudar? É a gente pode tentar mudar, não é o mundo, mas a realidade da sala de aula, porque isso já é muita coisa com certeza”.

As respostas dos professores em relação às saídas ou estratégias nos permitiu chegar as categorizações abaixo:

Categoria A - A integração da escola com a família e a comunidade.

- criação de espaço (esporte, espaço sadio) (1) socialização, jogos, histórias, dramatizações (2), integração (16), colagem, recorte de revistas (3)
- criar ambiente atrativo estimulando o prazer (9);
- trabalho com os pais (3 a 4; 8; 10 a 12);
- valorização e melhoria da escola (8) (9);
- sensibilização e orientação dos professores (6; 8 a 9), conscientização dos alunos (6 a 7)

Categoria B – Importância do diálogo neste processo

- utilização do diálogo (3; 8 a 9; 13 a 15; 19)
- sentimento afetivo, auto-estima (9)
- sanar dúvidas (13)
- ética, visão de valores e ética com os alunos (10)

Categoria C – Necessidade de projeto/prevenção da violência

- trabalhar a violência (2 a 3; 9 a 10; 12 a 14)
- qualificação de pessoal e adaptação curricular (20)

Categoria D – Recursos didáticos para favorecer a prevenção e controle da violência

- palestras dialogadas (2 a 3; 5; 9)
- reuniões (3), filmes (5 a 6; 11; 14 a 15), debates (6; 3; 16), entrevista (14), confraternizações (19), visita ao aluno (20)

Categoria E – Apoio profissional e institucional

- do governo, da Secretaria de Estado, da Psicologia, do Serviço Social, Profissionais da área (11), toda a escola, de outros profissionais (14; 16), de inspetor, fiscal (17)

Em relação as categorias relacionadas as saídas ou estratégias para resolver ou minimizar a violência nas escolas, os professores consideram primeiramente que é necessário a integração da escola com a família e a comunidade.

Para isso referem que, várias estratégias podem ser utilizadas; inclusive algumas das estratégias citadas, eles procuram utilizar no seu cotidiano escolar. Porém, destacam que é preciso a sensibilização de alunos, professores e demais integrantes da escola neste processo.

Reconhecem que não se sentem seguros para lidar com as questões de violência, mas entendem que é uma necessidade na atual conjuntura. Necessitam de apoio profissional e institucional para se instrumentalizarem adequadamente, e assim poderem trabalhar as questões transversais como a violência.

O diálogo foi apontado pela maioria como a estratégia mais adotada para atentar solucionar os problemas, assim como, adoção de recursos didáticos é considerada por eles necessária para favorecer a prevenção e o controle da violência nas escolas. Segundo Aquino (1999), o trabalho de prevenção e controle da violência nas escolas é uma necessidade urgente e a inclusão deste como proposta deve ser inserido no projeto político-pedagógico das escolas.

CAPÍTULO V
CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos tratados neste estudo e os dados apresentados pelos professores pesquisados, depreendemos que:

- eles têm uma visão real e crítica sobre o fenômeno da violência nas escolas em geral e em suas escolas., considerando-a um fenômeno em expansão, reforçado pelas desigualdades sociais e pela desestrutura familiar , destacando ainda a seriedade da influência da mídia, revelando que a escola é o reflexo de tudo isto;
- identificam a ocorrência de manifestações explícitas e implícitas de violência, o que dificulta as relações interpessoais, na escola, em todos os níveis, assim como, o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem;
- reconhecem que a maioria das manifestações de violência na escola decorrem, principalmente, de reações agressivas dos alunos, mas alguns dos entrevistados reconhecem que há ainda docentes que contribuem para a manifestação da violência nos alunos, devido a manutenção de uma postura autoritária em sua prática docente;
- tiveram dificuldade de apresentar suas idéias sobre violência sexual na escola, embora, muitos dos professores tenham relatado fatos e acontecimentos dentro e fora da escola, evidenciando sentimentos de inconformismo frente a esta questão;
- destacaram que em relação as estratégias ou saídas para a resolução do problema da violência nas escolas é importante a realização de um trabalho sério por parte das escolas, que seja incluso no projeto político pedagógico, reconhecendo que para trabalhar estas questões no âmbito escolar é necessário a participação de todos os cidadãos na construção deste processo, afirmando ser um problema de ordem social, e de solução complexa, que tem repercussões não só na área educacional, mas também na saúde, sendo pois relevante a parceria de todos na promoção da educação para a paz e saúde dos escolares;

- dentre as estratégias utilizadas para a abordagem da violência na escola o diálogo foi percebido, como uma das formas capazes de despertar a reflexão e a discussão indicando as possibilidades para a sua superação, apesar dos professores não se sentirem preparados suficientemente para trabalhar com essa temática, e ainda demonstrarem sentimentos como medo, insegurança, preocupação, entre outros, frente a essa realidade, demandando, pois, investimentos necessários para a sua capacitação.

Portanto, acreditamos que a escola, enquanto espaço de interação e formação humana, torna-se fundamental para a superação da violência através de um trabalho crítico e político por parte de seus agentes, pois a busca do equilíbrio do homem, do estabelecimento da paz e a superação da violência passam necessariamente pela educação.

Assim, finalizamos este trabalho que não pretende esgotar a discussão sobre a violência na escola, mas provocar reflexões que suscitem novas questões ao entendimento e superação da mesma, e contribuir com as escolas estudadas para a elaboração de propostas de programas educativos para subsidiar os professores a trabalharem com esta temática e/ou outras relacionadas com a violência.

ANEXO A

Ribeirão Preto, 02 de fevereiro de 2002.

Ao comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Estamos encaminhando a este comitê o projeto de pesquisa que tem como tema: A violência no contexto escolar: a visão docente da rede estadual do município de Belém, para a devida apreciação.

O projeto faz parte das atividades da aluna Maria Auxiliadora Pereira, junto ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica para obtenção do título de mestre.

Atenciosamente,

Aluna: Maria Auxiliadora Pereira

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sônia Maria Villela Bueno

ANEXO B**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Ilm^a. Sr^a Secretária,

Eu, Maria Auxiliadora Pereira, portador do R.G. 4663670, enfermeira, docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará, COREN-PA n° 20.018, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação, nível mestrado, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, área de concentração Enfermagem Psiquiátrica, venho solicitar a V.Sr^a autorização para coletar dados em escolas de Ensino Fundamental desta Secretaria para a minha dissertação de Mestrado, cujo tema é A violência no contexto escolar.

Faz-se oportuno esclarecer que a participação dos docentes será voluntária e a mesma ocorrerá após consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Em anexo consta cópia do Projeto de Pesquisa

Antecipadamente agradeço,

Maria Auxiliadora Pereira

Ilm^a Sr^a

Prof^a Maria Izabel Castro Amazonas

M.D. Secretária Executiva de Educação do Estado do Pará.

ANEXO C**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Prezada Senhora,

Eu, Maria Auxiliadora Pereira, portador do R.G. 4663670, enfermeira, docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará, COREN-PA nº 20.018, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação, nível mestrado, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, área de concentração Enfermagem Psiquiátrica, venho solicitar a V.Sr^a autorização para coletar dados para minha Dissertação de Mestrado nesta escola dirigida por V. S^a.

Faz-se oportuno esclarecer que a participação dos docentes será voluntária e a mesma ocorrerá após consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Em anexo consta cópia do Projeto de Pesquisa

Antecipadamente agradeço,

Maria Auxiliadora Pereira

Ilm^a. Sr^a.

Diretora da Escola E.R.C. Bento XV

ANEXO D**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Prezada Senhora,

Eu, Maria Auxiliadora Pereira, portador do R.G. 4663670, enfermeira, docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará, COREN-PA nº 20.018, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação, nível mestrado, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, área de concentração Enfermagem Psiquiátrica, venho solicitar a V.Sr^a autorização para coletar dados para minha Dissertação de Mestrado nesta escola dirigida por V. S^a.

Faz-se oportuno esclarecer que a participação dos docentes será voluntária e a mesma ocorrerá após consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Em anexo consta cópia do Projeto de Pesquisa

Antecipadamente agradeço,

Maria Auxiliadora Pereira

Ilm^a. Sr^a.

E.R.C. Paulo Maranhão

ANEXO E**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Prezada Senhora,

Eu, Maria Auxiliadora Pereira, portador do R.G. 4663670, enfermeira, docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará, COREN-PA nº 20.018, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação, nível mestrado, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, área de concentração Enfermagem Psiquiátrica, venho solicitar a V.Sr^a autorização para coletar dados para minha Dissertação de Mestrado nesta escola dirigida por V. S^a.

Faz-se oportuno esclarecer que a participação dos docentes será voluntária e a mesma ocorrerá após consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Em anexo consta cópia do Projeto de Pesquisa

Antecipadamente agradeço,

Maria Auxiliadora Pereira

Ilm^a. Sr^a.

E.E. José Bonifácio

ANEXO F**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Prezada Senhora,

Eu, Maria Auxiliadora Pereira, portador do R.G. 4663670, enfermeira, docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará, COREN-PA nº 20.018, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação, nível mestrado, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, área de concentração Enfermagem Psiquiátrica, venho solicitar a V.Sr^a autorização para coletar dados para minha Dissertação de Mestrado nesta escola dirigida por V. S^a.

Faz-se oportuno esclarecer que a participação dos docentes será voluntária e a mesma ocorrerá após consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Em anexo consta cópia do Projeto de Pesquisa

Antecipadamente agradeço,

Maria Auxiliadora Pereira

Ilm^a. Sr^a.

E.E. Donatila Santana Lopes

Anexo G

INFORMAÇÕES A SEREM FORNECIDAS AOS SUJEITOS DA PESQUISA

Prezado Professor,

Estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa científica, cujo tema é **A violência no contexto escolar**.

Os objetivos deste projeto são investigar junto aos professores do Ensino Fundamental como vêm a questão da violência nas escolas em geral e nas escolas em que atuam, suas dificuldades e dúvidas; como lidam com esta problemática, e posteriormente, trabalhar com eles ações de educação e intervenção conjuntas, em relação aos seus problemas sobre a temática em foco.

Para levantamento dos dados, utilizaremos a entrevista individual, baseado-nos num roteiro de questões semi-estruturadas.

Caso concorde em participar deste estudo, gostaríamos de destacar que sua contribuição será de grande importância e que não haverá nenhum risco ou prejuízo pessoal ao participar, estando as entrevistas previstas para ocorrer nos meses de abril e maio de 2002.

Solicitamos que leia o termo de consentimento que será apresentado para apreciação e assine-o caso haja concordância de sua parte.

Colocamos-nos a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas durante a investigação.

Agradecemos antecipadamente a sua atenção.

Responsáveis pela pesquisa:

Maria Auxiliadora Pereira

Prof^a Dr^a Sônia Maria Villela Bueno

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO DE PESQUISA

Eu, _____, RG _____ declaro que assinando este documento, estou dando o meu consentimento para ser entrevistada pela enfermeira e pesquisadora Maria Auxiliadora Pereira, aluna do Curso de Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, o que contribuirá para o levantamento de dados da pesquisa, cujo tema é A violência no contexto escolar. Compreendo que estarei cedendo, a partir da presente data, os direitos de minha entrevista individual para ser utilizada integralmente ou em partes, sem restrições, pelas pesquisadoras Maria Auxiliadora Pereira e Sônia Maria Villela Bueno, respectivamente orientanda e orientadora do referido trabalho. Compreendo também que estará assegurado o meu anonimato nos resultados dos dados obtidos ao tempo que estou livre para consentir ou recusar minha participação em qualquer etapa do processo.

Assim, declaro que as informações que forneci para esta pesquisa podem ser usadas, e inclusive, divulgadas.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura

Anexo H

INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

- SEXO: _____ ● IDADE: _____
- ESTADO CIVIL: _____ ● RELIGIÃO: _____
- FORMAÇÃO ESCOLAR: () MAGISTÉRIO. QUANTOS ANOS? _____
() NÍVEL SUPERIOR. QUAL? _____
() OUTROS. QUAL? _____

2. QUESTÕES ESPECÍFICAS:

- a) Como você vê, hoje, a violência nas escolas em geral?
- b) Como você vê a violência na sua escola?
- c) A que você atribui o surgimento da violência na escola?
- d) Na sua opinião, quais os tipos de violência que ocorrem nas escolas em geral?
- e) O que você pensa da violência sexual? Isto ocorre na escola em que você atua?
- f) Quais as estratégias ou medidas indicadas que poderiam resolver ou minimizar o problema da violência nas escolas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABROMOVAY, M (org.) **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, U.C.B., 2002, 156 p.
- ABROMOVAY, M. ET AL. Percepções dos alunos sobre repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. IN: **Escola e violência** / Mirian Abromovay (org.) Brasília: UNESCO, UCB, 2002, p. 89 – 117.
- ABROMOVAY, M. & RUA, M. das G. (coord.) **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação FORD, CONSED, UNDIME, 2002.
- ALARÇÃO, I. A Escola Reflexiva. In: **A Escola Reflexiva e Nova Racionalidade** / Org. Isabel Alarção. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2001, p. 15 – 30
- ALMEIDA, H.D. de. Violência Urbana: adolescente em emergência pública. IN: **Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília: Aben/Governo Federal, 2000, p. 73 – 78.
- ANDRADE, A.P.M. de. **A percepção docente sobre a violência na escola e a educação ambiental como possibilidade para sua superação**. 2001. 122 p. Dissertação Mestrado – Fundação Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande.
- AQUINO, J.G. (Org.) **Autoridade e Autonomia na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1999.
- _____, N. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre ética e seus avessos** / Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 2000.
- ARAÚJO, C. **A violência desce para a escola**. Carla Araújo, Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BARUFFA, G. Agressividade Humana: Mito ou realidade? **Rev. da UCPel; EDUCAT**, v. 1, n. 2, p. 31 – 42, dez. 1991.
- BENEVIDES, P. de O. & GUERREIRO, P.M. da S. **Adolescência e Violência na escola: um estudo realizado no Município de Belém**. 2001. 56 p. Monografia Especialização Universidade da Amazônia, Belém – PA

- BOFF, L. **Ética da Vida**. Brasília: Betraviva, 1999
- **BRASIL**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais: ética. Rio de Janeiro: 2 ed. Rio de Janeiro: D.P. & A., 2000. 146 p
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20/12/96 – Plano Nacional de Educação: Lei nº 10.172, de 10/01/2001 e a legislação correlata e complementar / supervisão editorial Jair Lot Vieira/ 2 ed., Revista, atualizada e ampliada. Bauru, SP: Edipro, 2001
- BUENO, S.M.V. **Educação Preventiva em Sexualidade, DST-Aids e Drogas para crianças, adolescentes e adultos jovens**. (Documento/ Ministério da Saúde – CNDST/Aids) Brasília – DF 1997-8, p. 106-120
- _____. Pedagogia e Saúde da Esperança. **Rev. Expressão Feedback**, Ribeirão Preto, ano 6, n. 70, junho, 2003, p.6-10
- CAMACHO, M.L.Y.V. **Violência e indisciplina no cotidiano escolar de jovens estudantes de classes médias**. 2000. 168 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação USP, São Paulo.
- CANDAU, V.M. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- _____, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARDIA, N. A violência urbana e a escola. **Contemporaneidade e Educação**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, set, 1999
- CHALITA, G,. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gentes, 2001
- DAMACENA, A & ARNAUD, E. Violência no Brasil: resgate do debate. In: Violência, sociedade e cultura. **Cadernos CERIS**, v.1 , n. 1, abril, 2001
- FONSECA, T.M.G. Dos manicômios as salas de jantar: considerações a respeito da psicopatologia educacional. IN: SANTOS, J.V. et al. **Violências no tempo de globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1999, p. 477 – 486.
- FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980, p. 26 – 88.

- _____, P. Estrutura do Ensino no momento atual. IN: **Instituto Pichon – Rivière. O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon – Rivière**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p.41 – 3
- _____, P. **Pedagogia do Autonomia**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GUIMARÃES, A.M. **A escola e a violência: relações entre vigilância, punição e depredação escolar**. 1984. 96 p. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Campinas.
- _____, **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- GUTTARI, F. **As três ecologias**. 10 ed. São Paulo: Pajeirus, 2000.
- INOUE, A.A. Trajetórias e desafios pessoais. IN: INOUE, A.A. et al. **Temas Transversais e educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999, p. 11-16
- ITANI, A. A violência no imaginário dos agentes educativos. **Cadernos CEDES**, ano XIX, n. 47, dez 1998, p. 36 – 50
- JARES, X.R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática / Xésus R. Jares; Trad. Fátima Murad**. 2 ed. Revisada e Ampliada. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- LEVINSKY, D.L. **Adolescência e violência: Conseqüências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- LUDKE, M & ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
- MINAYO, M.C. de S. **Estudo Multidisciplinar sobre atuais condições e atendimento a crianças e adolescentes do Rio de Janeiro em situações especiais difíceis – Município do Rio de Janeiro e Duque de Caxias**. Rio de Janeiro: CLAVES/ENSP/FIOCRUZ, 1993. Mimeografada
- _____, M.C. de S. **É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do Campo de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 7 – 32, 1999.
- _____, M.C. de S. **Interdisciplinaridade na compreensão da violência e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP, 1990. Mimeografada

- _____, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____, M.C. de S. **Violência e saúde na produção intelectual brasileira**. Seminário sobre metodologia da pesquisa em violência e saúde na América Latina. Santiago/Chile: CLAVES, 1990
- _____, M.C. de S. Violência como indicador de qualidade de vida. **Acta Paul. Enf. São Paulo**, v. 13. Número Especial, parte I, p 159 – 166, 2000.
- MORAIS, R. de. **Violência e Educação** / Regis de Moraes. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- _____, R. de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 10 ed., 1993. Coleção Primeiros Passos.
- NARANJO, C. Educando a pessoa como um todo para um mundo como um todo. IN: BRANDÃO, D.M.S. & CREMA, Roberto. **Visão Holística em Psicologia e Educação**. São Paulo: Summus, 1991, p. 111 – 122.
- NETO, A.M.Q.F. A internalização da violência. **Tempo e presença**. São Paulo, v. 268, n.15, p. 18 – 21, 1993.
- ODÁLIA, N. **O que é violência?** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PEKRUL, L.H. Violência na Sociedade e o ambiente de trabalho no cuidado à saúde. **Debates Contemporâneos em Enfermagem**, v. 6, n. 8, out., 1999, p. 455 – 464.
- PERALVA, A. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. **Contemporaneidade e Educação**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, set, 1997.
- PICHON-RIVIÈRE, E. e QUIROGA, A. Psicologia da vida cotidiana. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, J. V. T. A violência como dispositivo de excesso de poder. **Sociedade & Estado Departamento de Sociologia – UnB**, v.10, n. 2, Jul-Dez, 1995
- SCHMIDT, R.T. O lugar da mulher na cultura: notas sobre a violência. **Entre Linhas**. Porto Alegre: n. 2, p. 8, Mai/Jun, 2000.
- SILVA, A.M.M. A violência na escola: a percepção de alunos e professores. In: TOZZ, D.A. & ONESTI, L. F. **Os desafios apresentados no cotidiano escolar**. São Paulo: FDE (série idéias), p. 253-67, 1997.

- SPOSITO, M. P. A Instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação**. São Paulo, n. 104, 1998.
- _____, M. P. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 105 –122, Jan/Jun 2001
- TEXEIRA, L.M. **A criança e a Televisão: amigos ou inimigos?** São Paulo: Edições Loyola, 1985, 55 p.
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa científica em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- WAISELFESZ, J.J. (coord.) **Juventude e cidadania: os Jovens de Brasília**. São Paulo: Cortez Editora, 1998, p 61 – 5
- WEIL, P. & RIBEIRO, M. A. A paz no espírito dos homens. IN: BRANDÃO, D. e CREMA, R. **Visão holística em psicologia e educação**. 2. ed. São Paulo.
- WERNECK, H. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo** / Hamilton Werneck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.